Dean Dominic De Lucia nasceu em Washington, D.C., EUA. Começou seus estudos sobre astrologia védica no final dos anos 70, sendo um de seus mais antigos praticantes no mundo ocidental. Interpreta mapas através da astrologia indiana, tendo grande habilidade prática e maior ligação com esse sistema de predições.

Formado em Administração de Empresas pela Universidade de Baltimore, EUA; Interpretação pela PUC - São Paulo e com diploma C-2 pela Universidade Pontifícia de Salamanca na Espanha. Desde 1992, publica artigos na Astrological Magazine e Modern Astrology, revistas publicadas em Bangalore, Índia.

ASTROLOGIA VÉDICA

TEMAS DIVERSOS

Começando pela segunda metade do século XX, muitos desafios, perguntas e questões emergiram para confrontar o entendimento tradicional da astrologia indiana. E certas técnicas, antes minimizadas – talvez por séculos – surgiram e se fizeram conhecer também. Agora, esses tópicos já foram tratados e debatidos na Índia por algum tempo, e até mesmo nos países falantes de língua inglesa, visto que esses países foram os primeiros a confrontarem essas questões. Agora, na língua portuguesa, este livro é publicado a fim de familiarizar a audiência falante desse idioma acerca destas questões.

A presente obra discute a fonte e natureza autêntica do zodíaco da Índia; apresenta a técnica e as implicações de considerar o signo regente de um planeta como um barômetro de seu sucesso; fornecemos uma compreensão ampla de aspectos planetários junto do entendimento da influência da casa cardinal projetada pelos planetas; expomos o erro de usar um ano de 365 dias para calcular períodos planetários; revelamos a insensatez de tentar compatibilizar casamentos através das manipulações do horóscopo; e expomos francamente a falta de qualquer justificativa para regências planetárias sobre asterismos / *nakshatras*.

A filosofia da astrologia é a filosofia do tempo, dado que a astrologia não é nada senão um estudo do tempo, e a natureza do tempo é explicada pelo tema: "Tempo e Dias do Futuro, que Já se Passaram".

Tenho a esperança de que este livro inspirará os leitores a expandirem seus horizontes e se beneficiarão com estes entendimentos.

ISBN 978-65-87562-30-8

RELIGHARE

DEAN DOMINIC DE LUCIA

ASTROLOGIA VÉDICA TEMAS DIVERSOS

RELIGHARE

ASTROLOGIA VÉDICA

TEMAS DIVERSOS

DEAN DOMINIC DE LUCIA

LEGENDA

Abaixo estão os símbolos referentes aos planetas e signos. Utilize este guia como auxílio na leitura dos mapas no interior do livro.

PLANETAS

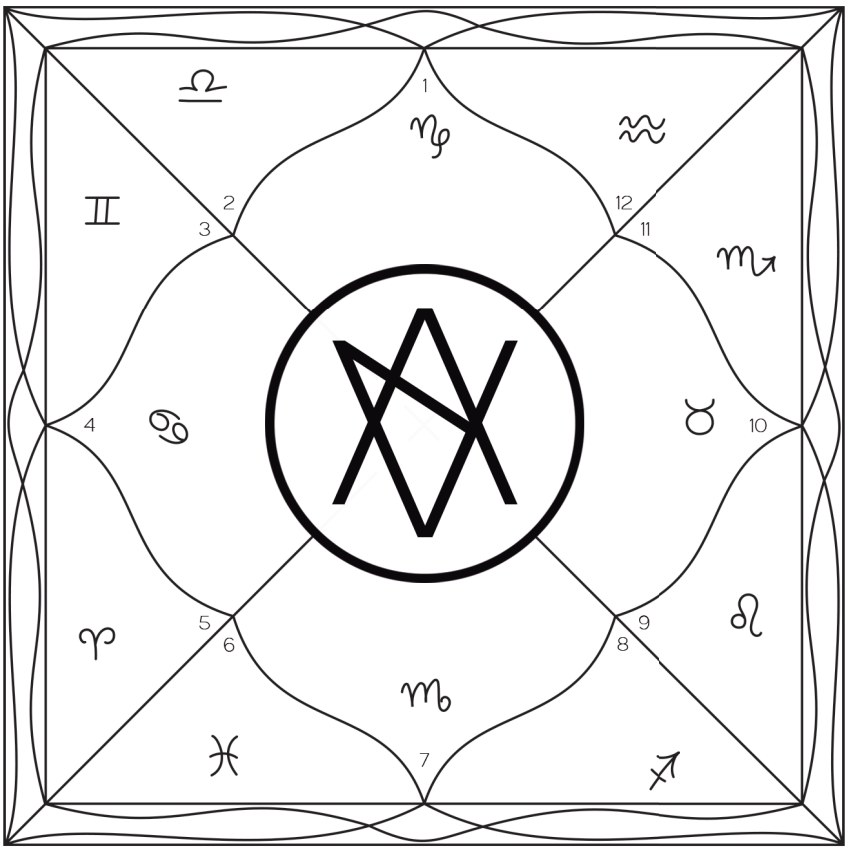
- JÚPITER
- KETU
- MARTE
- RAHU
- MERCÚRIO
- SOL
- SATURNO
- LUA
- VÊNUS

SIGNOS

- ÁRIES
- LIBRA
- TOURO
- ESCORPIÃO
- GÊMEOS
- SAGITÁRIO
- CÂNCER
- CAPRICÓRNIO
- LEÃO
- AQUÁRIO
- VIRGEM
- PEIXES

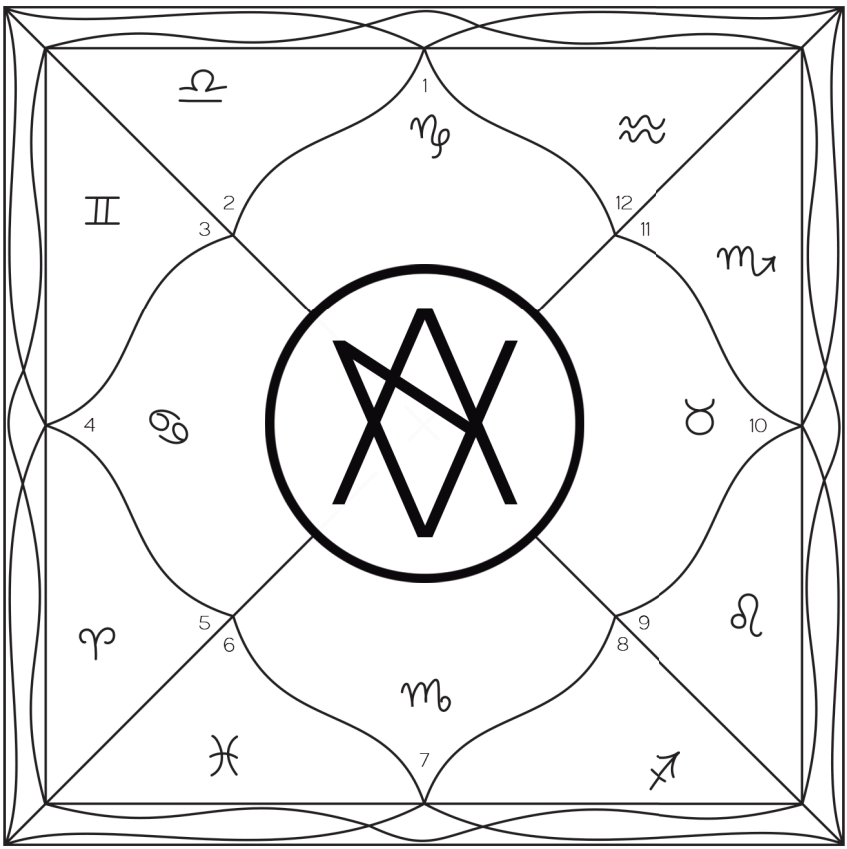
ASTROLOGIA VÉDICA

TEMAS DIVERSOS



ASTROLOGIA VÉDICA

TEMAS DIVERSOS



DEAN DOMINIC DE LUCIA

RELIGHARE

1ª Edição

Autor: Dean Dominic De Lucia (Dharmapada Dasa).

Editor: Thiago Costa Braga (Bhagavan Dasa).

Tradução: Camila Loricchio.

Revisão: Thiago Costa Braga (Bhagavan Dasa).

Diagramação: Letícia Batista (Lilesvari Devi Dasi).

Capa**:** Letícia Batista (Lilesvari Devi Dasi), Mateus Dias (Narada Muni Dasa).

ISBN: 978-65-87562-30-8

D366a.Pc Lucia, Dean Dominic De Lucia
Astrologia védica: Temas Diversos / Dean Dominic De Lucia. _ Pindamonhangaba: Coletivo Editorial, 2022.
196 p.

ISBN: 978-65-87562-30-8
1. Astrologia védica. I. Título.

CDD: 130
CDU: 133.54

Ficha catalográfica elaborada por Gláucia Grossi de Faria CRB-6/1318 de acordo com o AACR2

COLETIVO EDITORIAL

RELIGHARE
Selo oficial do Coletivo Editorial

visite-nos na internet:

www.coletivoeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. O texto desta tradução não pode ser reproduzido todo ou em parte, por qualquer meio, sem prévia e formal autorização dos proprietários dos direitos autorais.

"Nossa civilização escolheu o maquinário, medicação e felicidade. E é por isso que preciso manter estes livros trancados em um cofre."

Admirável Mundo Novo, Aldous Huxley

SUMÁRIO

Introdução 11

Capítulo Um
As Origens Gregas do Zodíaco São Uma Grande Bobagem 15

Capítulo Dois
Planetas e Sol Conectados por Cordas 21

Capítulo Três
A Influência das Casas Cardinais, as Posições Cardinais 25

Capítulo Quatro
Aspectos 31

Capítulo Cinco
Planetas Solenoides e Madhyata 33

Capítulo Seis
A Retificação de Horóscopos 37

Abraham Lincoln 39
George Harrison. 40
General George Armstrong Custer,
do Exército dos Estados Unidos. 43
Charles Dickens 49

Capítulo Sete
Analisando Outros Horóscopos a Partir do Seu 53

Capítulo Oito
Influência Rakshasa, Estabeleça a Conexão! 57
Levados para Bases Subterrâneas 62

Capítulo Nove
Classificações das Casas que Dividem Indicações 67

Capítulo Dez
Admoestações Estelares 73

Capítulo Onze
Júpiter É um Brahmana 77

Capítulo Doze
Vênus É Benéfico e Brahmana 81

Capítulo Treze
Brahmanas Interesseiros X Astrólogos Tradicionais 85

Capítulo Catorze
Vidas Futuras e Pregressas & A Arte de Morrer 93
Adolf Hitler 98
Mahatma Gandhi 99

Capítulo Quinze
Ano Vimshottari: 360 ou 365 Dias? 101

Capítulo Dezesseis
Exceções à Ocupação de Casas. 107

Capítulo Dezessete
Autores de Horror e Terror 113
Mary Shelley 114
Robert Louis Stevenson. 116
Edgar Allan Poe 120
O. Henry 123
Rod Serling 126

Capítulo Dezoito
Debilitação e Cancelamento 129

Capítulo Dezenove
Planetas Retrógrados 137

Capítulo Vinte
Anulação Realizada por Shatabhish 141

Capítulo Vinte e Um
Depositantes na Astrologia Védica 145

Capítulo Vinte e Dois
O Eixo Rahu-Ketu Refletivo e Seus Resultados 151

Capítulo Vinte e Três
O Assassinato de Villemin e Horóscopos. 159

Capítulo Vinte e Quatro
Combustão Planetária 167

Capítulo Vinte e Cinco
A Regência da Décima Segunda Casa É Neutra 173

Capítulo Vinte e Seis
Tempo e Dias do Futuro, que Já se Passaram. 177

Capítulo Vinte e Sete
Compatibilidade de Casamento:
É Possível Forjar um Destino? 185

Sobre o Autor 195

INTRODUÇÃO

Todo livro tem um propósito, e talvez se pergunte por que eu deveria escrever um livro que reúne uma variedade de assuntos sobre astrologia védica. O caminho mais natural seria escrever sobre seus princípios e definições de uma maneira mais sistemática.

Bem, isso já foi feito, em 1997, com meu primeiro livro: *Astrologia Védica: Desvendando os Mistérios do Zodíaco*. A este livro logo seguiram mais dois: *Astrologia Védica na Prática* e *Astrologia Védica e Os Beatles*, ambos abordando as técnicas e padrões básicos para interpretação.

Então, por que escrever temas variados sobre o assunto? Bem, para atar as pontas soltas dos livros anteriores! Sempre é possível se aprofundar em alguns pontos, e perspectivas diferentes logo saltam à mente. Existem conceitos errôneos que também se infiltraram na astrologia védica original e é preciso abordá-los.

Minha linha da astrologia segue as palavras do Senhor Sri Krishna na *Bhagavad-gita*, capítulo 4, verso 2, em que Sri Krishna fala ao Seu devoto e amigo Arjuna:

evam parampara-praptam
imam rajarshayo viduh
sa kaleneha mahata
yogo nastah paran-tapa

> "Esta ciência suprema foi assim recebida através da corrente de sucessão discipular, e os reis santos compreenderam-na desta maneira. Porém, com o passar

> do tempo, a sucessão foi interrompida, e, portanto, a ciência como ela é parece ter-se perdido."

É preciso encarar com seriedade a prática da astrologia védica em seu estado de pureza, sem os vestígios das influências ocidentais ou islâmicas. A literatura mais antiga à qual temos acesso vem de escritores do sul da Índia. Por exemplo, Viraha Mihir, que escreveu o *Brihat Jataka* e a *Brihat Samhita*. Ele nasceu em 505 d.C. e morreu em 587. Seu filho, Prithuyashas, escreveu o *Hora-sara*. Ambos intencionavam preservar o sistema astrológico de maneira fiel, para que se evitasse a perda e confusão, então suas obras são confiáveis. Em geral, a literatura astrológica do sul da Índia segue essas exatas intenções e propósitos, mantendo-se não contaminada. Um motivo para esse fato é que a invasão islâmica na Índia só ocorreria muito tempo depois e, mesmo quando o fez, não alcançou o território no sul da Índia. Assim sendo, os escritores do sul da Índia puderam escrever sem restrições; sem a pressão causada pelos invasores que eram contra a cultura que mantinham.

Trago mais dois exemplos de autores que mantiveram a antiga tradição astrológica, um deles é Vaidyanatha Dikshita, que viveu entre os séculos XIV e XV em Mysore. Ele é o autor do venerável *Jataka Parijata*. O outro é Vyankatesh Sharma, que escreveu o *Sarvartha Chintamani* no século XIII. Trago pontos referentes ao *Brihat Jataka* neste livro, e cito tanto o *Jataka Parijata* quanto o *Sarvartha Chintamani* com o objetivo de trazer certas técnicas e definições com firmeza, afastando dúvidas que geralmente são comuns.

Já publiquei também vários capítulos aqui presentes em formato de artigos na revista *The Astrological Magazine*, de Dr. B. V. Raman, o astrólogo mais bem-sucedido da Índia no século XX; também na revista que se tornou a sucessora da primeira, *Modern Astrology*, cuja redatora, Gayatri Devi Vasudev (GDV), é filha de Raman e também atualmente reconhecida como a principal astróloga mulher da Índia. Meu primeiro artigo, referente ao horóscopo de John Lennon, foi publicado em 1992. Continuei como colaborador ocasional até meados de 2009, quando a revista mudou de nome para *Modern Astrology*. Desde então, sigo escrevendo, mantendo uma média de um a dois artigos publicados anualmente na revista.

Não trago esses fatos como forma de me gabar, mas sim para validar que meus conhecimentos são reconhecidos como aceitáveis justamente por terem sido publicados em revistas de grande circulação e aclamação na Índia, o berço da astrologia védica.

Tenho esperanças de que este livro será bem recebido pelos leitores, e que despertará interesse e aprovação. Se o que espero se concretizar, já será uma recompensa mais que suficiente.

Dean Dominic De Lucia (Dharmapada Dasa)
11 de outubro de 2021, São Paulo, Brasil.

- CAPÍTULO UM -

AS ORIGENS GREGAS DO ZODÍACO SÃO UMA GRANDE BOBAGEM

Este capítulo apareceu no formato de artigo na edição de julho de 2019 da revista Modern Astrology, em Bangalore, Índia.

Enquanto eu lia a edição de abril de 2019 da revista *Modern Astrology*, publicada em Bangalore, na Índia, as palavras da editora Sra. Gayatri Devi Vasudev saltaram aos meus olhos. Sua fala ao Comitê de Chenai do ICAS (*Indian Council of Astrological Sciences*) foi a seguinte:

> O *Srimad Ramayana*, escrito durante a última parte de Treta-yuga [...] claramente menciona os *signos* do zodíaco nas posições planetárias do momento do nascimento do Senhor Rama, o que demonstra a mentira da teoria da origem grega da astrologia.

Em outras palavras, os signos zodiacais são mencionados no *Ramayana* muito antes de aparecer em fontes gregas.

Gostaria de corroborar essa fala e trazer mais evidências que auxiliem pensar a cronologia da linha do tempo védica. Dvapara-yuga durou 864 mil anos, de modo que a época do *Ramayana* teria ocorrido aproximadamente um milhão de anos antes, já que Treta-yuga antecede Dvapara-yuga. A cronologia védica certamente refuta as tais origens gregas da astrologia.

Porém, acadêmicos ocidentais não aceitam essa cronologia. Na verdade, não aceitam basicamente a totalidade da versão védica dos fatos em geral. Quando os britânicos traduziram os textos antigos

durante o século XVII, leram sobre os *vimanas* que voavam de forma semelhante a OVNIs e desprezaram esse fato, já que não havia uma correspondência contemporânea. Eles leram sobre flechas que se moviam sob o comando de *mantras* na direção de seus alvos, mas também desprezaram esse fato, já que não havia uma correspondência contemporânea. Nos tempos atuais, todavia, já entramos em contato com objetos que se assemelham a *vimanas*, bem como já possuímos armas que são ativadas por comandos de voz, além de mísseis que perseguem alvos específicos.

O maior problema do pensamento ocidental reside na mentalidade restrita do "Dr. Sapo". Quando informado de que o oceano era um grande corpo de água, ele respondeu: "É maior do que o meu poço?" Quando informado que era muitíssimo mais amplo do que seu poço, ele respondeu: "Seria ele dez vezes maior do que o meu poço? Cem vezes maior?" Acredito que o leitor já tenha compreendido aonde quero chegar.

Há construções megalíticas em várias partes do mundo, o que aponta para a existência da civilização em uma linha do tempo que se estende por milhões de anos. Isso justifica por si só a cronologia védica. Declara-se que Machu Picchu foi tão bem construída que foi feita quando o terreno ainda era plano, antes dos Andes se tornarem a cordilheira atual. Também há monumentos antigos de cidades tibetanas, além de construções megalíticas abandonadas no meio do Saara, que também nos levam a fantasiar sobre essa cronologia tão fantástica. Mas não é sobre isso que quero tratar neste capítulo.

Gostaria de reproduzir aqui um pequeno trecho do livro *A História Secreta da Raça Humana*, de Cremo e Thompson, que traz evidências excelentes nesta temática, com vários exemplos. No Apêndice A2.9, há informações sobre uma corrente de ouro encontrada durante o período carbonífero em Morrisonville, Illinois.

> Em 11 de junho de 1891, *The Morrisonville Times* publicou: "Um achado curioso chegou a nós através da Sra. S.W. Culp, na última manhã de terça-feira. Enquanto ela preparava um pedaço de carvão para colocá-lo no balde, ela descobriu, quando o pedaço se desfez, uma pequena corrente de ouro,

> de forma circular, com aproximados vinte e cinco centímetros, parecendo antiga e bem trabalhada. Inicialmente, a Sra. Culp acreditou que a tal corrente teria caído acidentalmente no meio do carvão, mas, enquanto ela puxava a corrente em sua direção, um pedaço ainda intacto de carvão veio junto, tornando a ideia da corrente ter caído há pouco tempo falaciosa, já que, ao quebrar, ele se separou praticamente na metade, com a posição circular da corrente ainda mantida por outro pedaço ainda intacto. Este é um estudo para alunos de arqueologia que apreciam enigmas referentes às eras geológicas da Terra, de cujas profundezas sempre emergem mistérios. O pedaço de carvão em que a corrente estava presa foi analisado posteriormente, e determinou-se que teria vindo das minas de Taylorville ou Pana (no sul do Estado de Illinois, Estados Unidos). Esse mistério chega a tirar o fôlego quando se reflete sobre quanto tempo, de eras e eras terrenas, teria levado para que as correntes douradas ficassem escondidas tão profundamente. A corrente tinha oito quilates e pesava pouco mais de 12 gramas."
>
> Em uma carta para Ron Calais, o Sr. Vernon W. Lauer, atual editor do *The Morrisonville Times*, disse: "O Sr. Culp era editor e dono do jornal em 1891. A Sra. Culp, que foi quem fez a descoberta, se mudou para Taylorville depois de sua morte [...], e a morte dela ocorreu em 3 de fevereiro de 1959". Calais disse ao nosso pesquisador assistente (Stephan Bernath) que tinha informações de que a corrente foi presenteada a um dos parentes da Sra. Culp depois de sua morte, mas Calais não descobriu mais sobre seu paradeiro.
>
> O Departamento de Pesquisas Geológicas do Estado de Illinois disse que o carvão no qual a corrente foi encontrada tinha entre 260 e 320 milhões de anos. Fato que aumenta a possibilidade de que sociedades humanas avançadas já habitavam a América do Norte naquela época. [Parênteses do original]

No mesmo apêndice desse livro, ainda há outra descrição útil que envolve uma moeda entalhada. É difícil confundir uma moeda com algo que possa ser naturalmente formado. Moedas sempre são artefatos construídos. Na página 801, é possível ler:

> Em 1871, William E. Dubois, do *Smithsonian Institute*, relatou a presença de diversos objetos manufaturados que foram encontrados em camadas profundas do estado de Illinois. O primeiro foi algo que se assemelhava a uma moeda de cobre de Lawn Ridge, no condado de Marshall. Em uma carta ao Instituto, J.W. Moffit (a pessoa que descobriu a moeda) contou que estava cavando um poço, em agosto de 1870, usando uma broca comum, e alcançou a profundidade de 38 metros (a moeda vindo à tona no meio dos sedimentos retirados pela broca). Analisando as camadas de sedimentos, o Departamento de Pesquisas Geológicas do Estado de Illinois estimou a idade das amostras até a profundidade de 35 pés. Elas teriam se formado durante o período interglacial Yarmouthiano (Pleistoceno Inferior ou Médio) entre 200 mil e 400 mil anos atrás. (Fim da citação de Moffit) W.E. Dubois disse que o formato da semimoeda era 'poligonal, quase circular', e tinha imagens de figuras e inscrições rústicas em ambos os lados. As inscrições eram em um idioma que Dubois não reconheceu. [...] Considerando a espessura uniforme da moeda, ele disse que a moeda teria sido feita por uma prensa. [...] Além disso, Dubois relatou que a moeda deve ter sido cortada com apoio de um cinzel ou tesoura de poda, com as arestas polidas. [Parênteses do original]

Os autores do livro seguem com outro apontamento, dizendo que, "de acordo com os estudos mais reconhecidos, moedas de metal foram usadas pela primeira vez na Ásia Menor durante o século I a.C." Aparentemente, esses estudos também são "conversa fiada".

Descobertas como essas confirmam a linha do tempo védica, cuja cronologia de *yugas*, ou eras, podem durar até milhões de anos. A civilização terrestre é cíclica. Assim sendo, essa história da astrologia e dos signos se originarem na Grécia antiga já cai por terra. Como demonstrado anteriormente, o clássico védico *Ramayana* menciona claramente signos de posicionamentos planetários.

A duração de cada um dos quatro *yugas* foi a seguinte:

Satya-yuga (também conhecida como Krita-yuga). A primeira era durou 1.728.000 anos. Também conhecida como a Era de Ouro

ou Era da Verdade. As qualidades dessa era: a virtude reinava suprema, a estatura humana era de 9,5 metros, a expectativa de vida era de 100 mil anos.

Treta-yuga. Essa segunda era durou 1.296.000 anos. Também conhecida como Era de Prata. As qualidades dessa era: o ambiente era de três quartos de virtude e um quarto de pecado; a estatura humana era de 6,5 metros, a expectativa de vida era de 10 mil anos.

Dvapara-yuga. Essa terceira era durou 864.000 anos. Também conhecida como Era de Bronze. As qualidades dessa era: o ambiente era metade virtude, metade pecado, e a expectativa de vida era de mil anos.

Kali-yuga. A quarta e última era tem 432.000 anos. Também conhecida como Era de Ferro. Essa é a era na qual atualmente vivemos. As qualidades dessa era: o ambiente é de um quarto virtude e três quartos pecado, a estatura humana é de 1,6 metros, a expectativa de vida é de no máximo 120 anos.

Apesar de toda evidência que acompanha o conhecimento védico, acadêmicos ocidentais, arqueólogos e antropólogos aparentam ignorar tudo. Ao contrário, apresentam-nos uma cronologia evolutiva que vai dos macacos ao homem civilizado que não concebe a existência de uma civilização humana há 260-320 milhões de anos. Talvez essa origem faça sentido para as origens dos próprios acadêmicos.

- CAPÍTULO DOIS -

PLANETAS E SOL CONECTADOS POR CORDAS

Este capítulo apareceu no formato de artigo na edição de setembro de 2019 da revista Modern Astrology, em Bangalore, Índia.

No *Bhagavata Purana*, no canto cinco, capítulo 21, verso 14, descreve-se a carruagem do deus Sol ao redor do monte Sumeru com seu eixo interno (horizontal) conectado ao pico da montanha, enquanto seu eixo externo (também horizontal) repousa ao alcance da cordilheira Manasottara. O verso 7 descreve o Manasottara como uma cordilheira circular. Ele também indica que o pico do eixo externo da carruagem está conectado a Dhruvaloka, a Estrela Polar, que mantém o eixo vertical com o monte Sumeru (em uma conexão angulada na direção central).

No capítulo 23, verso 3, explica-se que os planetas são "conectados" à Estrela Polar a partir de suas "órbitas individuais". A palavra em sânscrito utilizada é *yogena* – *yoga* no sentido de ligação. A palavra inglesa *yoke* deriva dessa mesma raiz, como aparece em *yoga*; em português, a palavra é *jugo*, em espanhol se utilizando um "y": *yugo*.

Esse tipo de conexão e vínculo descrito anteriormente sugere um tipo de cordame celestial. As "cordas" eletromagnéticas que conectam o Sol aos planetas são uma referência a filamentos plasmáticos invisíveis que alcançam o espaço em todas as direções. Esses filamentos são tão sutis que não podem ser visualizados a olho nu. Nosso sistema solar é como um circuito elétrico em que os filamentos correspondem aos "fios" que conectam o Sol a cada um dos planetas.

Para mais detalhes, na descrição do *Bhagavata*, existe a definição da ideia dos planetas estarem conectados tanto à Estrela Polar quanto ao Sol.

E vejam só! Tais conexões também foram observadas por astrônomos, sendo definidas como "cordas magnéticas" (embora as descrições similares do *Bhagavata* tenham cinco mil anos de idade!).

Nesse sentido, peço que volte sua atenção para o seguinte artigo publicado pelo Departamento de Matemática e Ciência Física da UCL (*University College London*), de nome "Corda Magnética Observada pela Primeira Vez entre Saturno e o Sol":

> [O artigo começa com] Uma estrutura magnética retorcida, nunca antes registrada em Saturno, foi detectada pela primeira vez, usando instrumentos construídos na UCL e Imperial College.
>
> Quando o campo magnético do Sol interage com o da Terra (na magnetosfera), um processo complexo ocorre, chamado de reconexão magnética, no qual ocorre a torção do campo numa forma helicoidal. [Observem que todas as cordas têm fibras torcidas para fim de força]
>
> [O artigo também menciona que] Essas estruturas torcidas helicoidalmente são chamadas de cordas de fluxo, ou Eventos de Transferência de Fluxos, e podem ser observadas na Terra e de forma bastante corriqueira em Mercúrio.

Se considerarmos os efeitos da gravidade como uma consequência do movimento de atração e repulsão eletromagnética, as implicações dessas cordas magnéticas se tornam ainda mais relevantes. Isso implica que elas são fortes o suficiente para segurar os planetas por suas órbitas.

Essas considerações astronômicas da UCL e Imperial College confirmam, sem dúvidas, as versões do *Purana*, que antes eram imperceptíveis e indetectáveis. Graças à percepção permitida por equipamentos atualizados para observação, astrônomos conseguiram trazer o conhecimento do *Purana* à tona. Desta forma, trazem

relevância à nossa fé nos conhecimentos védicos, mesmo sob o escrutínio da ciência contemporânea e ataques ateístas. Tiramos os nossos chapéus para eles!

- CAPÍTULO TRÊS -

A INFLUÊNCIA DAS CASAS CARDINAIS, AS POSIÇÕES CARDINAIS

O conhecimento de casas cardinais já é bem sabido na astrologia indiana, sendo que planetas nessas casas cardinais que são referentes ao ascendente e Lua se tornam muito influentes; para o bem ou para o mal. Não há necessidade de se aprofundar nesse fato, já que a compreensão sobre as casas cardinais já foi bem discutida na maior parte dos livros que perpassam tal assunto.

Mas as posições de casas cardinais não se referem somente a posicionamentos planetários referentes ao ascendente e Lua, mas também aos posicionamentos planetários referentes entre eles. Planetas localizados em posições cardinais específicas influenciam-se mutuamente, afetando os impactos do que cada planeta representa. Esses planetas podem representar suas qualidades naturais, acontecimentos ou pessoas na vida do dono do horóscopo. Essa ideia de influências entre planetas em posições cardinais mútuas se torna uma técnica de análise interpretativa por si só.

Para trazer uma referência da literatura clássica, existe um verso interessante do capítulo 10, verso 6, do *Sarvartha Chintamani* (Sagar Publications Editions), com tradução para o inglês de J.N. Bhasin, que diz: "Se Júpiter ocupar a décima casa, e Vênus ocupar seu signo de exaltação em *qualquer* casa cardinal, alguém pode se purificar através de banhos sagrados no Ganges." Nosso objetivo em analisar este trecho é o fato de que se Vênus ocupar *qualquer* casa cardinal relacionada a Júpiter, há uma influência mútua entre os dois. Qual a lógica por trás disso? Júpiter é um planeta de *dharma* e religião, a casa dez representa as atividades de uma pessoa, e Vênus é um planeta aquático e benéfico. A conclusão possível é que as atividades

religiosas de alguém (com Júpiter na décima) ganham aspecto aquático graças às influências de Vênus.

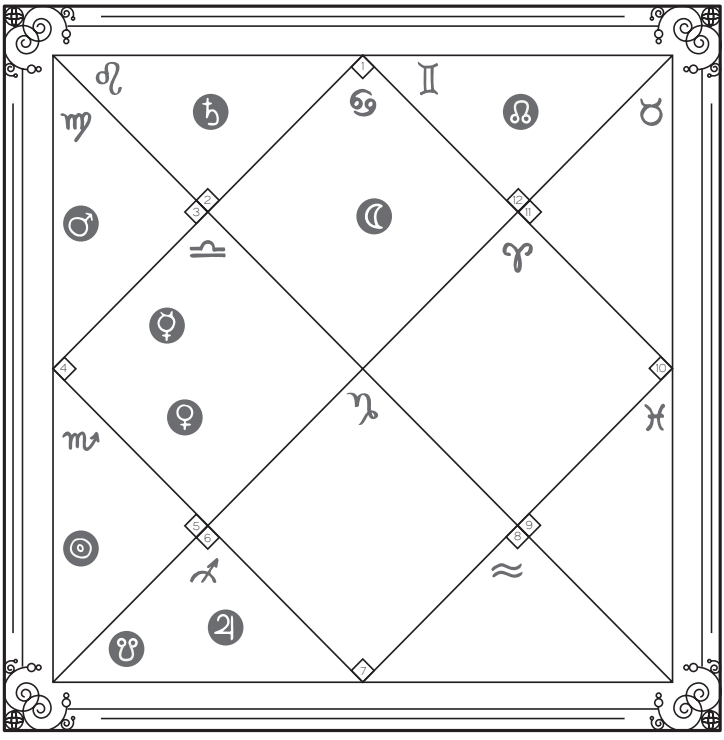
Mais alguns exemplos dessa técnica baseada nas casas cardinais podem ser lidas em *Notable Horoscopes*, de Dr. B.V. Raman, o astrólogo indiano mais celebrado e influente do século XX. O horóscopo número 59 é o de Jawaharlal Nehru, primeiro-ministro da Índia durante o primeiro momento pós-colonial. *Sankha-yoga* ocorre quando os regentes das casas 5 e 6 estão em posições cardinais mútuas, e o regente do ascendente é poderoso. Dr. Raman escreve que "os regentes das quintas e sextas casas estão em casas cardinais mútuas que constituem *sankha-yoga*. Seu altruísmo, amplo conhecimento cultural, seu internacionalismo parecem ser as bençãos desse *yoga* (combinação)."

Em outro livro, *300 Important Combinations*, página 66, o autor emprega as descrições "humanitário, inclinado à integridade, gosta de fazer boas ações" para definir essa combinação *sankha-yoga*. Vendo as inclinações de Nehru para o altruísmo e internacionalismo, fica claro que ele se encaixa nessa descrição de *sankha-yoga*.

O que nos interessa especificamente quando falamos da influência da posição das casas cardinais é que os regentes da quinta e sexta casas – Marte em Virgem e Júpiter em Sagitário sob o ascendente em Câncer – não ocupam casas cardinais em relação ao ascendente, nem em relação à Lua. Caso ocupassem, isso não negaria o conceito da influência interplanetária de uma casa cardinal: esses planetas não necessitam estar em casas cardinais que correspondam ao ascendente ou à Lua.

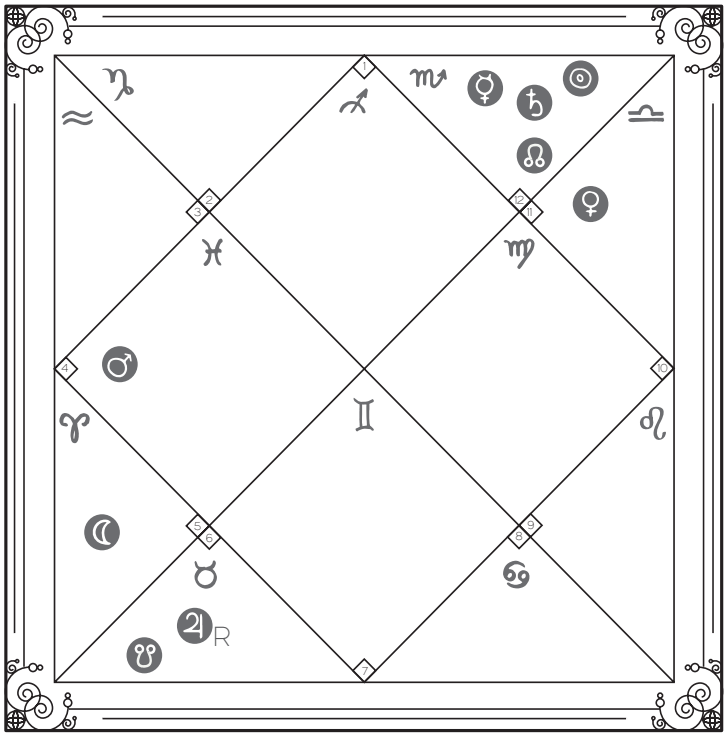
O foco aqui é que eles apenas ocupam posições cardinais em relação um ao outro. Então, é verdade que Marte aspecta Júpiter no caso descrito anteriormente, enquanto Júpiter não aspecta Marte em sua totalidade. Não é uma questão de ambos o fazerem, não da forma como concebemos. O que é possível concluir é que a influência deriva de posições mútuas nas casas cardinais, e não a partir do ascendente. Para evitar confusões semânticas: é possível entender melhor este fenômeno através da influência da casa cardinal.

Jawaharlal Nehru:



Em relação ao sultão Tippu, que corresponde ao horóscopo 21 no livro *Notable Horoscopes*, página 125, o autor menciona: "De Chandra Lagna, Júpiter e Saturno, regentes da nona e décima casa, embora estejam em casas cardinais mútuas que causam *raj-yoga*, são afetados por Rahu, Marte e Ketu." Novamente neste caso, é possível inferir que nem Júpiter nem Saturno ocupam uma casa cardinal a partir do ascendente ou da Lua. Mas ocupam sim casas cardinais em relação um ao outro. Dr. Raman utiliza essa característica que forma a posição da casa cardinal para identificar o *raj-yoga*, mesmo que, neste caso específico, seja um pouco mais fraca.

Sultão Tippu:



Já mencionamos que qualquer posição mútua entre planetas em casas cardinais pode se relacionar às pessoas na vida do nativo do horóscopo. Para trazer um exemplo, a terceira casa representa irmãos mais novos, e a sétima, o cônjuge. Se o regente da terceira e sétima casa ocuparem uma casa cardinal mútua, isso vai indicar um relacionamento entre esse irmão e o cônjuge. Podem ser de inimizade, de amizade, dependendo dos planetas que estiverem envolvidos. Os regentes das casas que regem relacionamentos interpessoais na vida do nativo podem ter várias configurações, sendo a casa cardinal apenas uma delas.

Alguns comentários adicionais que gostaria de trazer se referem a um alerta: antes do astrólogo se perder em tangentes, interpretando

cada uma das indicações, inclusive as mais fracas, como o *amsha* divisional de horóscopos ou aspectos de casas *jaimini*, é preciso analisar todas as possibilidades a partir do horóscopo base, o do nascimento. Por exemplo, os aspectos de casas *jaimini* não ocorrem a não ser que os planetas estejam energizando as casas, e, ainda assim, pode ocorrer *argala*, um bloqueio do aspecto. O bloqueio não chega a ocorrer com casos de aspectos planetários tradicionais. E não ocorre de maneira alguma com a influência de casas cardinais. A bem da verdade, a influência das casas cardinais é simplesmente um aspecto planetário, mas não um aspecto pleno, tendo menos força.

Em relação aos horóscopos *amsha*, é preciso ter em mente que *navamsha* e todas as outras subdivisões não chegam a afetar e contradizer indicações do horóscopo de nascimento. Elas, na verdade, são secundárias, auxiliando nas decisões que ficam às margens. Dr. Raman confirma esse fato no clássico *Prasna Marga*, capítulo 17, verso 32:

> Além do mais, o *navamsha* pode se referir somente quando o *rashi* (horóscopo do nascimento) for satisfatório [quando for claro]. Neste caso, como o *rashi* (horóscopo do nascimento) em si não assegura felicidade (em outras palavras, o *rashi*/ horóscopo do nascimento definitivamente indica um resultado negativo), o *navamsha* pode ser desconsiderado [deixado de lado].

Quando um astrólogo renomado como Dr. Raman deixa claro que é preciso que o horóscopo do momento do nascimento forneça apoio para certas considerações e que o *navamsha* não tem a autoridade de modificar fatos, devemos ficar atentos. O *navamsha* somente serve para confirmações e fornecer detalhes.

Ressalto novamente a importância de focar-se no horóscopo do momento do nascimento, antes de caminhar para as tangentes e analisar indicações cada vez mais fracas. E que casas cardinais interplanetárias fazem parte dessa análise do horóscopo do momento do nascimento.

- CAPÍTULO QUATRO -

ASPECTOS

Em meu primeiro livro, Astrologia Védica: Desvendando os Mistérios do Zodíaco (2015, com tradução de Vania Maria Jorge de Castro), descrevi a natureza dos aspectos planetários no capítulo 16. Abaixo, transcrevo esse mesmo curto capítulo, de forma revista e ampliada.

O termo "aspecto" se refere à forma pela qual um planeta lança sua influência sobre outro planeta ou signo. Em sânscrito, os aspectos são chamados de *drishti*, ou olhar.

Todos os planetas aspectam totalmente a casa oposta à sua. Esse tipo de aspecto é chamado de "oposição". Além disso, Parashara nos informa que Marte aspecta totalmente as casas quatro e oito a partir de onde ele estiver; a isso se dá o nome de "quadratura". Saturno lança um aspecto total à terceira e à décima casas a partir de onde ele estiver. Por fim, Júpiter, Rahu e Ketu aspectam plenamente a quinta e a nona casas a partir de onde eles estão localizados. Esse é o aspecto de trígono.

Existem outros aspectos, além desses que aspectam plenamente. Por exemplo, os aspectos de quadratura (a quatro casas e a oito casas) de todos os planetas são aspectos com 3/4 de força, exceto o de Marte, que lança todo o seu poder àquelas casas.

No clássico *Saravali* (*Xarávali*), traduzido por R. Santhanam, e publicado por Ranjan Publications em Nova Délhi, na Índia, o verso 32 do quarto capítulo diz o seguinte: "Planetas emprestam 1/4 do aspecto na terceira e décima casa, 3/4 do aspecto na quarta e oitava,

1/2 do aspecto na quinta e nona, e um aspecto total na sétima, contando a partir de suas posições."

Tecnicamente, a força de um aspecto cai num determinado ponto a certa distância dele. Para sermos mais específicos, o ataque da oposição cai a exatamente 180 graus de distância; o do trígono cai a 120 graus; o da quadratura, a 90 graus, e o do sextil, a 60 graus. Contudo, os aspectos são poderosos o bastante para que seus ataques, ao atingir uma casa, irradiem-se dentro daquela casa toda, não importando qual tenha sido o ponto exato onde eles tenham caído. Para tornar as coisas mais simples, os aspectos são contados com base de casa para casa. Os leitores não deveriam perder tempo contando os graus, ou perderão a floresta contando as árvores...

Também deve ser notado que a natureza dos aspectos, seja boa, seja má, é determinada pela disposição do planeta no horóscopo. Isso é diferente na astrologia ocidental e muçulmana (*Tajaka*), nas quais a própria natureza do aspecto determina se ele é bom ou ruim. Por exemplo, nesses sistemas, um aspecto de oito casas seria considerado negativo, simplesmente porque é um aspecto que alcança oito casas.

- CAPÍTULO CINCO -

PLANETAS SOLENOIDES E MADHYATA

Este capítulo apareceu no formato de artigo na edição de julho/agosto de 2021 da revista Modern Astrology.

Joseph H. Cater, em seu livro *The Awesome Life Force*, nas páginas 139-140, descreve a fonte do geomagnetismo, das auroras e do campo magnético do nosso planeta. Essa descrição desafia aquelas contraditórias da geofísica moderna, validando a versão védica de *madhyata*, a Terra Oca, de tal forma que pode ser uma leitura interessante.

> A teoria convencional do geomagnetismo tem o mesmo mérito que algumas outras previamente discutidas. De acordo com o aceito atualmente, a maior porção do geomagnetismo é resultado de correntes elétricas em um núcleo de ferro a 3200 quilômetros abaixo da superfície. Essa teoria é anulada automaticamente já que esse núcleo de ferro não existe. Mesmo se existisse, a conclusão mais convencional seria igualmente falsa. Cientistas são um bocado vagos no que se refere à maneira pela qual o campo magnético se estenderia duas mil milhas além de uma corrente elétrica. Uma corrente muito forte seria necessária para que um campo magnético fraco seja criado, e, ainda assim, esse efeito se estenderia a uma curta distância. A resistência elétrica do ferro, às temperaturas alegadas, seria inacreditável. Como existe uma diferença potencial tão grande sendo produzida e mantida nesse núcleo hipotético?
>
> A magnitude, largura e profundidade de tais correntes teriam de ser inacreditáveis para estender o campo magnético por uma fração mesmo que mínima, e esse campo eletromagnético

> requerido seria ainda mais inacreditável. Então, de onde vem esse campo? Até hoje, os cientistas relutam em explicar esse fato, especialmente já que essas correntes estão confinadas a uma bola e percorreriam caminhos já traçados.
>
> Outra demonstração dessas inconsistências e contradições perpassa os processos convencionais de físicos em relação a Saturno e seu campo magnético. Para eles, esse núcleo de ferro é essencial para explicar esse campo magnético ao redor de um planeta. De acordo com informações astronômicas, Saturno supostamente teria uma massa muito pequena em relação ao seu tamanho, mas todas as evidências, inclusive com as sondas já enviadas para percorrer as proximidades de sua atmosfera mais externa, demonstram que ele tem um poderoso campo magnético. Para compensar sua pouca massa, os físicos concluíram que o núcleo deve consistir de hidrogênio líquido. É evidente que precisaram aceitar ideias contraditórias para resolver esse dilema. A ameaça às teorias geomagnéticas foi completamente ignorada.
>
> Existe uma ampla gama de evidências que apoia a conclusão de que o geomagnetismo é produzido devido à rotação da Terra. A intensidade do mesmo depende da concentração de cargas negativas na atmosfera e crosta, e da velocidade de rotação. Conforme a Terra gira, ela cria essa carga. É o equivalente a uma miríade de correntes elétricas, movendo-se juntas na mesma direção. O efeito é idêntico a um grande solenoide. É interessante reparar que a polaridade do campo magnético da Terra corresponde ao de um solenoide com uma corrente que flui na direção da rotação da Terra [...].

Sim, o campo magnético da Terra é uma prova direta de um efeito como o de um solenoide gerado por um orbe oco, giratório, com orifícios nos polos. É mais fácil aceitar a explicação de um planeta oco do que aceitar informações contraditórias da teoria de um planeta sólido como a dos geofísicos. Esse fenômeno valida a versão do *Purana,* uma literatura histórica védica, de um mundo interno: *madhyata.*

Além do mais, este fenômeno abre espaço para a compreensão de que as radiações eletromagnéticas não são emanadas pelos planetas através de dínamos em seus núcleos, as auroras sendo uma válvula de escape para o excesso que se acumula na cavidade oca. O que se compreende a partir disso é que existem partículas do Sol que são capturadas no interior da esfera quando atravessam a Terra; encontrando saída nos polos. Como observado por exploradores do Ártico no passado, as auroras são emitidas verticalmente do nosso planeta, não sendo diretamente produzidas por ventos solares que se direcionam nas direções dos extremos polares.

Na literatura do *Purana*, os planetas são compreendidos como ocos. Por exemplo, no *Mahabharata*, capítulo 16, Sri Krishna comenta com Yudhisthira:

> Vossa Majestade é qualificado sob todos os aspectos para a execução do sacrifício Rajasuya e para se tornar imperador do mundo, mas Vossa Majestade terá, primeiramente, que derrotar o poderoso Jarasandha, que formou uma aliança quase invencível com numerosos monarcas. Ele expandiu sua influência e seu controle por toda a porção central da Terra e planeja conquistar o restante do globo. Ele é o maior obstáculo aos planos de Vossa Majestade.

Além disso, no *Brahmanda Purana*, declara-se que os filhos do rei Sagara atravessaram uma entrada no "oceano do Norte" até o mundo interno com "grande júbilo" (capítulo 52). Outra narração bem conhecida dos *Purana* que remete claramente a um planeta oco é uma que faz referência ao *avatara* Parashurama, que pode ser encontrada no nono canto, capítulo 16, versos de 19 a 21, do *Bhagavata Purana*. O verso 19 indica que Parashurama confrontou a casta de reis guerreiros vinte e uma vezes, banindo-os do interior para a superfície da Terra (*pritivi*). Então, explica-se que ele distribuiu as oito direções da bússola para alguns *rishis*. O que faz sentido já que Parashurama tinha ojeriza pela casta guerreira/*kshatriya*. Depois de mencionar-se as oito direções da bússola, e os *rishis* que as receberam para que reinassem no lugar, *Madhyata*, a porção do meio, é mencionada. O *Bhagavata Purana* cita que essa porção foi destinada a Kashyapa Rishi. Nesse ponto, a narração se torna mais descritiva. Depois dessa menção às oito direções na superfície/*pritivi*, e o banimento dos

kshatriyas a *priviti,* a superfície da Terra, o *Bhagavata Purana* menciona essa porção do meio, logo em seguida. Tanto o vocabulário quanto a linha do tempo narrativa sobre Parashurama são indicativos diretos que nos auxiliam na compreensão desse aspecto oco do planeta. E não é o único relato que aparece nos *Puranas*.

Pessoalmente espero que os residentes do mundo interior, *madhyata,* encontrem um caminho até *nós,* que estamos na superfície da Terra, *pritivi,* seja de maneira direta, seja indireta, para que nos ofereçam auxílio e orientação nos tempos turbulentos que vêm por aí.

- CAPÍTULO SEIS -

A RETIFICAÇÃO DE HORÓSCOPOS

A retificação ocorre quando não se sabe o horário exato de nascimento do indivíduo. É um tema abordado no capítulo 5 do *Brihat Jataka* e, assim, uma prática genuína já feita antigamente.

No capítulo 11 de *Hindu Predictive Astrology*, chamado "Sobre a Verificação da Hora do Nascimento e Retificação", Dr. B.V. Raman inicia o texto elucidando esse tema:

> A importância de saber o momento exato é tão relevante que não é possível destacar o suficiente. Um dos trabalhos mais difíceis do astrólogo é encontrar esse momento exato do nascimento para fazer suas predições. Na maioria dos casos, não há registro desse momento, já que é comum que algum tempo passe entre o nascimento e seu registro. Embora a importância desse conhecimento seja tremenda, não é possível estabelecer regras claras que nos permitirão encontrar esse momento exato. É aceito por astrólogos eminentes que o horário do nascimento é marcado pelo primeiro choro do bebê, que geralmente corresponde à primeira respiração.

Destacamos: "[...] não é possível estabelecer regras claras que nos permitirão encontrar esse momento exato." Mesmo assim, Dr. Raman escreve naquele capítulo sobre um método que permite determinar o horário de nascimento com base no horário de concepção. Nos tempos idos, as castas mais altas de hindus mantinham um registro da hora da concepção, já considerando as necessidades dos astrólogos. Hoje em dia, essa prática não é tão frequente por lá, então o que dirá por aqui no ocidente!

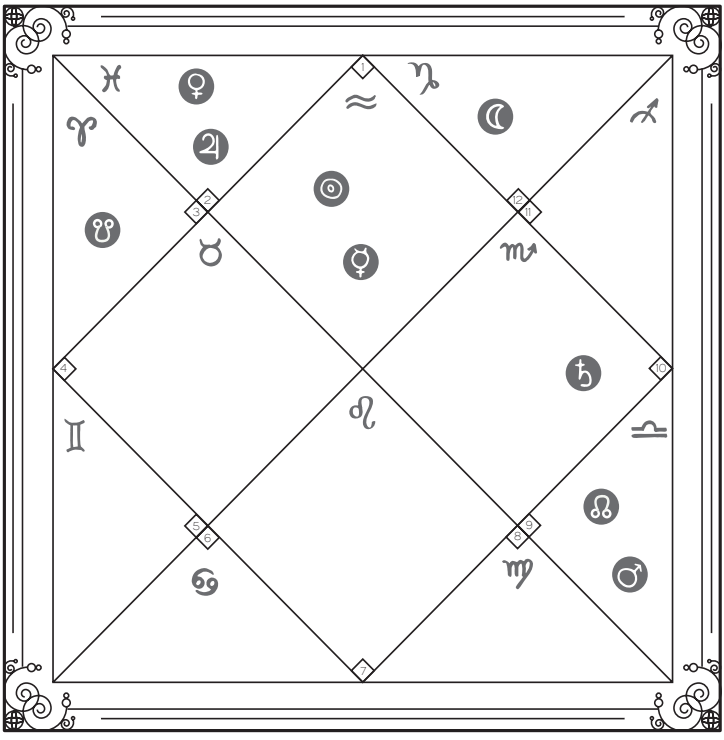
Embora seja óbvio que o ascendente não corresponda à vida de uma pessoa, geralmente, e quase sempre, a maneira com a qual um astrólogo retifica o horário de nascimento de uma pessoa é através da análise do signo vizinho que ocupa a posição no ascendente. Com base nessa análise, verifica-se qual signo no ascendente combina com os acontecimentos. Existem alguns eventos únicos na vida de alguém que devem corresponder com o horóscopo. Quando o ascendente correto for estabelecido, é preciso refinar esse resultado ajustando os eventos aos períodos planetários. Quando todos os acontecimentos marcantes da vida da pessoa forem encaixados e ajustados aos períodos planetários, a retificação terá sido um sucesso.

Talvez o leitor também saiba que existe uma maneira de retificar um horóscopo caso não se saiba nada sobre a hora de nascimento. Nesses casos, não há possibilidade de observar o ascendente e signos zodiacais próximos, já que não existe um ponto de referência; todos os 12 signos se tornam candidatos possíveis. Adiante, trazemos dois exemplos de horóscopos; o de George Armstrong Custer é um que se encaixa neste caso.

Retificação não é incomum e ocorre com bastante frequência na Índia. Isso é mais algo baseado em um pouco de bom senso e familiaridade com o tema do que domínio técnico. No mesmo livro e capítulo anteriormente citados, Dr. Raman traz, nessa temática, uma citação de Bhattopal, um dos grandes autores sobre astrologia de todos os tempos.

No livro *Notable Horoscopes*, fizemos uma conta rápida e percebemos doze retificações em horóscopos (existem 76 horóscopos no total). Por exemplo, o de número 24 é o de Abraham Lincoln. Em uma nota de rodapé, Dr. Raman escreve: "É dito que Abraham Lincoln teria nascido 'entre sete e onze da manhã'. O ascendente varia de Aquário 5* a Áries 4*. Considerando o que se sabe sobre suas características físicas, as peculiaridades acerca de seu nascimento, as vicissitudes de sua vida e a maneira como morreu, fixamos o ascendente em Aquário 16*39".

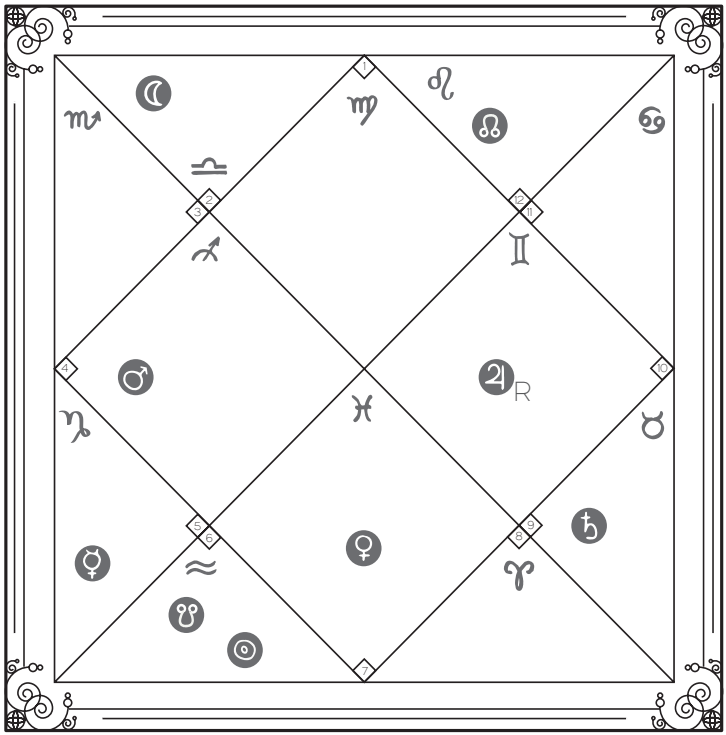
Abraham Lincoln



É incrível como Dr. Raman foi capaz de retificar o grau do ascendente do horóscopo de Abraham Lincoln com tanta precisão. A seguir, trago mais alguns exemplos que podem ser de interesse para os leitores.

O primeiro é o de George Harrison, do grupo Os Beatles:

George Harrison



Supostamente, George Harrison teria nascido no dia 25 de fevereiro de 1943, à meia-noite e dez minutos, enquanto ocorria o ajuste de fuso horário vigente na época, um ajuste de duas horas, equivalendo a 22h55 da noite do dia 24. Isso indica que ele pode ter nascido com Libra no horizonte. No entanto, um ascendente em Libra não demonstraria força o suficiente para que corroborasse com os acontecimentos em sua vida. Se ajustarmos o horário de nascimento para quinze minutos antes, às 23h55 da noite, no dia 24 de fevereiro, Virgem estaria no horizonte, mostrando um horóscopo *vargottama* com força e qualidades únicas que indicam uma vida como foi a de George Harrison. Isso é tão verdade que ele mesmo requisitou publicamente que seu horário de nascimento fosse retificado para antes da meia-noite.

Virgem corresponde de fato à personalidade de George. Sua natureza caridosa, altruísta e solícita que se encaixa em Virgem são bem claras. Suas naturezas virginianas aparecem na maneira com que ele auxiliou o Movimento Hare Krishna que ainda ganhava fôlego, comandado por A.C. Bhaktivedanta, nos anos de 1960 e 1970. E o que dizer então de seu esforço altruísta tão impactante feito com os concertos beneficentes para auxiliar os famintos de Bangladesh? Mesmo quando analisamos seu dia a dia, existem muitas histórias de sua natureza generosa. Dizia-se que ele entregava notas de 50 dólares a pedintes, gorjetas fartas a taxistas e, uma vez, ele tirou um anel de seu próprio dedo e o entregou a uma garçonete por nenhum motivo além de sua bondade.

As habilidades musicais e artísticas vistas em Virgem também se mostram expressivas em seu horóscopo. Ele compôs várias músicas de sucesso e era conhecido como um dos guitarristas mais talentosos de seu tempo. Mas nem todos com ascendente em Virgem possuem as habilidades artísticas e musicais como as de George. As dele também se devem a Vênus exaltado na sétima, aspectando o ascendente. Foi esse posicionamento específico que garantiu a George atingir tal nível aprimorado de talento musical e habilidade técnica. A posição de Júpiter também é relevante – o grande benéfico ocupa a casa da profissão em Gêmeos, um signo musical representado por um instrumento de cordas. E o que dizer, então, da Lua em Libra venusiana? Essa Lua brilhante indica seu entusiasmo nato pela música. Vênus como regente do ascendente exaltado, em Libra na sexta não teria lhe garantido tanto *status*, nem tanta fortuna. E sua esposa na época do período e subperíodo Júpiter-Vênus, entre junho de 1968 e janeiro de 1971, Patti Boyd, era uma modelo profissional de grande beleza. Isso é explicado por Vênus exaltado na sétima sob Virgem.

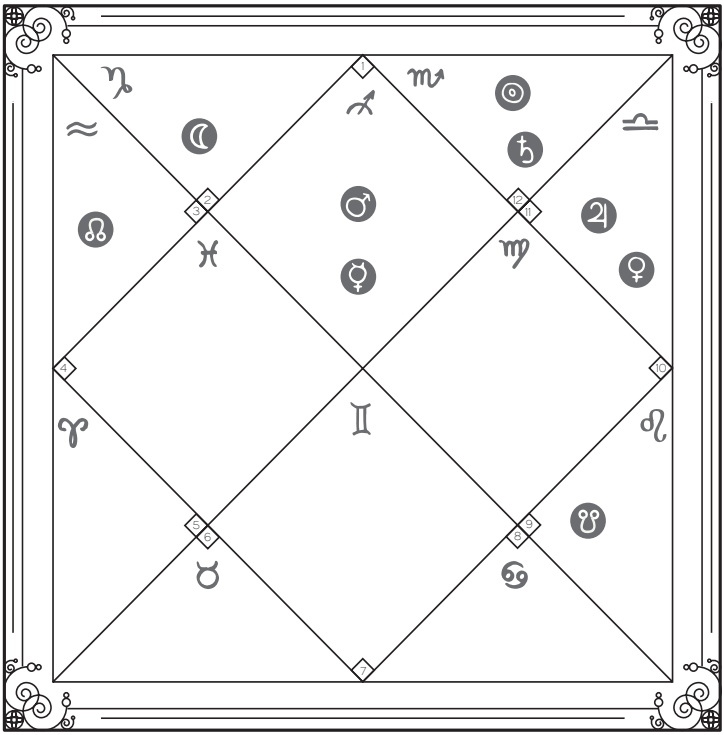
O envolvimento intenso que ele possuía com a religião do mundo oriental também era indicada de diversas formas, mas com mais intensidade pelo regente da casa do *dharma*, Vênus, em Peixes, um signo piedoso, em uma casa cardinal. Além disso, Júpiter, o *dharma--karaka*, ocupa a casa dez, a mais expressiva depois do ascendente, que aspecta tanto o Sol quanto a Lua, indicando um espírito piedoso em um nível profundamente emocional e instintivo. Sob Libra, a regência venusiana não indica tal piedade, nem está em uma posição central para que fosse expressa dessa forma.

Ele passou grande parte de sua juventude no anonimato, em condições mais humildes na classe trabalhadora, durante a maior parte do período de Rahu na doze, até o comecinho dos anos dos Beatles, quando o período principal de Júpiter começou. A partir de Libra, Rahu teria ocupado a casa onze, sendo aspectado pelo regente Sol na onze a partir da quinta casa. Rahu teria entregado circunstâncias melhores de vida, também relacionado às finanças da família, na juventude de George; porém, somente Rahu na doze sob Virgem teria entregado condições familiares mais humildes na classe trabalhadora.

Durante o período principal de Saturno, George encontrou sua derrocada, perdendo grande parte de sua fortuna na indústria cinematográfica. Isso é demonstrado em Virgem por Saturno na casa da fortuna, um trígono na nona, como regente da casa das dívidas. Sob Libra, Saturno como *yoga-karaka* teria ocupado a oitava e aspectado seu próprio signo na quinta, outro trígono. Heranças, rendas imerecidas e grande performance financeira poderiam aparecer, mas não foi o caso. Assim sendo, Libra não seria indicado como ascendente.

Uma leitura cuidadosa como essa torna óbvio que apenas uma retificação do horóscopo para Virgem poderia retratar uma vida como a do Beatle George Harrison.

General George Armstrong Custer,
do Exército dos Estados Unidos



O General George Armstrong Custer nasceu em Rumley, Ohio, no dia 9 de dezembro de 1839. Sua hora de nascimento é desconhecida. Mas dentre as 12 possibilidades nesse período de vinte e quatro horas, apenas uma pode corresponder à vida extraordinária que teve. Podemos começar e terminar considerando Sagitário como ascendente desse combatente da cavalaria. Traremos outras justificativas para o horário de 9h42 da manhã em 20*12′ de Sagitário, com Libra como ascendente *navamsha*. Primeiramente, se o ascendente for movido de volta para o asterismo *Mula*, ou para frente para o asterismo *Uttarashada*, as correspondências dos subperíodos planetários que correspondem aos eventos de sua vida se perdem.

Reparem que Marte ocupa *Uttarashada*, um signo da casta *kshatriya*/guerreira, cujo símbolo é uma presa de elefante. Elefantes eram usados nos tempos védicos como cavalaria, e o signo de Sagitário é metade equino, sendo assim um ascendente contendo Marte combina com a vida de Custer.

Purvashada é *ugra*, um asterismo severo. Isso junto ao fato de que a Lua ocupa o signo frio de Capricórnio, indica que ele tinha um espírito guerreiro. Além disso, não era afeito a sentimentalismos.

O grau ascendente no asterismo *Purvashada* indica bem a personalidade de Custer. Uma qualidade-chave de *Purvashada* é que são pessoas que amam a liberdade, gostam de aventuras, seguem suas próprias vontades e que são *alegremente irrestritas*. Isso é evidente quando se estuda como ele era quando um cadete do exército na Academia de West Point. Era conhecido por ser desobediente, pregava peças com frequência, era preguiçoso com os estudos, e acumulou mais de 700 deméritos; sua performance como cadete foi a pior de toda a história da academia. Ele fazia o que queria, como queria. Em um período específico de apenas três meses, ele chegou a acumular 98 deméritos! Sua reputação era tão ruim com seus professores que, mesmo tendo notas suficientes para se graduar, não deixaram que o fizesse, nem que fosse comissionado tenente do exército. O motivo era que eles não queriam um oficial que se comportasse daquela forma. Ele evitou a corte marcial por deserção do posto um pouco antes de se graduar, graças a uma intervenção de um deputado federal. Outra coisa que o salvou foi o fato de que a Guerra Civil estava prestes a começar, e metade dos oficiais haviam ido para o Sul. O Norte se viu em falta de pessoas que pudessem exercer as posições. Como Custer tinha o treinamento necessário, saiu com apenas uma reprimenda e se graduou, recebendo o cargo de tenente. Seu problema era sua personalidade, que não podia ser controlada, como *Purvashada* geralmente o é.

Essas mesmas qualidades de *Purvashada* podem ser vistas em campo de batalha. Custer tinha uma visão irreal de suas habilidades e uma noção quixotesca da realidade, o que é típico de Purvashada. Ele agia da mesma forma que o fazia quando cadete: comandava o campo de batalha minimizando ordens superiores e fazendo apenas

o que queria. Sua personalidade sagitariana, que não podia ser controlada e de liderança excessiva, também era carregada de ousadia. Ganhou a reputação de ser corajoso geralmente quando lidando com a vida de outros, sendo acusado várias vezes de sacrificar vidas em troca de sair vitorioso de situações que lhe promoviam vitórias vazias. Sendo justo, também há evidências de que conseguia ser cauteloso, cuidadoso e que planejava muito suas escolhas. E ele não pedia nada de seus homens que ele mesmo não fizesse. Ao contrário da maioria dos generais, ele comandava direto da linha de frente, não se resguardando à retaguarda. E ainda o fazia com uma roupa diferente dos demais, não tendo restrições quanto a se expor em campo. Ele era tão possuído pelo espírito sagitariano que tomava a frente e geralmente era o primeiro a entrar em combate com os adversários. Houve uma situação em que foi tão rápido que o regimento não conseguiu acompanhá-lo, e os oponentes conseguiram cercá-lo e isolá-lo dos companheiros. (Ainda nos perguntamos como ele conseguiu sobreviver a esse embate!) Aliás, ele se expunha com tanta frequência e intensidade que ele teve onze, sim, onze cavalos que morreram no meio do combate enquanto cavalgava! Ele sempre estava na dianteira, inegavelmente.

Ele era bem-sucedido de maneira espetacular. Do ranque de um tenente em 1861, ele foi promovido várias vezes até junho de 1863, quando recebeu um mandado para ser General de Brigada do Exército da União no auge da Batalha de Gettysburg, a mais decisiva do período da Guerra Civil. Durante essa época toda, o subperíodo de Júpiter operava desde 26 de novembro de 1861. Ele estava com 23 anos, e era chamado nos jornais de "General Menino"!

Custer foi uma peça-chave na vitória de Gettysburg. Sua liderança conseguiu conter os avanços da cavalaria dos confederados, impedindo que alcançassem o exército dele, de tal forma que ficaram sem a cavalaria para fornecer apoio na batalha, o que culminou em sua derrota. Custer foi promovido a Major-general como resultado de seus esforços heroicos. Nesse período, o Sol estava na sexta em trânsito em seu horóscopo, e o regente ascendente Júpiter em trânsito na nona. São boas colocações.

Depois da Guerra Civil, o Exército da União se desfez, e ele retornou ao cargo de Capitão no exército. O subperíodo era o de Saturno, o qual estava na casa da perda.

Outro exemplo do asterismo *ugra Purvashada* em grau ascendente, indicado pela retificação de seu horóscopo, pode ser observado em ação durante o período em que Custer ficou sob o comando do General Sherman. Sherman marchou pelo Sul com uma tática de queimar tudo por onde passava, expulsando crianças e mulheres de seus lares com nada além do que pudessem carregar e queimando as colheitas e casas enquanto assistiam! Como um dos generais de Sherman, Custer estava à frente de tudo isso. Implementou a mesma tática na década de 1870 contra os acampamentos indígenas no Oeste (fracassando apenas em sua última incursão).

No dia 9 de fevereiro de 1864, ele se casou com Elizabeth Clift Bacon, durante um subperíodo de Júpiter. Júpiter ocupava o signo do casamento, Libra, como regente ascendente, e aspectava a casa do casamento, a sétima. Sua esposa era tão apegada a ele que era a única esposa de um oficial que acompanhava o marido nas manobras durante as Guerras Indígenas. Ela ficava presente por dias, com soldados por fim escoltando-a à força de volta para casa.

O apego dela pode ser demostrando no mapa *navamsha* com Libra no horizonte, em que tanto o regente ascendente Vênus e Marte, o regente da casa do casamento, estão juntos no signo militar Sagitário, o ascendente de Custer, na terceira, uma casa de atividades militares. É por esse motivo que fixamos o grau ascendente um pouco acima de 20* em Sagitário, posicionando o *navamsha* em Libra no ascendente, sem perturbar a correlação com outros períodos planetários.

No final de junho de 1876, ele liderou uma missão de reconhecimento na guerra vindoura contra os povos indígenas Sioux e Cheyenne. Procedeu de forma cautelosa e meticulosa, estudando o perímetro completo do acampamento Sioux. Ele observou que havia apenas crianças e mulheres no acampamento, interpretou que os guerreiros teriam saído, e decidiu usar esse fato como oportunidade para destruir o acampamento junto dos suprimentos e munição,

enfraquecendo a força militar indígena. Ele estava com 500 homens, e os dividiu em três grupos em um cerco ao território.

É improvável que Custer soubesse que os Sioux e Cheyenne, inimigos mortais, haviam feito uma parceria para expulsar o homem branco de seus territórios. O que sabemos *com certeza* é que ele não sabia que o número total de guerreiros dessa aliança – de acordo com o indígena Touro Sentado e um sobrevivente, Major Reno – era de 5000 indivíduos ou mais. Ele também não sabia que os guerreiros inclusive estavam escondidos bem na sua frente! Dentro das próprias *teepees* (tendas)! Eles haviam ordenado que as mulheres fossem para fora e seguissem com suas atividades cotidianas. De acordo com batedores do povo Crow de Custer, ele mesmo havia sido visto antes de chegar lá. Talvez seja verdade que fosse impetuoso e se arriscasse com frequência no passado, mas não era descrito jamais como alguém imprudente. Ao mesmo tempo, enquanto estava acampando no rio Powder, Custer recusou a ajuda do General Terry em 21 de junho, um auxílio composto de 4 companhias da Segunda Cavalaria. Custer disse que o seu próprio regimento "já era capaz de assolar qualquer vila indígena nas planícies", e que tropas extras seriam apenas um aborrecimento. Seu excesso de confiança e pensamento semiquixotesco e praticamente delirante de sua natureza *Purvashada* trabalharam contra ele nessa ocasião. Contudo, em sua defesa, ele não tinha por que pensar que haveria 5 mil guerreiros escondidos, e de fato observou o acampamento com antecedência. O grupo de Custer segurou o ataque feroz do contra-ataque indígena e foram sobrepujados e aniquilados em vinte minutos.

Apenas a configuração planetária do signo ascendente Sagitário pode explicar esses eventos em sua vida, e apenas o asterismo *Purvashada* em Sagitário explica sua personalidade. Lembremos também que, se modificarmos o asterismo de Sagitário de *Purvashada* para *Mula* ou *Uttarashada*, então os períodos planetários deixam de corresponder aos eventos. Apenas o asterismo *Purvashada* em Sagitário é satisfatório.

É preciso lembrar que o Tempo é uma forma de Sri Krishna, como explicou a Arjuna no campo de batalha de Kurukshetra. Ele também explicou que "estes guerreiros já foram derrotados por Mim na Minha forma do Tempo". Eles eram os "mortos-vivos" originais,

essa inferência sendo constatada inicialmente no plano etéreo e se espalhando, por fim, para o plano material. É assim que o destino funciona. Custer também já estava "morto-vivo" enquanto organizava suas tropas para o ataque, e sua morte já havia sido decretada!

O período que estava agindo no momento final de sua vida era de Rahu-Marte, Marte sendo o regente da última casa do horóscopo, mas no lugar no ascendente. O simbolismo carregado desse subperíodo marciano traz o "fim" da décima segunda casa ao ascendente. O "fim" de Custer, nesse caso, foi representado pelo ascendente.

Ele tinha dois irmãos e um cunhado que morreram com ele. Esse destino também está descrito considerando a retificação do mapa com Saturno, regente da terceira casa (que representa os irmãos), na casa da perda.

Tanto Marte como regente de um trígono quanto a Lua aspectam a oitava casa, a casa dos legados e fama póstumos. A natureza dramática da morte de Custer ganhou a reputação como o "Último Bastião de Custer" e o tornou um dos nomes mais conhecidos da história militar estadunidense.

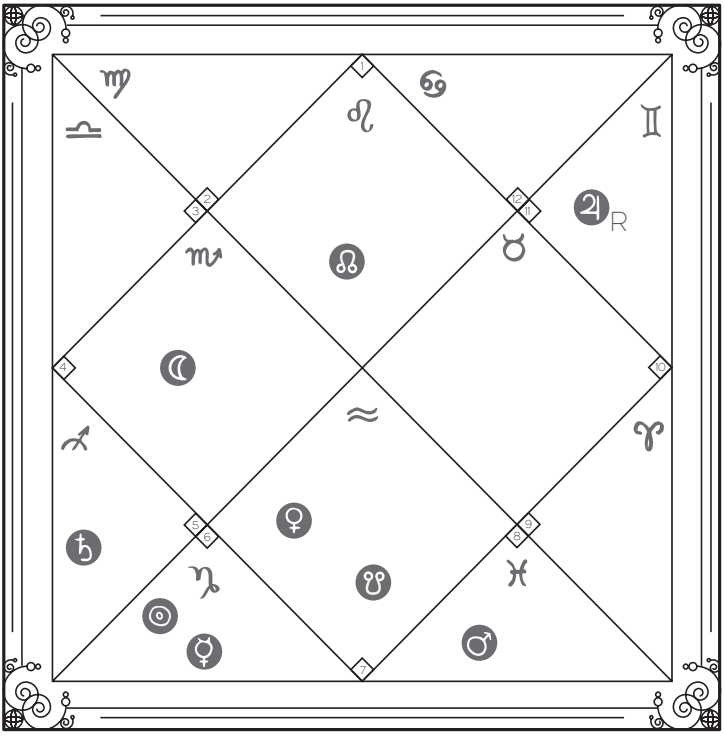
Apenas o ascendente Sagitário como signo chega perto de retratar a vida e personalidade únicas de George Armstrong Custer, e esse horóscopo é um exemplo excelente de retificação.

Uma observação histórica: ele foi promovido a Tenente-coronel na época de sua derrocada. Era para ter subido para uma patente mais alta, mas o presidente do país na época, Ulysses S. Grant, tinha uma rixa duradoura com ele.

Charles Dickens

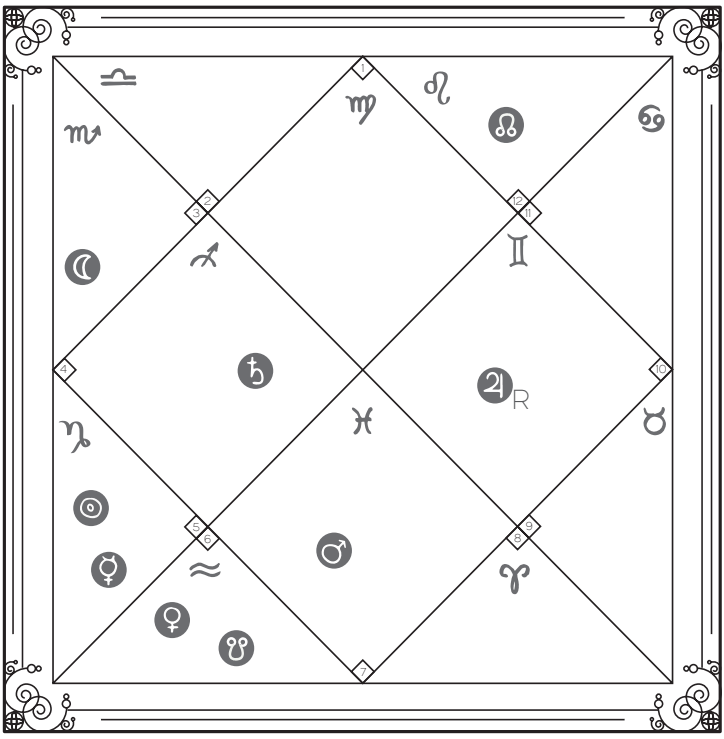
O horóscopo do escritor britânico Charles Dickens será nosso último exemplo do capítulo. Depois de Don Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes, os dois romances de Dickens, *Oliver Twist* e *David Copperfield*, são os dois romances mais vendidos de todos os tempos, e não foram os únicos que escreveu em vida! É um fato assumido que Dickens é considerado o maior romancista da era vitoriana.

De acordo com Astrodienst, nossa fonte *online* para o horário de nascimento, Dickens nasceu às 17h50, no dia 7 de fevereiro de 1812, em Portsmouth, Inglaterra. Isso coloca Leão como seu ascendente, e o Sol na maléfica sexta casa, uma casa de obstáculos e baixo *status* social. É difícil imaginar que um autor tão famoso poderia ser indicado por um regente ascendente na sexta. Além do mais, Mercúrio, o planeta da escrita e composição, também ocupa a sexta casa; uma casa em que Mercúrio não se dá bem. Sendo assim, existe uma necessidade premente por uma retificação.



O que nos motiva a trabalhar esta retificação é que no próprio Astrodienst afirma-se que o horário foi constatado por um relato de Dickens baseado em sua memória. Em outras palavras, ele não conferiu factualmente sua certidão de nascimento e informou a algum astrólogo. Sua memória lhe dizia que nasceu às 19h50, dez minutos antes das 20h00. Mas e se ele houvesse se confundido? E na verdade nasceu dez minutos *depois* das 20h, às 20h10?

Neste caso, Virgem seria seu ascendente, e tudo começaria a se encaixar.



E por quê? Bem, Virgem é um signo humanitário, representado por uma jovem virgem na proa de uma embarcação. Por esse motivo, ela representa os instintos maternais do feminino em estado de pureza, sem a influência de elementos sexuais. Ela carrega a nutrição na forma de cereais, e a iluminação através de uma tocha. Mercúrio, o regente ascendente, o planeta da composição, ocupa a positiva quinta casa, um *trígono*. A Lua, que representa a mente emocional e os instintos, ocupa a casa da escrita e composição, a terceira (seus aspectos debilitantes sendo em grande parte cancelados por Marte). E por falar em Marte, ele é o *regente* da casa de escrita e composição e aspecta o ascendente com qualidades para a escrita desde uma casa influente, cardinal. Esses são apenas alguns dos motivos que demonstram a necessidade do ascendente de Charles Dickens ser Virgem. E por quê? Porque Dickens era um escritor que perpassava temas sociais com frequência, escrevendo sobre inclusão social

e a ascensão daqueles que estavam por baixo. Ele batalhava pelos pobres, assim como Virgem!

Esperamos que esse capítulo tenha servido como forma de esclarecer tanto a importância da retificação quanto suas formas de execução.

- CAPÍTULO SETE -

ANALISANDO OUTROS HORÓSCOPOS A PARTIR DO SEU

Acredito que a maioria dos iniciantes em Astrologia Védica já compreendam ao menos o escopo de que é possível analisar os relacionamentos do nativo do horóscopo a partir de casas específicas em relação ao ascendente (primeira casa). Por exemplo, a nona casa representa o pai. Se o regente da nona ocupar a sexta, isso sugere obstáculos, baixo *status*, batalhas legais e dívidas na vida do pai do nativo (claro que há outros fatores a serem analisados). Mas se o regente da nona casa ocupar a décima primeira, grande parte dos sonhos do pai do nativo e ganhos financeiros se tornarão verdade. A terceira casa representa irmãos mais novos, vizinhos e amigos. De maneira similar, se o regente da terceira ocupar a sexta, então os irmãos mais novos vivenciarão obstáculos, baixo *status*, batalhas legais e dívidas. Se o regente da terceira ocupar a décima primeira, os sonhos e ganhos financeiros dos irmãos mais novos se tornarão verdade também.

Mas essa técnica não é tão abrangente. As várias facetas que envolvem a vida do pai não podem ser interpretadas dessa forma, bem como a vida dos irmãos mais jovens e pessoas em geral igualmente.

Para isso, existem outras técnicas de interpretação. Uma delas é interpretar a partir da casa que representa o relacionamento como se ela fosse a primeira casa. Se Câncer for o signo ascendente, então Peixes estaria na nona, a casa do pai, e seria considerada como a primeira casa em relação a ele. O que significa que Virgem na sétima, sempre a partir de Peixes, representaria o casamento, e Touro na terceira, os irmãos mais jovens do pai. O astrólogo pode inclusive copiar o horóscopo em um papel separado para posicionar Peixes

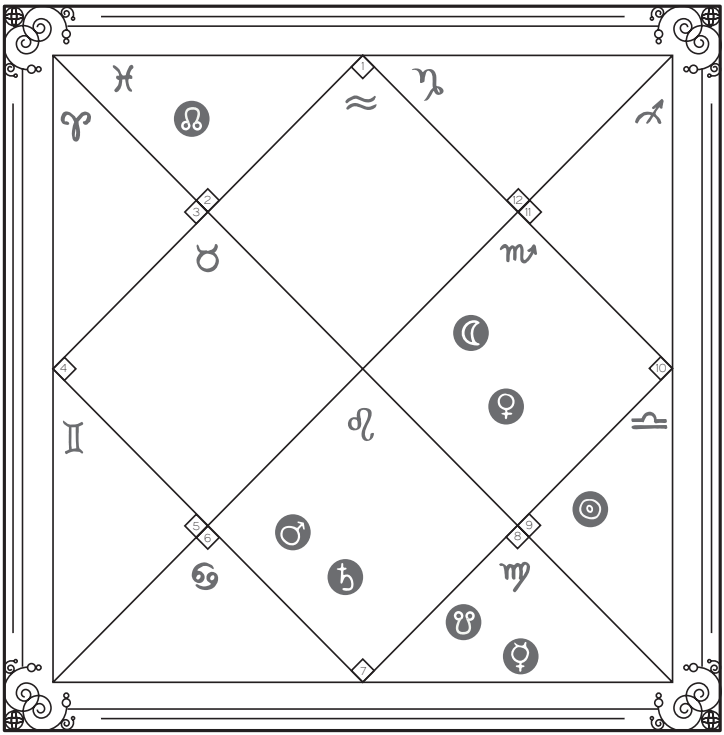
na primeira casa, e interpretá-lo de forma usual, mas considerando como se fosse o do pai do nativo.

Essa é uma técnica bem comum e não tão complexa. A maneira ideal seria, claro, calcular o horóscopo do pai, mas essa forma também é eficaz.

Esta técnica inclui a consideração do indicador, o indicador planetário natural, de um relacionamento. Seguindo com o mesmo exemplo do horóscopo paterno, estabelecemos que o Sol representa o pai, claro. Mas isso não significa que precisamos considerar o Sol como estando na primeira casa do pai e, então, contar dele para chegar nas casas referentes aos outros relacionamentos paternos. E por quê? Porque esse Sol não é o Sol do próprio pai, mas sim o do nativo do horóscopo. Anteriormente, calculamos a partir do ascendente/primeira casa do nativo para chegar a essa primeira casa paterna. De maneira similar, agora contamos nove casas *a partir do Sol* para chegar à primeira casa do pai. Essa primeira casa vai ser considerada a partir da posição do Sol, mas ela não corresponde ao signo que o Sol ocupa!

Para trazer alguma justificativa para essas duas técnicas descritas acima, citamos o artigo de setembro de 2017 da *Modern Astrology*, escrito pela editora, Sra. Gayatri Devi Vasudev (GDV). Ela cita o capítulo sete, versos 39-42 do clássico *Brihat Parashara Hora Shastra*. A parte relevante que nos interessa é a seguinte: "[...] tudo que importa (tanto bom quanto mau) em relação ao pai *deve ser inferido* a *partir da nona casa a contar do ascendente,* **e da nona casa a contar a partir do Sol.**" (p. 516 da *Modern Astrology*)

Na página seguinte, ela traz um exemplo de um horóscopo que tem Aquário como ascendente: "O indicador para o pai, o Sol, estando em Libra, transforma Libra em nosso ponto inicial para contagem. A nona casa a partir dali, Gêmeos, torna-se a primeira casa do pai." A redatora continua dizendo que "ambas as técnicas rumam para a mesma conclusão". Claro que quanto mais fatores e técnicas empregarmos em nossas interpretações, melhor será o resultado atingido.



- CAPÍTULO OITO -

INFLUÊNCIA RAKSHASA, ESTABELEÇA A CONEXÃO!

É recorrente que experienciemos as críticas de hindus ocidentalizados – especialmente da comunidade científica e acadêmica – ao *dharma* védico devido ao secularismo e progresso materialista. Esses hindus adotam não apenas as correntes intelectuais ocidentais, mas também copiam a cultura; isso é evidente de forma abrangente desde que as telecomunicações se fizeram presentes até em pequenas comunidades, cidades rurais, tendo-se iniciado com o advento da rádio. Aparentemente, é como se houvesse uma característica particular da própria população indiana de minar sua cultura de dentro para fora, como uma espécie de *quinta coluna* contra sua própria cultura *dhármica*.

À primeira vista, é possível achar que essa tendência advém de uma consequência do massacre cultural ocasionado por culturas estrangeiras, inicialmente pelas invasões muçulmanas, posteriormente pelos britânicos e, atualmente, pela globalização e telecomunicações. Mas se nos aprofundarmos no assunto, encontraremos uma causa muito mais remota. Uma pista pode ser encontrada no *Varaha Purana*, citado por Kedaranath Dutt (Thakura Bhaktivinoda) em seu livro *Jaiva Dharma*:

raksasah kalim ashritya
jayante brahma-yonishu

"Em Kali-yuga, os demônios nascem nas famílias de *brahmanas*."

Essa concepção de seres de outros planos nascerem na Terra com objetivos específicos não é inédita. No canto 10 do *Srimad-Bhagavatam*, Sri Vishnu instrui aos semideuses que nasçam antes do *avatara* de Krishna para auxiliá-lO em Suas atividades:

> Depois que todos os semideuses ofereceram a oração *purusha-sukta* à Suprema Personalidade de Deus, aparentemente não obtiveram resposta. O senhor Brahma, então, pessoalmente se sentou em meditação, e o Senhor Vishnu lhe transmitiu uma mensagem. Brahma, por sua vez, passou a mensagem aos semideuses. Esse é o sistema para receber o conhecimento védico, que se origina da Suprema Personalidade de Deus e é dado a Brahma por meio do coração. Como diz o início do *Srimad-Bhagavatam*, *tene brahma hrida*: o conhecimento transcendental dos *Vedas* foi transmitido ao senhor Brahma através do coração. Aqui também, da mesma maneira, só Brahma pôde entender a mensagem dada pelo Senhor Vishnu, e ele a transmitiu aos semideuses para sua ação imediata. A mensagem era: a Suprema Personalidade de Deus aparecerá na Terra, muito em breve, junto de Suas poderosas potências supremas, e, enquanto Ele permanecer no planeta Terra para executar Sua missão de aniquilar os demônios e dar apoio aos devotos, os semideuses deveriam também permanecer lá para ajudá-lO. Todos eles deveriam nascer imediatamente na família da dinastia Yadu, onde o Senhor também apareceria no momento oportuno. (Livro *Krishna, a Suprema Personalidade de Deus*, capítulo 1, adaptado do *Bhagavata Purana*)

O oposto também se mostra verdadeiro neste caso. Aparentemente, demônios também podem nascer como residentes da Índia ou expressarem sua influência através de seres terrenos, como veremos no caso do rei supostamente védico Kamsa.

> Depois de ser assim informado por Narada do aparecimento dos semideuses em diferentes famílias, Kamsa imediatamente ficou muito assustado. Ele compreendeu que, como os semideuses já estavam aparecendo, o Senhor Vishnu logo viria. [...] Kamsa ficou sabendo de seu nascimento anterior pela graça de Narada. Ele soube que, em sua vida anterior, fora um demônio chamado Kalanemi e que fora morto por Vishnu.

> Tendo nascido agora na família Bhoja, ele decidiu tornar-se o inimigo mortal da dinastia Yadu. Krishna ia nascer naquela família, e Kamsa tinha muito medo de ser morto por Krishna, assim como acontecera em sua vida anterior. (Livro *Krishna*, capítulo 1)

Mesmo que esses hindus que renegam a própria cultura não sejam *rakshasas*, é possível que não tenham chegado às suas vidas presentes de hindus através de nascimentos piedosos. Na verdade, se difamam a cultura védica, é certeza de que sua evolução não ocorreu através da bondade, já que a alma devota tende naturalmente a simpatizar com a versão védica. Essa citação anterior do *Varaha Purana* também corrobora que é possível que demônios nasçam em famílias hindus neste *yuga*, nesta era.

Iremos nos basear fortemente na apresentação do Dr. Richard Thompson (Sadaputa Dasa), em seu livro *Alien Identities*, na p. 241, na qual ele investiga o caso do rei Duryodhana:

> O rei Duryodhana se encontrou uma vez com alguns Gandharvas (anjos alados) que haviam cercado uma área em volta de um lago para fins recreativos, impedindo a entrada do exército de Duryodhana. Quando o rei tentou entrar mesmo assim, uma batalha feroz se fez presente, e ele foi capturado pelas forças Gandharva. A essa altura, Arjuna, que estava por perto, usou suas conexões políticas com os Gandharva para libertar o rei. Arjuna e seus irmãos tinham sido exilados anteriormente por Duryodhana, apesar do que Arjuna interveio para salvá-lo, simplesmente por serem parentes e ambos humanos.
>
> Duryodhana sentiu-se humilhado ao ser salvo por alguém que ele destratou e desprezou como inimigo e decidiu desistir de tudo, fazendo um jejum até a morte. No entanto, outras entidades tinham planos de longo prazo para o rei, e não ficaram muito satisfeitas com essa virada.
>
> "Então, os *daityas* e *danavas*, ao ouvirem sua decisão, eles, habitantes das regiões inferiores, que haviam sido derrotados pelos deuses, ao compreenderem que Duryodhana arruinaria

> seus planos, realizaram um rito sacrificial para invocá-lo." (*Mahabharata*)
>
> Uma vez que Duryodhana apareceu aos *danavas*, foi-lhe explicado que seu nascimento na Terra já havia sido planejado em antecipação aos seus planos. Sua grande força física e sua quase impermeabilidade a armas eram fruto de suas manipulações. Então, não era certo que ele estragasse tudo tirando sua própria vida. *Daityas* e *danavas*, nascendo como heróis terrenos, auxiliariam-no em batalha contra os Pandavas. Os *danavas* também mencionaram que utilizariam de controle mental para garantir a vitória desejada.
>
> "Depois que tudo ocorreu, o rei Duryodhana pensou que tudo fora um sonho, e um pensamento se enraizou em sua mente: Exterminarei os Pandus em batalha."

Foi assim que a mente de Duryodhana foi impregnada com planos maléficos.

Outra pista fornecida vem dos fenômenos recentes de OVNIs. Novamente usaremos um trecho do mesmo livro *Alien Identities* (p. 224-225). Nesse trecho, o autor indica o décimo canto do *Bhagavatam*, onde se descreve o incrível aeroplano de Shalva, e suas similaridades com os OVNIs modernos.

> Vários paralelos interessantes podem ser traçados entre a história de Shalva no décimo canto do *Bhagavata Purana* e os avistamentos de OVNIs. "O aeroplano em que Salva estava era muito misterioso. Era extraordinário que vários aeroplanos pareciam percorrer os céus, e às vezes nenhum. Às vezes era visível, às vezes não, e os guerreiros da dinastia Yadu não conseguiam compreender as origens e localização de tais aeroplanos. Às vezes o viam na terra, às vezes nos céus, às vezes descansando no topo de um morro, às vezes flutuando sobre as águas. Esse aeroplano incrível voava pelos céus como um furacão agitado; não ficando parado por um momento sequer."

> Esses padrões de voo desse "aeroplano" lembram os de OVNIs... que possuem esse comportamento, também sendo descritos sobrevoando grandes massas de água e levantando voo repentinamente.

Abduções similares como a de Duryodhana, em naves similares à de Shalva, abundam nas descrições. No livro de Dr. Thompson e também no *Secret Life*, de David M. Jacobs, muitos casos são relatados de maneira séria e factual. No livro de Jacobs, por exemplo, vítimas de abdução alienígena são entrevistadas separadamente e sem contato prévio com outras vítimas; seus relatos ainda assim são similares. Suas descrições do interior das naves também são assustadoramente uniformes. O filme *Estranhos Visitantes* (1989) descreve uma história verdadeira do dramaturgo novaiorquino Whitley Strieber, que passou por uma situação de abdução e foi modificado por isso. Geralmente, vítimas de abdução são influenciadas por sugestões através de hipnose, fazendo-as se esquecerem da experiência por algum tipo de apagamento eletromagnético, e são trazidas de volta à Terra com um objetivo a cumprir – situação parecida com a de Duryodhana. Assim sendo, essas vítimas se tornam marionetes de alienígenas desconhecidos. Essas vítimas geralmente são pessoas com influência, como políticos, músicos e escritores.

Munidos dos relatos védicos e suas definições, é possível compreender que esses seres extraterrestres são os mesmos *daityas* e *danavas* da história. Sua influência não se restringiu aos tempos védicos. Seria inocente de nossa parte acreditar que, se mesmo durante Dvapara-yuga, na qual os demônios tiveram tanto impacto, seria agora em Kali-yuga que eles não exerceriam sua influência. Ainda mais considerando que esta era atual é muito pior! No mínimo, a influência exercida por eles nesta era seria mais intensa do que nas anteriores. Devido às suas maquinações, a cultura védica que um dia fora globalmente disseminada, restringiu-se localmente, com suas ramificações se transformando nas culturas materialistas que testemunhamos nas últimas centenas de anos.

Coleta de material genético e manipulações parecem ser as atividades principais desses *daityas* e *danavas* vinculados a OVNIs. Mulheres têm sido a maioria das vítimas, chegando a aproximadamente 80% dos casos, de acordo com o livro de Jacobs. Pesquisa

biológica, extração de óvulos, inseminações artificiais, incubação, nascimentos e berçários parecem ser os focos. Essas mesmas mulheres, uma vez que já tenham sido (geneticamente) identificadas, parecem ser atacadas de maneira recorrente para extração de óvulos. O DNA aparenta agir como uma conexão entre o sutil plano astral, no qual a consciência habita, e o plano físico. O que torna essa análise e cultivo de alguns tipos genéticos lógica é que *algumas sequências de DNA parecem abrir espaço no corpo para a manipulação desses daityas e danavas, conhecidos atualmente como greys e reptilianos.* E, aparentemente, esses predadores vêm em busca dessas mesmas sequências todas as vezes! Talvez um objetivo desses estudos seja a elaboração de corpos viáveis para ocupação demoníaca, dessas almas reptilianas que poderiam nascer e viver entre nós, servindo como uma forma de contornar a necessidade de manipular os humanos que já nasceram. Há relatos de grandes berçários, o que sugere uma legião inteira de humanos híbridos de *danavas* e *daityas* que estão sendo criados.

A natureza agourenta dessas atividades é amplificada por relatos na literatura dos *Puranas* que definem os *daityas* como residentes dos mundos inferiores. Embora isso possa se referir a mundos galácticos além dos planos do sistema solar, há relatos de abduções subterrâneas que podem significar que habitam em nosso próprio planeta. A Bíblia também define os demônios como residentes de mundos abaixo da superfície terrestre. Considerem um dos relatos recentes presentes no livro *Extraterrestrial Visitations: True Accounts of Contact*, de Preston Dennett.

Levados para Bases Subterrâneas

Os cenários padrões das abduções geralmente envolvem uma pessoa sendo levada para o interior de uma nave e sendo examinada por extraterrestres semelhantes aos ocupantes cinzentos dos OVNIs. Porém, esse cenário não é tão comum assim. Trago o relato de um jovem abduzido não por um extraterrestre semelhante a um *grey*, mas sim por um que parecia um inseto, como um louva-deus. Ele também não foi levado para o interior de uma nave, mas sim para uma base subterrânea!

Em 1967, Paul Nelson (pseudônimo), um garoto de doze anos de idade, estava visitando a ilha de Santa Catalina com os pais. Seu melhor amigo o acompanhava, Michael (pseudônimo). Os dois garotos decidiram entrar no barco dos pais e ler alguns quadrinhos. De repente, eles tiveram a sensação de perda de memória. Só se lembraram de acordar na cama na manhã seguinte. Enquanto Paul não conseguia convencer os pais que algo estranho havia ocorrido, ambos sabiam que o evento fora peculiar.

Duas semanas depois, Paul estava sozinho em sua residência em Reseda, Califórnia, quando teve mais uma experiência estranha. Ele estava sozinho no quarto quando a porta começou a tremer. Ele levantou num pulo e a abriu. Para sua surpresa, ele via a sombra de uma figura pequena correr corredor abaixo. Ele a perseguiu, mas não conseguiu encontrar nada.

Paul não sabia como explicar essas experiências e não as conectou com uma experiência extraterrena. No entanto, depois acabou desenvolvendo um interesse por OVNIs e começou a ler mais sobre o assunto.

Anos depois, ele cresceu, casou-se, formou-se médico e teve dois filhos. Então, testemunhou a aparição de um OVNI em plena luz do dia. Isso renovou seu interesse no tema. Começou a ler sobre os casos de perda de memória relacionados com encontros e percebeu que fora isso que ocorrera com ele.

Intrigado com a situação, por fim tentou fazer hipnose para recuperar suas memórias perdidas. Já que havia lido sobre OVNIs, logo pensou que descobriria que tivera um encontro aterrorizante, no qual teria sido examinado por *greys*, dentro de uma nave com alta tecnologia. No entanto, isso estava longe da verdade.

Enquanto Paul seguia com a regressão, sua primeira surpresa foi reparar que não estava dentro de uma nave, mas sim que parecia estar numa base subterrânea. Paul disse que "fui levado para uma sala circular. Parecia que estava abaixo do nível da terra, e não em uma nave. As paredes pareciam meio

> rochosas. E eu estava deitado em uma mesa. Sim, as paredes pareciam ser feitas de rocha e não de metal. Pelo jeito, é como se eu estivesse em uma caverna [e não] em uma nave. Uma sensação de subterrâneo. O que foi muito estranho."
>
> Sob hipnose, Paul se lembrou de Michael, e que ele também estava sendo examinado. Sua surpresa seguinte foi que os seres não eram como ele esperava. Paul disse que "Os seres não eram os típicos *greys*; eles pareciam com um louva-deus, como descobri posteriormente. Seus olhos eram um pouco maiores do que os vistos na maioria dos *greys*, mais insectoides. Eles usavam uniformes muito justos, acho. Esses macacões eram de alguma cor, mas não consigo me lembrar de qual era. Acho que havia um deles com uma túnica, mais solta, cobrindo tudo. Não consigo dizer a altura deles porque estavam me cobrindo, e eu estava deitado de costas. Então, não consigo precisar a altura. Eles não pareciam muito altos, porém."

Dado o fato de que seres como estes andam por aí sem controle, não surpreende que a influência *dhármica* cultural, estimulada anteriormente por semideuses, também esteja declinando. Semideuses têm uma relação de troca conosco quanto a questões religiosas, especialmente cerimônias e pela bondade, mas ambas estão desaparecendo rapidamente. Até que ponto os semideuses e seus seguidores continuarão se opondo às intrusões demoníacas em favor de uma população terrena que se torna cada dia mais materialista, tal qual os demônios?

É por isso que é importante que hindus percebam a correlação entre as seduções materialistas modernas da cultura ocidental e a manipulação de demônios do mundo inferior. Eles precisam se perguntar o que querem de verdade. Gostariam que os descendentes da cultura védica caíssem nas mãos manipuladoras demoníacas que minam a cultura do *dharma*? Querem isso para seus descendentes e filhos? Queremos nós também?

É relevante notar que países islâmicos têm encarado desafios semelhantes. Por exemplo, resistir às influências ocidentais foi grande parte da motivação da Revolução Iraniana. Houve sim

elementos extremistas e fanáticos, mas ao menos eles perceberam a invasão e defenderam sua cultura. Percebam também que a primeira atitude do Talibã (estudantes islâmicos fundamentalistas) ao tomar Kabul décadas atrás foi a de jogar todos os televisores fora!

Infelizmente, os hindus não agiram de forma semelhante. Talvez a pobreza na Índia tenha feito a cultura ocidental parecer atrativa. Contudo, mesmo na cultura islâmica, que é iconoclasta e consome carne, considera-se a cultura ocidental como pecadora em excesso, então os hindus também o deveriam ter percebido! Ao menos o islã não aprova o consumo de álcool ou a promiscuidade. Já os hindus estão testemunhando a disseminação disso tudo pela Índia.

A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, o fundador do Movimento Hare Krishna, fez vários comentários a esse respeito, nos anos de 1950, em uma observação sobre o verso 14 do canto dois do *Bhagavata Purana*. Ali, ele comentou:

> Mesmo há cinquenta anos, a estrutura social indiana era organizada de tal forma que não liam nenhum livro que não estivesse relacionado ao Senhor. Não organizavam nenhuma feira ou cerimônia que não estivesse relacionada ao Senhor. Nem visitavam um local que não fosse santo e santificado pelos passatempos do Senhor. Assim, mesmo o homem mais comum na vila sabia falar sobre o *Ramayana* e o *Mahabharata*, a *Gita* e o *Bhagavatam* – isso desde sua infância. Através da influência da era de Kali, todavia, foram arrastados à civilização de cães e porcos, trabalhando pelo pão sem qualquer senso de conhecimento transcendental.

Talvez os habitantes da Índia não tenham resistido ao massacre cultural por não perceberem a correlação entre a degradação de sua cultura e os desígnios de *daityas* e *danavas* – conterrâneos que não concordam com o *dharma* tradicional não analisam isso à luz do verso do *Varaha Purana*. Talvez agora hindus percebam essa correlação e comecem a resistir à sedução da cultura ocidental, tomando para si a necessidade de resguardar os valores e leis *dhármicos* tradicionais.

De maneira similar, a comunidade da astrologia védica deve tomar o cuidado de resguardar a autenticidade desse sistema astrológico,

da forma como foi descrito nos tempos védicos. Invenções, desvios e misturas trabalham apenas para degradar a autenticidade da astrologia védica, da mesma forma que foi feito com a cultura por tantos e tantos anos, tornando-a praticamente perdida! Os adeptos da astrologia védica devem buscar sempre fontes seguras que tenham essas mesmas intenções e se preocupem com sua pureza, evitando fontes que a distorçam e modificam os ensinamentos originais.

- CAPÍTULO NOVE -

CLASSIFICAÇÕES DAS CASAS QUE DIVIDEM INDICAÇÕES

Atualmente, algumas pessoas da comunidade de astrologia védica no Brasil têm dito que a quinta casa representa a recitação de *mantras* (*japa*), mas não a adoração da divindade no altar; que a adoração seria indicada pela nona casa, uma casa de cerimônias religiosas. Existe uma compreensão muito maniqueísta referente a esse assunto, sem muito espaço para conjecturas.

No entanto, mostraremos que a quinta casa também representa a adoração a divindades em altares. No grande clássico *Jataka Parijata*, de Vaidyanatha Dikshita, escrito em 1426 a.C., no décimo terceiro *adhyaya* (capítulo), p. 795 (Ranjan Publications), com tradução de V. Subramanya Shastri, B.A. para o inglês, o primeiro verso começa da seguinte forma: "É a partir da *quinta* casa que o astrólogo deve interpretar a deidade guardiã do nativo [...] e seu mérito religioso." O segundo verso segue assim: "Se a *quinta* casa a partir do ascendente estiver ocupada ou for aspectada por um planeta masculino, o nativo adorará uma deidade masculina. Se a *quinta* casa estiver em um signo par aspectado ou ocupado pela Lua ou Vênus, o nativo irá preferir adorar uma deidade feminina [...]." O terceiro verso inicia assim: "Devoção à deidade é indicada pelo regente da quinta casa [...]."

Outro grande clássico muito respeitado é o *Sarvartha Chintamani*, escrito no século XIII d.C., por Venkatesh Sharma (Sagar Publications), traduzido para o inglês recentemente pelo astrólogo de Nova Délhi de nome J.N. Bhasin. No capítulo oito, versos 34-42, páginas 216-218, ele escreve:

Se Vênus estiver localizada na quinta casa com a Lua ou se a quinta for aspectada pela Lua e Vênus, o nativo adorará uma deidade feminina.

Se a quinta casa estiver ocupada por um planeta masculino, o nativo adorará uma deidade masculina. Se a quinta casa estiver influenciada pelo Sol, o nativo adorará o Sol ou Shankara.

Se a Lua estiver influenciando, seja pela posição, seja pelo aspecto, a quinta casa, o nativo adorará "Yakshini". Se Mercúrio influenciar esta casa, o nativo adorará "Skanda" ou "Bhairava".

Se Mercúrio estiver na quinta casa, o nativo adorará "Sharada" ou "Vishnu", e uma deidade no modo da bondade se for Júpiter. Se for Vênus, ele adorará "Chamunda Devi".

Se Saturno influenciar a quinta casa, o nativo adorará algum espírito dos mortos e seguirá seu destino através das piras de cremação. Se Rahu ou Ketu estiverem ali, a deidade adorada será uma que fere outras.

Se os planetas mencionados acima estiverem localizados no *navamsha* de seus signos de exaltação, ou de um amigo, a deidade será adorada para benefício próprio. Caso não, será adorada para ferir outros.

Se o planeta envolvido for aspectado por planetas benéficos ou estiver localizado no *navamsha* Mridu, a deidade será gentil; caso não, será cruel.

Se mais de dois planetas estiverem envolvidos, a pessoa adorará duas ou mais deidades. A deidade será favorável ao nativo caso o regente da quinta seja um amigo do regente do lagna.

[Caso o regente da quinta seja um inimigo do regente do lagna/ascendente] a deidade agirá contra a pessoa. Se neutra, o resultado também o será.

Obviamente, a quinta casa é significativa da divindade adorada no altar, de acordo com os textos antigos e fidedignos acerca do tema astrologia.

De acordo com o princípio *bhavat bhavam*, a quinta casa é a nona contando a partir da nona. A ideia é que a nona da nona também ressoa com a nona. Assim sendo, como a nona casa representa a adoração da divindade no altar, a quinta também ressoa dessa forma no seu portifólio de indicações. Ambas as casas são similares. Saibam também que a nona é a casa dos professores por excelência. Então, seguindo o raciocínio *bhavat bhavam*, a quinta pode reforçar outros *karmas* no horóscopo relacionados à instrução e ao trabalho como professor.

A nona também ressoa a partir da quinta casa. Ambas são casas piedosas e representam atividades bramânicas. Alguém bramânico é alguém que aconselha e ensina outros. Tecnicamente falando, geralmente está escrito que a quinta se relaciona com papeis tutelares, sendo relacionada à profissão de um ministro do rei com frequência na literatura astrológica. E o que um ministro faz? Ele não é alguém que executa coisas. Tradicionalmente, é alguém que aconselha um rei. E sabemos que a nona casa indica professores.

É possível, claro, ressaltar as diferenças entre um ministro e um professor, já que elas existem de fato, mas os papeis são intrinsecamente similares. Ambos explicam coisas e cultivam o conhecimento alheio.

No entanto, a influência da quinta casa pode indicar um professor de maneira muito fácil, muito embora seja comum pensarmos nos professores em relação a outro trígono, a nona. Pode haver indicativos de apoio a essa decisão, como o regente da quarta casa (referente a escolas e aprendizado formal), por exemplo, ocupar a quinta. No outro extremo, a nona casa pode representar o que geralmente é descrito como indicações da quinta casa.

Fontes que corroboram essa lógica e a divisão de indicações entre as casas podem ser encontradas no *Sarvartha Chintamani*. No capítulo sete, verso 41, afirma-se:

> Se o regente da décima casa estiver na nona, e o regente da nona for forte em comparação, ou estiver sob aspectos benéficos, o nativo se dedicará a *japa* [*mantra*], meditação e *samadhi*.

No verso 42:

> Se o regente do signo *navamsha* indicado pelo *navamsha* do regente da décima casa for forte, e houver conexão/ *sambandha* mútua entre o regente da décima (ações) e da nona, o nativo se dedicará a *japa*, meditação ou *samadhi*.

O que concluímos desses trechos? É possível reparar que as indicações que a maior parte dos astrólogos védicos no ocidente atribuem à quinta casa de maneira exclusiva, são mencionadas como relacionadas ao escopo das indicações da nona casa; especificamente *japa*, o cantar de *mantras*.

Esse assunto da similaridade mútua de divisão de indicações das casas não se limita a quinta e nona casas, que são os trígonos. Para trazer mais conhecimento ao leitor, ainda trazendo referências do *Sarvartha Chintamani*, página 197, verso 34, no qual o autor se refere a casas maléficas (a sexta, a oitava e a décima segunda):

> Se o regente da sexta casa estiver em *sambandha* (por troca mútua, ou aspectos mútuos, em conjunção etc.) com o regente da nona, o nativo tem sorte contra seus inimigos. O mesmo resultado também procede caso o regente da nona esteja localizado na nona com algum dos regentes da sexta, oitava ou décima segunda casa.

Em outras palavras, o que é possível compreender disso é a abrangência de indicações de classificações iguais entre as casas; as casas maléficas em questão. É verdade que a sexta ainda representa especificamente aprisionamentos, dívidas, atrasos e obstáculos; que a oitava ainda representa grandemente a duração da vida e morte mais que as outras casas e que a décima segunda ainda representa perdas e gastos, mais do que as outras. Só que nenhuma das indicações dessas três casas divergem uma das outras. Isso devido a como

o autor do *Sarvartha Chintamani* faz referências às três casas negativas de maneira praticamente intercambiável.

Enquanto estamos neste assunto, Dr. B.V. Raman escreveu um texto interessantíssimo sobre a classificação *upachaya* das casas em seu livro *Hindu Predictive Astrology*, capítulo XVI, no fim da página 77:

> Os regentes da terceira, sexta e décima primeira [casas *upachaya*] atuam de forma relevante ocasionando dívidas, doenças e saúde precária. O melhor atributo para um horóscopo seria que os regentes da terceira, sexta e décima primeira se mantivessem isolados sem associação com qualquer outro planeta. O regente da terceira causa dívidas e doenças de maneira repentina; uma coragem imprecisa, um espírito imprudente sendo traços fortes no nativo. Egoísmo e misantropia também são marcados pelo regente da sexta, que tem controle forte sobre dívidas e doenças. Qualidades anárquicas resultam caso o regente da décima primeira seja muito forte. Circunstâncias sensíveis envolvendo vida e honra ao custo de dívidas e doenças podem ser superadas, mas por Marte e Saturno, que, caso ocupem signos inamistosos, podem trazer um excesso de maldade.

Repararam que Dr. B.V. Raman ressalta que os atributos que são normalmente considerados sob domínio da sexta casa (dívidas, doenças e saúde precária) são citados em todas as casas *upachaya*? Novamente, vemos a sobreposição de indicações dentro da classificação das casas.

Interpretações mecânicas e técnicas em excesso não ajudam em nada. Astrologia é um domínio tradicional bramânico, e o Senhor Sri Krishna descreve as qualidades bramânicas no capítulo 18 da *Bhagavad-gita*, verso 42, como *jñanam-vijñanam*. Em outras palavras, ter conhecimento lógico é tão importante quanto ter um bom julgamento. A bem da verdade, em Kali-yuga, as qualidades bramânicas e aqueles que as têm não são muito comuns, e deveríamos ao menos nos dedicar a manter uma postura como tal ao interpretar horóscopos e equilibrar nossas técnicas lógicas com bom senso.

Através de minhas leituras nas últimas décadas, já tive de lidar com esse tema de divisão de indicações em várias casas e diversas vezes. Não há nada de novo sob o Sol – os astrólogos da Índia antiga e da contemporânea naturalmente já incorporaram esse conhecimento. Nos países ocidentais, os convertidos à astrologia védica precisam cultivar conhecimentos abrangentes, evitando maniqueísmos, os quais não permitem as nuances dos assuntos.

- CAPÍTULO DEZ -

ADMOESTAÇÕES ESTELARES

Existe um paradigma astrológico que envolve um regente planetário de um asterismo em períodos planetários *Vimshottari* atuar como um barômetro e indicador desse asterismo devido à sua disposição. O problema que reside nessa ideia é que o regente planetário de um asterismo em *períodos* planetários *Vimshottari* é apenas isso: um regente de um asterismo que serve para interpretar *períodos* de tempo. Tempo! E apenas tempo.

Há uma lista de correspondências entre regentes de períodos planetários e os asterismos do esquema de períodos planetários *Vimshottari*. Nele, Ketu é o regente de *Ashvini*; Vênus, o regente de *Bharani*; o Sol, de *Krittika*; a Lua, de *Rohini*, e assim por diante. Essa lista realmente existe, mas nos perguntamos: Quais suas origens e quais seus propósitos?

Essa lista originou-se no *Brihat Parashara Hora Shastra*, escrito pelo sábio celestial Parashara Muni, pai de Vyasadeva, quem, por sua vez, escreveu o *Vishnu Purana*. A bem da verdade, o objetivo dessas listas de correspondências entre asterismos e regentes planetários serve apenas para o cálculo de períodos planetários conhecidos como *Vimshottari*. Em outras palavras, esses regentes dos asterismos servem apenas ao propósito de calcular a cronologia, não as relações entre regentes de segmentos do zodíaco, nem áreas ou espaços presentes neles. Parashara não indica nenhum objetivo extra a essa lista, nem em suas obras – nem se encontra em outro lugar na literatura astrológica clássica. Os regentes de períodos planetários não foram pensados para julgar positiva ou negativamente as

disposições de asterismos em um horóscopo. Foram pensados apenas para mensurar o tempo.

Além do mais, existe mais de um período planetário além do *Vimshottari*. Por exemplo, *Ashottari, Dvadasottari, Yogini* e mais tantos outros. Cada sistema tem uma *lista diferente de correspondências aos regentes dos asterismos*. Se é assim, então por que o sistema *Vimshottari* e sua respectiva lista de regentes de asterismos é a única considerada para previsões? Claro que Parashara reforça que o sistema *Vimshottari* é o melhor, mas isso não significa que essa lista seria a *única* a ser usada como referência da indicação da regência para a disposição dos asterismos. Para trazer um exemplo hipotético, a experiência nos diz que o esquema *Yogini* é tão acurado quanto. Na verdade, se não estiver no mesmo nível que o *Vimshottari*, estará quase lá. Se seguirmos esse raciocínio, o que nos impede de considerar *todos* os outros esquemas como tendo um pouco de relevância? Usar os regentes planetários dos asterismos considerando apenas um esquema para interpretar o horóscopo e não apenas para interpretar tempo e cronologia, seria tolice. O ideal, seguindo essa lógica, seria considerar todos!

E como refletir sobre a relevância e proporção de cada sistema? Pensando em como e quanto de cada um utilizar? Neste caso, é bom lembrar que isso não pode ser feito de fato, porque o propósito de Parashara ao pensar a lista do *Vimshottari* era o propósito de calcular períodos de tempo; não se especifica a possibilidade de desvio ou mistura para outros objetivos.

Adotar regentes planetários dos cálculos do *Vimshottari* para outros fins não faz sentido. Trazendo um exemplo, quando consideramos planetas como regentes de signos, há correspondência: Marte é o regente de Áries. Áries é um signo de fogo, energético, independente etc. Suas qualidades são as qualidades de Marte. Escorpião é um signo de Marte, mas é aquático. Mesmo assim, ele engloba as qualidades de Marte sendo um signo de tal calor como o que vemos em fontes termais; é um signo de raiva, individualismo, autonomia e resistência. Essas são qualidades marcianas. Câncer é outro exemplo de um signo emotivo e afetuoso, de instintos maternais, e muito sensível, o que também corresponde ao seu regente, a

Lua. O mesmo ocorre com todos os signos e seus regentes planetários; há correspondência e tudo se combina, e um é reflexo do outro.

Isso não acontece com os regentes planetários de *Vimshottari*. Há vários exemplos de correspondências que seriam aceitáveis, mas há exemplos que são extremamente incongruentes. Talvez o pior dentre eles seja a falta de correspondência entre o asterismo *Pushyami* e seu regente *Vimshottari*, Saturno. *Pushyami* é considerado o melhor dentre os 27 asterismos. Sendo produtivo e gratificante, sua ideia-chave é o florescimento, representa uma boa capacidade de aconselhar e supostamente é um asterismo vinculado à sabedoria, cuidado e religião. No entanto, Dr. Raman define Saturno como "ruim, cruel, indigno e pecador" em seu livro *300 Important Combinations*. Por natureza, Saturno é um planeta frio, áspero, de limites e duro. Então, como Saturno poderia ser posicionado no papel de regente de um asterismo tão positivo como *Pushyami* para fins de predições gerais? Não faz nenhum sentido. Não há correlação entre Saturno e o asterismo *Pushyami*; não se refletem em nenhum aspecto. Que o leitor saiba que há uma miríade de outros exemplos, mas digamos que já está óbvia a falta de congruência!

É preciso aceitar que cada regência planetária correspondente aos asterismos no sistema *Vimshottari* deve permanecer apenas no escopo inicialmente planejado, como um cálculo de período de tempo e não como um barômetro para pensar a disposição dos asterismos. Esse sistema não se relaciona a *áreas* do zodíaco, mas apenas a *tempo*.

Seu uso para esses outros fins é uma invenção recente, inserida posteriormente na prática da astrologia védica.

Isso nos faz retornar àquilo que já comentamos anteriormente neste livro: devemos nos resguardar apenas em fontes que venham de uma sucessão de discípulos dos tempos védicos. Na *Bhagavad-gita*, capítulo 4, verso 2, o *avatara* de Krishna comenta com Arjuna o seguinte:

evam parampara-praptam
imam rajarshayo viduh
sa kaleneha mahata
yogo nastah paran-tapa

> "Esta ciência suprema foi assim recebida através da corrente de sucessão discipular, e os reis santos compreenderam-na desta maneira. Porém, com o passar do tempo, a sucessão foi interrompida, e, portanto, a ciência como ela é parece ter-se perdido."

Não nos desviemos da importância da pureza astrológica inventando e desviando técnicas!

Como uma forma de conclusão, é possível interpretar a *posição* planetária dos asterismos apenas como indicado na literatura clássica, começando com o sábio védico Parashara, mas não inventar *regências* planetárias fictícias partindo de asterismos, já que não há correspondência desses usos em nossas fontes confiáveis.

- CAPÍTULO ONZE -

JÚPITER É UM BRAHMANA

Júpiter é Brihaspati no conceito védico, filho de Angira Rishi e Surupa. É o preceptor e conselheiro político de Indra e dos *devas*/semideuses. A bem da verdade, como *brahmana*, Júpiter indica todo tipo de atividade de conselheiro, por conta de sua natureza de *dharmas* bramânicos. Nos tempos idos, essas atividades eram de fato executadas pela casta dos *brahmanas*, mas, atualmente, o papel correspondente de Júpiter se correlaciona a conselheiros, consultores, professores, psicólogos ou atividades profissionais afins. Júpiter em conjunção com a Lua pode indicar um psicólogo ou especialista em cuidados infantis; com Marte, advogado; com Mercúrio, um contador; na quinta, um consultor financeiro; com Vênus, um professor de belas artes; com o Sol, um ministro real. O que pode variar nisso depende da análise da situação de Júpiter no horóscopo. O fato é que Júpiter indica esse papel de instrução e aconselhamento da parte do nativo do horóscopo.

Júpiter, como *brahmana*, é um grande educador. Ele é chamado de *vidya-karaka* devido à indicação do planeta estar vinculada ao ganho de conhecimento. De acordo com essas indicações planetárias, esse caminho pode ser através do conhecimento formal, como através de universidades, mas também pode envolver o ensino como carreira, das mais variadas formas.

Sendo um *brahmana*, *guru* e instrutor, a personalidade jupteriana é um pouco autoritária, no sentido de que a opinião da pessoa tem que ser sempre "a última palavra" no assunto.

Um dos títulos de Júpiter é em relação a *dharma-karaka*, o indicador planetário da religião. Júpiter fornece compreensão espiritual e sabedoria. Como um planeta sacerdotal, a pessoa se sente inclinada a cerimônias e rituais.

Outro título é *dhana-karaka*, o indicador da fortuna. O papel jupteriano como indicador da fortuna de alguém é um indicador-chave. Especificamente, investimentos e negócios financeiros recaem na esfera de Júpiter por conta de expansão, que é um de seus traços mais fortes. Afinal de contas, o que são investimentos além de um patrimônio que se expande?

Outra característica dessa expansividade de Júpiter é manifestada geralmente através de *putra-karaka*, o indicador natural de crianças. Geralmente é papel de Júpiter, a quinta casa e o regente da quinta indicarem a existência de crianças, até podendo se referir ao destino delas.

Júpiter é um grande benéfico. É dito que sua localização forte e centralizada no horóscopo pode resguardar alguém de influências danosas de várias outras combinações planetárias.

Este planeta é o oposto ao estruturado Saturno. Enquanto o sério Saturno limita possibilidades e estabelece parâmetros, Júpiter sugere desdobramentos, evolução, alegria e uma visão positiva das coisas. Quando Júpiter está retrógrado, esse planeta indica alguém que é generoso em excesso, otimista demais e bonzinho demais. Inclusive, a ausência da influência saturnina poderia fazer essa personalidade jupteriana ser incapaz de dizer não, desperdiçando a bondade da pessoa em esforços vazios.

Dr. Raman diz que "a posição de Júpiter também melhora consideravelmente um horóscopo por tornar a pessoa independente de outras, tendo a reputação de alguém que alcança seus esforços sozinha. Júpiter enriquece a dignidade da pessoa de maneira silenciosa." (*Hindu Predictive Astrology*, p. 85). A lógica por trás disso é que Júpiter é um planeta de *punya*, de bom *karma*, com um crédito *kármico* conquistado em vidas passadas, de tal forma que, nesta vida, a pessoa possa ter sorte o suficiente em seus empenhos para conquistar o que quer, mesmo quando outros fracassam.

Júpiter é o *adi-devata* do asterismo *Pushyami*, que é uma estrela que traz o caráter de nutrição e ser produtivo. Suas ideias-chave são conquista, florescimento, prosperidade, sabedoria, uma natureza reflexiva e religião.

Todas as glórias ao *deva-guru*!

- CAPÍTULO DOZE -

VÊNUS É BENÉFICO E BRAHMANA

Vênus é um grande benéfico. No esquema védico, Vênus é conhecido como *Shukra-acharya*, o mestre espiritual de um clã de demônios conhecidos como *daityas*, respeitado por outras raças demoníacas e clãs. Devido a esse fato, Vênus é conhecido por *daitya-guru*. Ele é um planeta misericordioso, pois estende oportunidades de melhora aos *daitya*s. O grande Parashara Rishi disse abertamente no *Brihat Parashara Hora Shastra* que, para o ascendente em Aquário, Vênus é benéfico. Ele o explica assim: "*Daitya guru shubha*". Claro que ele menciona isso quando fala da regência de Vênus sobre casas quando relacionado ao ascendente em Aquário, mas sabemos que isso funciona de maneira mais geral. Vênus é um benéfico de todas as formas. Por exemplo, na astrologia de predição, se Vênus estiver em uma casa cardinal, contrapõe-se a muitas aflições causadas por outros planetas. Até o canto cinco do *Bhagavata Purana* nos conta que Vênus é auspicioso, pois obstrui a influência de planetas maléficos.

Vênus cavalga um corcel branco segurando um pergaminho e uma pena nas mãos. A pena e o pergaminho se relacionam ao fato de que este planeta é a origem de escrituras e processos religiosos para os materialistas e demônios. Já que ele se estende a essas pessoas, é considerado muito misericordioso. Um dos 108 nomes de Vênus é Muktidaya, que indica que seu propósito neste planeta é o de liberar os outros. Shukra tem o objetivo de sublimar e espiritualizar as qualidades grosseiras dos materialistas, de forma similar à Bela de *A Bela e a Fera*.

Seguindo nessa linha, o amor, o amor à beleza, misericórdia, o cuidado e emoções refinadas, diversão, confortos, bondade, beleza,

harmonia, poesia, dramaturgia, arte, dança, música, sedas, prata, diamantes, tecidos finos, incenso, compaixão e perfumes fazem parte de seu portifólio. Como todos os tipos de conforto correspondem a Vênus, esse planeta remete a veículos também, já que tornam o transporte simples. É por isso que ele tem o título de *vahana-karaka*, o indicador natural de veículos.

A história da maldição de Maharaj Yayati por Shukra-acharya é um bom exemplo destas boas qualidades mencionadas acima. A mão da filha de Shukra, Devayani, havia sido dada em casamento a Yayati. Mas ele também mantinha uma relação secreta com sua criada, Sharmista. Por esse motivo, Yayati foi amaldiçoado por Shukra a envelhecer repentinamente, mas com a possibilidade de que essa idade avançada fosse transferida a alguém que se dispusesse a aceitá-la de bom grado. O seu nobre filho Puru respondeu à necessidade e doou sua juventude ao pai, que se aproveitou da situação! Mas Yayati refletiu ao reparar que, embora aproveitasse dos prazeres sensuais ao máximo, não conseguia satisfazer seus desejos. Ficou evidente quão fútil era a vida material, tanto que ele se tornou filosófico, devolveu a juventude ao filho e partiu para a floresta para se autorrealizar. O episódio todo fazia parte de um plano maior para a elevação espiritual de Yayati. Assim sendo, a natureza sensual e materialista do amor correspondente a Vênus faz parte de um plano maior de evolução.

Lembre-se que o caminho venusiano é o de elevar a consciência através da exposição ao amor, beleza e refinamento, assim recondicionando e sublimando as formas mais grosseiras de consciência.

Por outro lado, esse caminho venusiano é desnecessário para alguém que já percorreu o suficiente para se render completamente ao amor divino.

Em *Notable Horoscopes* (p. 139), Dr. Raman ressalta que "Vênus é um planeta de devoção tanto quanto de emoções".

A influência venusiana em um horóscopo pode reforçar os *karmas* profissionais, de aconselhamento e de ensino, já que é um grande *brahmana*, tal qual Júpiter.

Bebidas alcoólicas e intoxicações de todos os tipos também fazem parte de seu domínio. A combinação com Saturno está presente com frequência quando intoxicantes e sedativos estão em ação, como com a maconha, álcool ou derivados de ópio, mas, ainda assim, a intoxicação e a embriaguez é um domínio primordial de Vênus.

Vênus também representa as vacas. Na literatura clássica, elas são relacionadas ao planeta.

Provavelmente, a indicação mais famosa de Vênus seja o amor, o sexo e o casamento, como na astrologia ocidental. A sétima é uma casa do casamento e relacionamentos sexuais em geral, como seu nome *kamastan* atesta: *kamastan*, "o lugar do amor ou da luxúria". Saibam também que o sétimo signo, Libra, pertence a Vênus. A natureza sexual de alguém, o momento do casamento e a natureza do cônjuge, todos são julgados a partir de Vênus.

Além disso tudo, a quinta casa em um horóscopo indica os namoros e esse tipo de relações, a doze indicando o sexo, sendo a casa relativa aos prazeres na cama. Por esse motivo, Vênus se dá bem também na décima segunda casa, mesmo em termos de boas finanças. Na quinta também, já que é um trígono.

Vênus não é o mesmo que o Cupido, que é uma entidade separada. No esquema védico, o Cupido se refere a Kamadeva, que governa apenas em relação à luxúria.

Enfim, o leitor deve saber que Vênus revive/ressuscita pelas indicações da oitava casa contando a partir de Vênus. Por exemplo, se Vênus ocupa a casa 12, então a indicação da sétima casa, o cônjuge, poderia ser ressuscitado por Vênus. No caso em que o cônjuge tem um ataque cardíaco, então o nativo do horóscopo poderia prestar os primeiros socorros, chamar a ambulância e acompanhar o cônjuge ao hospital.

Não só pessoas, senão que coisas também podem ser revividas. Consideremos o caso de Vênus em ocupação da casa oito. Se contarmos 8 casas a mais a partir dessa posição, chegaremos à terceira casa, uma casa que representa publicações. O nativo do horóscopo

poderia comprar os direitos de publicação de uma revista extinta, e reviver sua publicação sob a influência de Vênus.

- CAPÍTULO TREZE -

BRAHMANAS INTERESSEIROS X ASTRÓLOGOS TRADICIONAIS

O avô Bhisma foi um *kshatriya*/guerreiro independente da era védica. Enquanto conversava com Arjuna e seus irmãos, os Pandavas, um pouco antes da *Bhagavad-gita* ser narrada, ele explicou que, apesar da traição de Shakuni no jogo de dados, e apesar da ofensa à honra de Draupadi, ele não poderia ficar do lado dos Pandavas por conta de Duryodhana, que lhe havia emprestado tanto dinheiro que se sentiria culpado de ajudar qualquer um que não fosse o próprio Duryodhana. É claro que Bhismadeva esqueceu de mencionar que o tal dinheiro emprestado havia sido roubado dos *próprios* Pandavas! Aparentemente, Bhismadeva raciocinou que não era um fato relevante, mas isso demonstra o que acontece com alguém de uma casta alta quando perde sua autonomia. Isso pode acontecer quando essa pessoa se torna presa a uma dívida, dependente de outros, como quando seus negócios estão em risco. Essas castas elevadas nos tempos védicos, *brahmanas*/sacerdotes, *kshatriyas*/guerreiros e *vaishyas*/mercadores, deveriam ser independentes, e não se sujeitarem a outros – apenas sujeitos ao escrutínio dos seus pares.

No décimo segundo capítulo do canto 1, verso 14, do *Bhagavata Purana*, há um exemplo perfeito da oferenda de caridade. A tradução de A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada segue da seguinte forma: "Com o nascimento de um filho, o rei, que sabia como, onde e quando se deve dar caridade, deu ouro, terra, vilas, elefantes, cavalos e grãos alimentícios de qualidade aos *brahmanas*." Especificamente, no nascimento do Príncipe Parikshit, seu horóscopo foi lido, e essa foi a oferenda de caridade para os *jataka vipras*, os astrólogos *brahmanas*.

Hoje em dia, não é mais assim. *Brahmanas* que vivem de doações em *kali-yuga* geralmente são pobres!

De volta ao texto, Prabhupada comenta dizendo:

> Somente os *brahmanas* e *sannyasis* são autorizados a aceitar caridade dos chefes de família, [...] pois os *brahmanas* prestam a mais elevada qualidade de serviço, referente à necessidade primordial da humanidade. A caridade era substancial, na forma de ouro, terra, vilas, cavalos, elefantes e grãos alimentícios. [...] Portanto, os *brahmanas* não eram pobres no verdadeiro sentido do termo. Ao contrário, porque possuíam ouro, terra, vilas, cavalos, elefantes e cereais suficientes, eles nada tinham a ganhar para eles mesmos. Eles simplesmente se devotavam ao bem-estar de toda a sociedade.

O que faz todo o sentido.

Não há uma restrição aos *brahmanas* viverem uma vida confortável, nem se diz que devam passar por problemas financeiros. Geralmente, são pobres por viverem de caridade, mas vemos que, nesse trecho da literatura védica, há exemplos de *brahmanas* que viviam tão confortavelmente que poderiam "simplesmente se dedicar ao bem-estar de toda a sociedade".

Mas não lhes era permitido servir a nenhum outro homem. Nunca perdiam sua autonomia ou se sujeitavam a outrem, nem poderiam ser sustentados por ninguém, e aí que está o problema! No canto 11, capítulo 17, do *Bhagavata Purana*, está escrito que aceitar caridade é o trabalho específico de um *brahmana*, mas que um *brahmana* que *esteja passando por dificuldades* pode adotar a profissão de *vaishya*/mercador, comprando e vendendo *mercadorias*. O *Bhagavata* condena, porém, que a profissão de um *shudra* seja adotada por um *brahmana*, o que se refere a fazer um *serviço* em troca de *pagamento*. Quando um *brahmana* oferece seus serviços, serviços astrológicos, por exemplo, com um pagamento estipulado, ele se torna um *brahma-bandu*, um amigo ou associado aos *brahmanas*, mas deixa de ser um *brahmana*. Comentários do tipo também são feitos na literatura *jyotish*, onde se explica que um astrólogo *brahmana* deveria ser abordado com a caridade de frutas e flores, o que ele aceitaria e ofereceria a sua própria

caridade na forma de conselhos astrológicos, ou se aconselha que *brahmanas* recebessem doações do rei, e oferecessem conselhos gratuitos em retorno. Mas uma atividade bramânica jamais deve envolver pagamento como uma condição prévia.

Há uma qualidade peculiar na relação entre um *brahmana* e a sociedade, que define especificamente se ele está atuando de forma bramânica. Um *brahmana* é um conselheiro, professor e instrutor. Há uma dinâmica a ser incorporada nesse tipo de relação e algumas armadilhas a serem evitadas. Um *brahmana* não é apenas alguém que segue sua moral e coopera enquanto segue as escrituras. Há mais do que isso.

A dinâmica aqui é a da *autonomia* na hora de aconselhar. A palavra de um *brahmana* deve ser independente; ele não pode dever nada a quem recebe os conselhos, nem a uma fonte que o sustenta. O *brahmana* não pode nem perder nem ganhar com o conselho que fornece. É apenas nessa circunstância que seu conselho permanece íntegro. Por exemplo, um astrólogo *brahmana* que aceita pagamentos em troca de seus conselhos astrológicos talvez omita ou torne mais palatável algo que ele diz. Enquanto houver dinheiro envolvido e enquanto sua intenção for a de que o cliente continue voltando, ou faça boas recomendações, ou compre pedras astrológicas, ele poderia acomodar seus conselhos a esses propósitos.

Imagine uma vila na Índia antiga. Agora imagine que alguém da casta *kshatriya*/guerreira dessa vila tenha se aliado a um *kshatriya* da vila vizinha para invadir o reino de um terceiro, para pilhar todas suas posses e sequestrar uma de suas filhas. Para organizar essa invasão, eles precisam liberar uma trilha em um terreno irregular, já que o reino do terceiro *kshatriya* fica no topo de um platô. Eles reúnem todos os *shudras* de seus reinos, fazendo-os marcharem na linha de frente, abrindo o caminho com facões e coisas do tipo.

Bem, os *vaishyas*/mercadores daquela região não poderiam reclamar muito já que a sobrevivência de seus serviços se sujeita à égide e bençãos desses mesmos *kshatriyas* que administram e coletam impostos, que não ficariam nada satisfeitos com uma interferência em seus planos. Os *shudras* também não poderiam reclamar, já que são sujeitos aos seus empregadores, não tendo independência nesse aspecto.

Agora, quem poderia reclamar livremente, e o faria, seria um *brahmana*. A comunidade *brahmana* poderia queixar-se de que os *kshatriyas* eram culpados de trair a confiança da sociedade, que estavam tirando vantagem e abusando da boa vontade e da fé que fora depositada neles, em troca de entrarem em uma luta desnecessária e exagerada balizada no próprio ego, tudo isso enquanto perturbavam e punham em risco a vida dos *shudras* indefesos.

O que os *kshatriyas* poderiam fazer contra os *brahmanas*? Arrancar suas propriedades e/ou matá-los? Tal atitude odiosa faria com que eles perdessem o apoio e a fé de seus povos; tirar a propriedade de um *brahmana* não é permitido pelas escrituras. Os *kshatriyas* não poderiam coagi-los financeiramente já que os *brahmanas* não tinham interesses financeiros, já que viviam de caridade, e poderiam ficar em suas próprias terras por direito. Se os que oferecem caridade a eles fossem intimidados, no canto 11, capítulo 17, do *Bhagavata Purana*, existe a instrução para que os *brahmanas* colham os grãos e cereais que ficam nos campos após a colheita. Sendo independentes dessa forma, a comunidade *brahmana* poderia falar abertamente, sem medo de intimidação. Eles eram autônomos. Independentes.

De maneira similar, no Brasil, oftalmologistas são proibidos de ter interesses financeiros ou serem donos de lojas que vendem lentes com prescrição, ou que médicos sejam donos de farmácias. Há conflito de interesses.

E tudo retorna a isso. Aqueles que fornecem conselhos astrológicos não podem ter interesse de ganhar dinheiro através da interpretação de horóscopos, já que gera esse conflito de interesses. Aconselhamento astrológico é uma atividade bramânica. Esse padrão precisa ser seguido.

Trarei um exemplo da maneira errada na qual proceder quanto a conselhos astrológicos e *dharma* bramânico e, depois, apresentarei um exemplo da maneira correta.

Quando comecei a estudar astrologia, recebi mentoria de diversos astrólogos que já estavam na área há bastante tempo. Meu principal mentor havia se tornado muito estimado e famoso dentre os devotos de Krishna na América do Norte. Seus serviços astrológicos

eram bem procurados. Um dia, ele estava me dando carona após um tutorial sobre astrologia. Ele me contou que havia incorporado a interpretação da revolução solar no mapa, também chamada de *varshaphal* na Índia. Ele me disse que o problema era que as pessoas vinham lhe pedir interpretações e previsões sobre o futuro, e que ele fazia um trabalho tão bom que ninguém tinha necessidade de voltar; reclamou que não estava tendo clientes que retornassem. Todavia, como a revolução solar era calculada anualmente, ele estava recebendo um aumento nos serviços (tempos depois ele acabou se envolvendo com a venda de joias astrológicas que deveriam ser usadas como supostos talismãs).

Acabei questionando-o sobre o mapa de revolução solar já que, em resumo, é parte da astrologia islâmica. É fato que, devido às invasões deles na Índia, houve sim uma certa justaposição de técnicas e que algumas ainda são empregadas no país. Mas essas técnicas não fazem parte do sistema astrológico védico original recebido por personalidades divinas como Parashara Muni. E mais ainda, essa técnica é contrária às de Parashara na questão de fazer previsões. As técnicas védicas envolvem períodos planetários e subperíodos, além de trânsitos de planetas, e não revoluções solares.

Durante as invasões muçulmanas à Índia, quebrava-se com frequência as deidades do altar, em demonstrações horríveis de iconoclastia. Eles estupraram, pilharam, assassinaram e escravizaram centenas e centenas de milhares de hindus, separando famílias e vendendo mulheres e filhas como concubinas à Pérsia e outras partes do mundo islâmico. Para transportar as multidões escravizadas, faziam com que marchassem através das montanhas que ficaram conhecidas posteriormente como Indocuche (Hindu Kush), sendo que *kush* significa "assassino". A marcha foi tão severa que vários hindus morriam devido à fome e exposição aos elementos. Daí as montanhas terem ficado conhecidas sarcasticamente como "as montanhas "assassinas de hindus".

Agora, como é possível que pessoas que têm esse conhecimento, que são espiritualizadas e se apresentam como guardiãs das práticas bramânicas, se sintam em paz em utilizar técnicas islâmicas de interpretação apenas porque estavam passando por dificuldades financeiras?

Esse tipo de contradição nasce sempre que astrólogos se desviam do espírito bramânico que deveria cercar essas práticas, como adoração ao altar e astrologia. Afinal, a astrologia é a profissão da casta sacerdotal, por assim dizer, e sacerdotes não deveriam ser homens de negócios gananciosos. Eles podem ser ricos ou pobres dependendo da caridade que lhes é estendida espontaneamente, ou que vem a eles através de um pedido humilde, que não defina valores ou sugira preços. Quando um astrólogo ou astróloga aborda suas interpretações com a lente dos negócios, isso faz surgir um conflito de interesses enorme.

Agora, parto para o exemplo extremamente instrutivo e positivo que tive quando era um adolescente em Nova Délhi, Índia, no meio dos anos de 1970. Eu vivia em um *asrama* naquela época, e um dos líderes me pediu que fosse até a periferia da cidade numa tarde e buscasse um cheque de um empresário que queria fazer uma doação para o *asrama*. Bem, eles me deram as instruções de como chegar, mas o endereço era no meio de uma feira e eu tive dificuldades de encontrar o lugar. Além disso, eu tinha uma hora certa para estar lá.

Enquanto eu corria através das barracas da feira, encontrei uma rua sem saída, mas que dava numa mesa de um *brahmana* hindu, que estava cercado de livros e papéis. Ele se vestia como uma pessoa religiosa com as mesmas dobras e amarrações que eu usava, como os devotos usavam no lugar e época em que o *avatara* de Krishna apareceu em Vrindavana. Aquilo me intrigou. Ele tinha um sorriso muito agradável e inquisitivo. Ele me convidou a me sentar, e eu perguntei uma ou duas coisas sobre sua vida espiritual, após o que, finalmente, eu lhe contei por que estava ali e o que buscava. Ele não entendeu de imediato, mas perguntou ao dono de uma barraca ao lado, em hindi, e me explicou em inglês como chegar lá.

Então, ele fez um gesto para a mesa, perguntando-me se havia algo que eu queria saber. Perguntei o que ele quisera dizer com aquilo e ele me contou que era um astrólogo. Quase caí sentado de surpresa! Contei-lhe que o dinheiro comigo não era meu – era dinheiro do *asrama* –, mas acabei perguntando quanto custava, para fins de curiosidade. Ele foi gentil ao me dizer que era apenas uma doação, mas que, se alguém não tivesse dinheiro, não era necessário fazer nenhum pagamento, e me repetiu a oferta. Não consegui

pensar em nada para perguntar e eu lhe disse que precisava correr para o meu destino, e, enquanto me distanciava, vi que ele me olhava com carinho e sinceridade, de tal forma que me comoveu profundamente. Era uma pessoa amabilíssima, plena de bondade!

E que diferença crucial entre esse astrólogo *brahmana* tradicional e o astrólogo ocidental convertido que se via à vontade para incorporar astrologia islâmica, e se vender por joias supostamente místicas, com uma facilidade absurda. É bem verdade que, quando astrólogos do tipo veem o dinheiro cair na mesa, mudam suas opiniões e saem do prumo. Esse tipo de astrólogo é quem polui a estrutura da astrologia védica, e que faz mais mal do que bem no fim das contas.

- CAPÍTULO CATORZE -

VIDAS FUTURAS E PREGRESSAS & A ARTE DE MORRER

Há um método para buscar informações sobre vidas pregressas em várias obras clássicas. A ideia é que o passado pode ser compreendido através da nona casa, já que ela representa *purva-punyas*, os créditos de vidas pregressas. A quinta casa também é um trígono que representa os mesmos créditos. Mas há mais do que isso em relação à quinta. Ela também é a casa da criação, e como a nona é nossa vida passada, a quinta (criação) a partir da nona (vida pregressa) representa a encarnação atual a partir do ascendente. Seguindo esse raciocínio, a informação da próxima vida poderia ser observada a partir da quinta casa, que seria a quinta a partir do ascendente. Isso se deve a nossas ações no presente (ascendente) criarem as condições para nossa próxima vida (a quinta). Esse conceito é corroborado no livro *Phaladeepika* (Ranjan Publications, com tradução de Dr. G. S. Kapoor para o inglês), de Mantreshwar, capítulo 14, verso 24 (p. 165).

> É a partir do regente da nona casa que tudo é verificado em relação à vida pregressa do nativo do horóscopo, e toda informação referente à vida futura dessa pessoa está relacionado à quinta casa. [...]

Os créditos das vidas pregressas, representados pela quinta casa, auxiliam-nos especificamente quando o assunto é a próxima encarnação, permitindo vislumbrar um futuro nascimento bom ou ruim. Também nos auxiliam na criação do futuro nesta vida presente, como na criação dos filhos. Essa técnica é comentada em *Sundarasekaram* (o tratado Tamil), com a seguinte grafia: பஞ்சவித்த

ஸ்தானபரே், cinco princípios dos nomes do *sthana* (casa). Também lemos que a quinta casa representa previsão no clássico astrológico Phala Dipika: "Previsão, filhos, o ventre, audição e memória – todos estes se relacionam à quinta casa."

A quinta casa remete a previsão, profecias e pressentimentos em relação ao *futuro.* Tanto a quinta quanto a nona são trígonos, mas a nona se relaciona com o passado e com os aprendizados de vidas pregressas, enquanto a quinta se relaciona com o futuro *que teremos* e *o qual ganhamos o direito de criar* nas vidas pregressas.

Essa qualidade de futuro que está na quinta casa também é mencionada no capítulo 1 de *Phaladeepika*, de Mantreshwar, verso 12: "[...] *profecia*, vida, filhos, estômago [...]" (a palavra "*prophecy*" (profecia) havia sido traduzida como "*foresight*" (presságio), pelo astrólogo J.N. Bhasin no original em inglês). Como um exemplo comparativo, a nona representa o pai que já possuímos ao nascer. Na verdade, enquanto estamos no útero, mesmo antes de nascer, já temos um pai. A quinta representa nossos filhos, que nascerão no futuro em relação ao nosso horário de nascimento. *O direito de ter um pai, e também de criar filhos, foi conquistado nas vidas pregressas,* devido aos trígonos demonstrarem os créditos *kármicos* do passado. Mas os resultados da quinta na forma de crianças aparecem no futuro depois do nosso nascimento, enquanto os resultados da nona, como o nosso pai, são instantâneos, logo ao nascer, falando de maneira sucinta.

Esses conhecimentos relativos a casas que são trígonos (quinta e nona) são interessantes do ponto de vista lógico, mas são bem difíceis de testar! (Por exemplo, onde eu estava em minha vida pregressa?) Mas essa técnica não é completa, não é a única, justamente por não ser tão abrangente; ela não inclui os luminares, os repositórios das experiências de vidas pregressas.

No livro *Predictive Astrology*, Dr. B.V. Raman diz que "a vida pregressa pode ser determinada através do regente do decanato ocupado pelo Sol ou pela Lua, e de acordo com o *loka*/mundo do qual a alma veio". A lógica por trás dessa técnica é infalível; o Sol é acervo da soma total de todas as experiências da alma durante sua jornada de nascimento e morte no mundo material. O Sol representa a alma. Nem toda sabedoria acumulada fica disponível à alma

em todos os momentos, mas o que estiver será indicado pela situação solar no horóscopo. De maneira parecida, a Lua representa o corpo astral sutil, que é o veículo para a alma. Esse corpo sutil é maleável e flexível, constantemente modificado pelas impressões de nascimentos recentes. Os *karmas* se fixam à alma (Sol), mas não a modificam em sua essência. No entanto, o corpo astral sutil (Lua) *é sim modificado* pelas impressões mais recentes, de modo que a Lua nos diz muito sobre os condicionamentos *atuais*, evoluções recentes, estado de consciência e vidas pregressas *recentes*. É possível dizer que a alma nos é percebida instintivamente, por sua sutileza e por estar enraizada profundamente no passado; isso não sendo tão óbvio quando se trata das emoções lunares, que são rapidamente percebidas, já que o nível emocional/astral da Lua é mais próximo do plano material.

O ponto-chave aqui é que os luminares provêm uma compreensão das vidas pregressas da alma por conta do Sol e da Lua, os planetas da consciência, também terem estado "presentes", por assim dizer, naqueles tempos, já que representam o nativo do mapa, de acordo com o raciocínio que acabamos de explicar. O que não é o caso quando falamos de outros planetas. Eles têm mais a ver com o que uma pessoa tem, relacionam-se com ela como se fossem um pronome possessivo, e não como parte de fato do que a pessoa *é*. Por exemplo, Marte pode representar a coragem de alguém, ou Júpiter, as crenças religiosas ou filhos de alguém. É difícil dizer que Júpiter, por si mesmo, represente o nativo do horóscopo na vida pregressa do nativo, já que ele não representa a própria alma, tal qual o Sol o faz. Júpiter também não representa diretamente a consciência e autoconhecimento da alma que brilhou através do filtro do corpo astral, sendo alterada por ela, tal qual a Lua o faz. Apenas através da interpretação da Lua e do Sol é que conseguimos compreender vidas pregressas, de uma forma que outros planetas não permitem.

O papel da oitava casa na determinação da fonte e natureza da morte é bem conhecido; apenas por dizer oitava casa, nos referimos também, de maneira abrangente, ao regente da oitava, e o regente do vigésimo segundo decanato (decanato que cai na oitava). Essa oitava casa também é um indicador da próxima vida ou destino da pessoa, e sobre esse assunto temos a autoridade de Sri Krishna na *Bhagavad-gita* (capítulo 8, verso 6):

yam yam vapi smaran bhavam
tyajaty ante kalevaram
tam tam evaiti kaunteya
sada tad-bhava-bhavitah

> "Qualquer que seja o estado de existência de que alguém se lembre ao deixar o corpo, ó filho de Kunti, esse mesmo estado ele alcançará impreterivelmente."

Afinal, o estado de nossa mente no momento da morte influencia nosso próximo destino, de modo que o ambiente e atividades que se manifestarem na hora da morte serão indicadores de para onde iremos. E a oitava casa representa a morte.

A décima segunda casa é a última do horóscopo. Tal qual a primeira é a indicadora do começo da vida, ela indica o fim e o além. Ela praticamente encosta na próxima vida, sendo separada do próximo destino por uma camada fina de tempo. O impulso que se acumula da primeira casa em diante é basicamente carregado para a próxima vida através da décima segunda, como uma mola de propulsão. É nesse momento que a alma está mais próxima da vida seguinte do que dos eventos da atual.

Para trazer provas advindas da literatura clássica, em *Sarvartha Chintamani*, de Vyankatesh Sharma, no capítulo que trata sobre a décima segunda casa, p. 214, verso 17, declara-se: "Se o regente da décima segunda casa estiver em um signo maléfico, no nono *navamsha*/divisional de um signo de um planeta maléfico, com um planeta maléfico e aspectado por um planeta maléfico, o nativo vai para o inferno após a morte."

A influência de benéficos na décima segunda casa traria resultados que envolvam o amor puro de Deus, libertação espiritual, uma vida futura em planetas celestiais. A influência de planetas maléficos traria a criação de um futuro infernal. Influências que estejam no meio do caminho podem trazer uma vida futura que mescle confortos e boa sorte, com obstáculos e dificuldades.

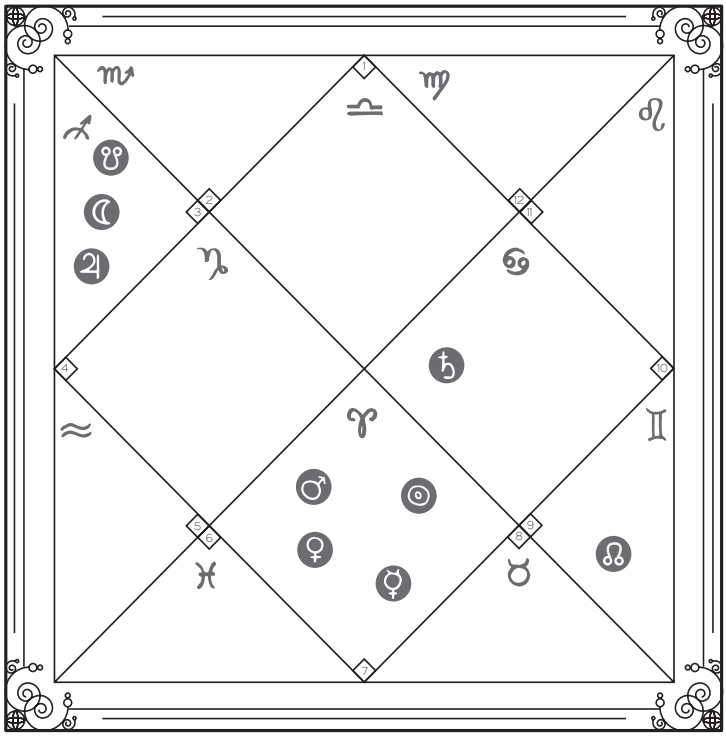
Ainda sob a autoridade de Sri Krishna no assunto, sabemos que, se nossas mentes se voltam a Ele no momento da morte, inegavelmente O alcançaremos (*Bhagavad-gita*, capítulo 8, verso 7):

tasmat sarveshu kaleshu
mam anusmara yudhya ca
mayy arpita-mano-buddhir
mam evaishyasy asamshayah

> "Portanto, Arjuna, você deve sempre pensar em Mim na forma de Krishna e, ao mesmo tempo, cumprir com seu dever prescrito de lutar. Com suas atividades dedicadas a Mim e sua mente e inteligência fixas em Mim, não há dúvida de que você Me alcançará."

Uma comparação entre os trajetos dos mapas de Adolf Hitler e de Mahatma Gandhi confirmam o que tratamos anteriormente sob esse aspecto paradigmático.

Adolf Hitler

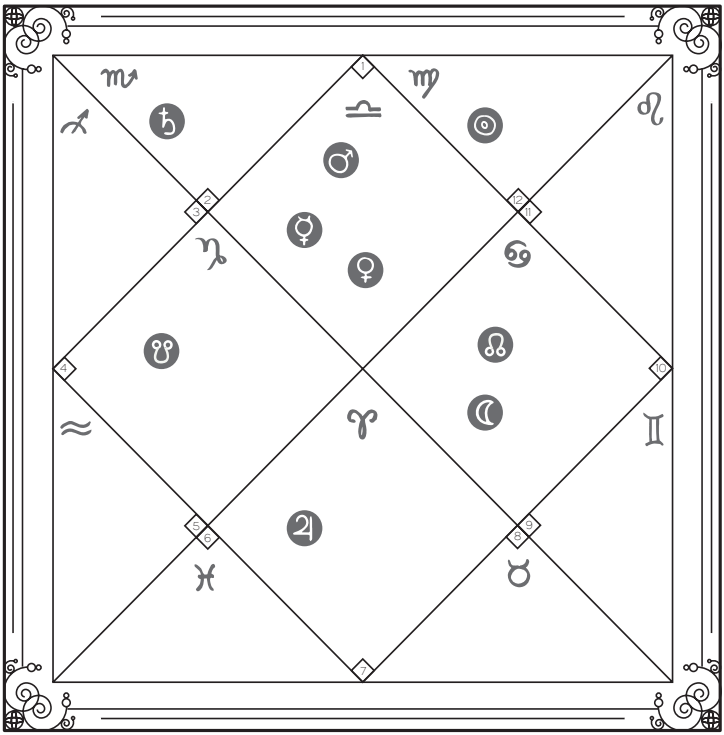


No horóscopo de Hitler, Vênus é o regente da oitava casa. Vênus está em Áries, um signo de fogo, cruel, junto aos maléficos Sol e Marte, além de Mercúrio, regente da décima segunda casa. Vênus está em *navamsha* Escorpião com Marte, e com Ketu. O asterismo em que Vênus está é *Bharani*, que representa supressão e crueldade. O negativo Saturno aspecta Vênus e Mercúrio em Áries, dado que Saturno é o regente imaculado de casas boas a partir do ascendente, mas se torna um regente maléfico a partir da Lua, que neste caso está no terrível asterismo *Ashlesha*. Um destino infernal o aguardava graças à influência negativa do regente da oitava, Vênus.

É bom lembrar que Mercúrio, regente da casa do próximo destino, a décima segunda, ocupa um signo associado com violência, Áries,

junto a dois outros planetas que também são geralmente associados à violência, Sol e Marte. Devido a essa situação, podemos interpretar que um destino violento e infernal o aguardava.

Mahatma Gandhi



No horóscopo de Mahatma Gandhi, Mercúrio é regente da décima segunda. Ele está no ascendente com Vênus benéfico no asterismo *deva ganam Swati*. *Swati* é um asterismo de harmonia e que inclui sacerdotes como representação. Júpiter benéfico está na oitava casa, e Saturno, regente em casas de pureza e benéficas, aspecta Escorpião a partir do asterismo bondoso *Anuradha*. Vênus, regente da oitava, está no ascendente de seu próprio signo, e *navamsha* com o regente da casa do *dharma* e o representante planetário de Vishnu, Mercúrio. É suficiente dizer que o próximo destino

de Gandhi foi extremamente piedoso. Podemos imaginar que ele alcançou o objetivo supremo de encontrar Ramachandra, cujo nome ele entoou enquanto falecia.

O paradigma da pós-vida se mantém, como pudemos observar, envolvendo tanto a oitava quanto décima segunda casas.

Encerramos este capítulo com a letra da música "*The Art of Dying*" ("A Arte de Morrer"), de George Harrison (aqui em tradução livre):

Virá um tempo em que todos devemos partir
Não há nada que a Virgem Maria poderá fazer
Para me segurar aqui com você
E nada nesta vida que tentemos conquistar
Vai se equiparar à Arte de Morrer

Virá um tempo quando toda esperança se mostrará vã
Quando tudo que parecia simples demais
Parecerá doloroso demais
Enquanto buscamos pela verdade dentre os vivos
Uma que só encontrará resposta ao aprender a Arte de Morrer

Virá um tempo quando a maioria de nós irá voltar
Trazidos pela vontade do desejo de ser
Uma entidade perfeita
Que viverá um milhão de anos chorando
Até alcançar a Arte de Morrer!

- CAPÍTULO QUINZE -

ANO VIMSHOTTARI: 360 OU 365 DIAS?

Este capítulo apareceu no formato de artigo na edição de março de 2014 da revista Modern Astrology.

O cálculo do período planetário *Vimshottari* é um enigma astrológico, especificamente quando se trata de considerar um ano de 360 ou de 365 dias. Não me sinto confortável em considerar os argumentos a favor do ano de 365 dias para fins do cálculo deste período.

Por que aceitar que o efeito do ano lunar de 360 dias – também conhecido como ano *Shravana* – deveria ser considerado apenas para fins de sacrifícios, e que o ano solar de 365,24 dias deveria ser considerado para quaisquer outros fins astrológicos?

Mas por que o Sol, por que um ano solar? Parashara Muni descreve uma posição proeminente à Lua no sistema *Vimshottari* já que o cálculo envolve a mesma e seu progresso através dos asterismos, também conhecidos como *nakshatra-mala*, os asterismos das mansões lunares. A conexão da Lua com esses asterismos é íntima, já que as deidades que as presidem destinam-se a ser esposas da Lua, e são nada menos do que as 27 filhas do semideus Daksha. É preciso ressaltar que o envolvimento do Sol no cálculo dos períodos planetários não aparece no texto de Parashara, nem em nenhum lugar de destaque da literatura clássica. Certamente existe um papel central para a Lua, mas não para o Sol. Nem há outros movimentos planetários que estejam envolvidos nos cálculos dos períodos planetários; apenas os movimentos lunares através dos asterismos. Sendo assim, todos os sistemas de períodos planetários são extremamente lunares em suas naturezas.

Há versos do *Rig Veda* que falam de um ano de 360 dias com referência à Roda do Tempo (*kala-chakra*, em sânscrito), o que obviamente é o zodíaco.

> A Roda do Tempo, com seus doze raios, gira ao redor dos céus, mas não se desgasta. Ó Agni, 720 (720 / 2 = 360) pares de sóis cavalgam essa roda. (*Rig Veda Samhita* 1.164.2, *Bharatiya Janata Samaj*, volume 1, p. 17-18)

> Doze raios, uma roda, três centros. Quem os compreende? Neles, há 360 *shankus* fixados de tal forma que não se soltam. (*Rig Veda Samhita* 1.164.48, *Bharatiya Janata Samaj*, volume 1, p. 18)

Assim sendo, esses versos acima relacionam o ano de 360 dias (720 dias e noites) do *Savana*/Ano Lunar ao zodíaco védico. Para ir direto ao ponto, os asterismos/mansões lunares são partes integrais dessa roda do tempo zodiacal, sendo estruturadas pelas mesmas estrelas. Precisamos de mais evidências? O sistema *Vimshottari* de períodos planetários é evidentemente um cálculo de asterismo, já que é preciso calcular o progresso através dos asterismos lunares, a fim de chegar ao período planetário indicado. Esses períodos são indicados pelos próprios asterismos, já que Parashara assegura um período planetário a cada asterismo, e esse ano associado é o de 360 dias, de acordo com o *Rig Veda*.

O cálculo terrestre que considera o ano solar de 365,24 dias considera o tempo terrestre, o que não pode ser levado em conta quando falamos das constelações zodiacais e asterismos.

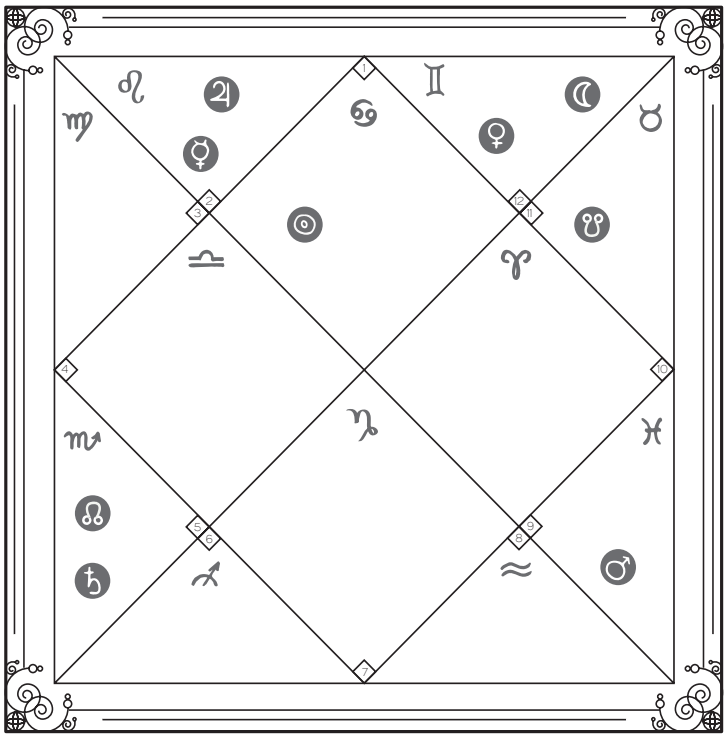
O tratado de Mantreshwar, *Phaladeepika*, no capítulo 19, indica que o ano solar poderia ser usado no cálculo *Vimshottari*. No entanto, lembremos que Mantreshwar era um escritor de segunda classe, de tempos relativamente recentes de Kali-yuga. Seus escritos nunca tiveram a autoridade nem o prestígio dos clássicos, como *Brihat Jataka, Saravali, Sarvartha Chintamani* ou *Jataka Parijata*. E, certamente, nunca tiveram uma autoridade tal qual o *Rig Veda*!

O teste de fogo nos tempos modernos é ver se existe um evento único que sirva de prova incontestável para a acurácia dos anos de

360 dias para os cálculos. A seguir, em um exemplo de mapa, há vários eventos marcantes, mas vários podem ser justificados com os cálculos de um ano de 360 ou 365 dias. No entanto, há apenas um evento único que só pode ser justificado pelo uso do ano de 360 dias. O nativo perdeu seu carro em uma enchente em janeiro de 2010. Ele havia acabado de entrar no período de Ketu-Lua de acordo com o ano de 360 dias.

(O cálculo de inclinação usado para determinar a posição da Lua foi o *Lahiri*. O termo "inclinação" é usado aqui em referência aos ângulos entre os planos da Terra, o Equador e sua órbita. É chamado de *ayanamsha* em sânscrito. A posição final da Lua nesse cálculo é usada para o cálculo do período planetário.)

O nativo nasceu em 4 de agosto de 1956, às 6h31 da manhã, em Bethesda, Maryland, EUA. O grau ascendente era 21*39' em Câncer, e a Lua estava em 19*46' em Gêmeos.



A Lua é obviamente um planeta aquático. No horóscopo de exemplo, a Lua do nativo era minguante sob um ascendente em Câncer. A Lua está na décima segunda casa da perda em conjunção a Vênus, o indicador planetário de veículos.

Os períodos sublunares, e indicativos em termos de regência lunar e indicadores naturais/*karakatva*, sempre foram devastadores para esse nativo, tanto é que a Lua maléfica em seu horóscopo pode ser conectada facilmente à perda. Na verdade, essa perda é extremamente lunar em sua natureza, justamente por conta de o nativo do mapa ter ido embora da casa de um amigo, dirigindo durante uma crise de ansiedade, e no meio de uma chuva torrencial. A ansiedade é um estado emocional representado pela Lua minguante. Tudo isso porque lhe ocorreu repentinamente que havia deixado uma janela aberta em sua casa. O resultado de tudo isso foi a perda do veículo, que foi pego por um alagamento no caminho.

Vênus representa veículos de duas maneiras. Inicialmente, veículos caem sob a indicação natural venusiana e, sob o ascendente em Câncer, também é regente da quarta casa, a casa de veículos. O nativo perdeu o seu logo que o período Ketu-Lua começou, de acordo com o cálculo de 360 dias. Se usássemos como referência o ano de 365 dias, esse período só teria acontecido 10 meses depois! No segundo cálculo, o subperíodo ainda estaria em Ketu-Vênus.

O que muda no caso de um ano de 365 dias é que Vênus é benéfico demais para o nativo para que esse fato se encaixasse. Lembremos que *Bhavarta Ratnakara* afirma que Vênus na décima segunda é benéfico quando o ascendente está em Câncer. Além do mais, neste caso, Vênus é aspectado por Marte, o regente favorável de duas casas benéficas, a partir de um trígono, e trígonos sempre são benéficos.

Durante a vida do nativo desse horóscopo, os subperíodos venusianos sempre trouxeram resultados positivos em termos de regência e indicadores naturais. Quando em Mercúrio-Vênus, inclusive, o subperíodo havia fornecido resultados espetaculares em termos de posses, finanças e casamento, e um ótimo veículo!

Não vou me estender aqui, mas concluirei que não sinto que um Vênus benéfico como este, na décima segunda casa, aspectado pelo regente favorável de duas casas benéficas, Marte, num trígono, indicaria a perda do veículo numa enchente. Por outro lado, o subperíodo da Lua minguante na décima segunda, perto do indicador de veículos, Vênus, planeta que também é o regente da casa de veículos, poderia indicar a perda devido à grande aflição de Vênus pela Lua. E a Lua indica também a mente ansiosa e impulsiva do nativo durante o acontecimento.

Seguindo esse raciocínio, é possível compreender que o cálculo *Vimshottari* é, em grande parte, um cálculo asterismo e lunar, graças à nossa correlação com o *Rig-veda* ao ano lunar de 360 dias com a Roda do Tempo: o zodíaco e seus asterismos (e nosso exemplo anteriormente). Pelo visto, temos razões suficientes para aceitar somente o cálculo *Vimshottari* de 360 dias e não o de 365.

- CAPÍTULO DEZESSEIS -

EXCEÇÕES À OCUPAÇÃO DE CASAS

De acordo com os princípios de astrologia védica, as casas cardinais e trígonos são positivas em relação aos benéficos naturais que as ocupam, e vice-versa (em sânscrito, casas cardinais são chamadas de devotas de Vishnu, e os trígonos, devotos de Lakshmi). No entanto, caso sejam ocupadas por planetas maléficos, suas indicações são afetadas. Casas *upachayas*, a terceira, sexta, décima e décima primeira, são bons locais para planetas maléficos, enquanto, se planetas benéficos as ocuparem, seus esforços serão vãos. Sim, as casas *upachaya* desperdiçam os impactos de planetas benéficos. A décima é tanto uma *upachaya* quanto uma casa cardinal, e o lado bom é que ela pode ser uma casa benéfica para benéficos e maléficos. As casas *dushtanas*, também chamadas de casas *trik*, são maléficas tanto para benéficos quanto para maléficos.

Mas há exceções. Elas ocorrem quando planetas maléficos estão na sexta, Mercúrio na oitava e Vênus na décima segunda. Podemos analisar mais a fundo essas exceções para compreender melhor.

É bem sabido que casas maléficas são chamadas de *dushtanas*, e que são a sexta, a oitava e décima segunda. **Os benéficos se enfraquecem nessas casas, embora tentem beneficiá-las por sua natureza, e às vezes através de sua regência.** Quando isso acontece, porém, aquilo que for representado por essas regências não será beneficiado, mas sim sofrerá, tanto planetas quanto regências, nessas casas maléficas.

Os planetas maléficos atuam de modo nefasto nessas casas. Na literatura clássica, os resultados deles na oitava casa são lidos como

uma história de terror, bem como ocorre na décima segunda casa. Isso não ocorre com tanta intensidade na sexta.

Existe uma dicotomia sobre os planetas maléficos na sexta casa. A literatura clássica descreve claramente resultados positivos e fortes, mas também há a presença de resultados negativos. Por exemplo, o venerável *Brihat Jataka* explica que Sol, Marte e Saturno agem de forma poderosa na sexta, mas que o nativo do horóscopo será subjugado por seus inimigos. Em geral, descreve-se fortuna, poder e fama, bem como dívidas, servidão, doença e problemas com inimigos.

É preciso entender por qual motivo essas contradições aparecem, pois tais contradições não são típicas no caso de outros planetas e casas. Por exemplo, Júpiter na casa do *dharma*, a nona, sempre apoia a vida espiritual de alguém – não há outra possibilidade, não é algo que "depende".

Todas as contradições podem ser reconciliadas quando lembramos que a sexta casa é, além de uma casa maléfica, *dushtana*, também uma *upachaya*. Podemos definir uma casa *upachaya* como uma que floresce sob a ocupação dos maléficos, casa que lhe fornece resultados fortes aos planetas maléficos. As *upachayas* são: a terceira, sexta, décima e décima primeira.

Para fins de interpretação, é preciso entender que, se um planeta maléfico receber influência maléfica de maneira excessiva na sexta casa, seja através de um aspecto maléfico, uma posição de signo, conjunção maléfica ou o que for, então o elemento negativo da sexta casa (por ser uma *dushtana* maléfica), ficará mais visível.

No entanto, se o planeta maléfico na sexta estiver bem-posicionado em termos de aspecto, posição de signo etc., então o fato de que a sexta é uma *upachaya* se tornará mais visível, virando o jogo para resultados positivos e fortes em termos da ocupação na sexta casa. Por exemplo, o nativo terá bom *status*, será vitorioso ao invés de derrotado, e não será soterrado por dívidas (talvez ele tenha sim problemas com dívidas, mas conseguirá superá-los). No caso de que algo positivo auxilie nessa situação, talvez ele pegue um empréstimo para comprar uma casa.

Outra coisa interessante a ser observada em termos de posicionamento na sexta – embora não envolva diretamente maléficos – é que o *Brihat Jataka* menciona que quem tiver Júpiter, Vênus ou Mercúrio na sexta não terá inimigos. Isso significa que o nativo ou não terá oponentes ou que ele superará a opressão deles. Obviamente, há ressalvas. Já vimos no horóscopo de Indira Gandhi, ex-primeira-ministra da Índia, que Vênus na sexta fora eclipsado por Rahu (*Caput Dragonis*), de tal forma que seus inimigos conseguiram prendê-la diversas vezes em um subperíodo venusiano. O regente do período principal estivera lhe dando bons resultados. Então, concluímos que Vênus na sexta pode não entregar oponentes e inimigos defensáveis, especialmente quando aflito e eclipsado, e o mesmo se aplica a Júpiter e Mercúrio. Um resultado comum é que o nativo se envolve em problemas e é atrapalhado por obstáculos, mas ressurge ao final de tudo, vitorioso.

Para entender com mais profundidade como benéficos funcionam na sexta casa, o grande benéfico Vênus como regente, o ascendente sendo Touro, na sexta em seu próprio signo, Libra, pode ser considerado apenas "passável". Ou seja, ao receber reforço ao ocupar seu próprio signo, um planeta benéfico só chega a ser "passável".

Mercúrio na oitava também é uma exceção. Geralmente, um planeta na oitava se torna aflito e não consegue fornecer resultados fortes nem positivos. As indicações naturais do planeta sofrem, bem como aquelas referentes à regência das casas. O *Brihat Jataka* afirma, no entanto, que alguém com Mercúrio na oitava "será reconhecido por suas virtudes". Essa descrição positiva de Mercúrio na oitava casa é comum na literatura clássica. O *Chamatkar Chintamani*, por exemplo, no capítulo sobre lidar com os resultados de Mercúrio, diz: "O nativo com Mercúrio posicionado na oitava casa a partir do ascendente goza de uma vida longa. É reconhecido nas suas terras e nas estrangeiras. É vivaz e recebe através de favores reais ou negócios. As mulheres também o consideram confiável." *Chamatkar Chintamani* não é um dos escritos mais abrangentes da literatura clássica, mas o livro é bem respeitado e considerado confiável nestes quesitos de ocupação de casas.

Uma vez, conheci uma jovem na América do Norte que tinha Mercúrio na oitava e era muito ativa como sacerdotisa nos altares

dedicados a Krishna; ela era considerada uma boa devota. Vendia e distribuía livros religiosos por conta própria a pedestres nas áreas lotadas da cidade. Ela era extremamente bem-sucedida nessa atividade, tanto que acumulou o suficiente para viajar à Índia e passar vários meses em peregrinação antes de voltar. Mercúrio representa livros, e o período planetário de Mercúrio estava em ação durante aquele tempo. Ela manteve essa rotina em diversos momentos ao longo dos anos. Então, Mercúrio era-lhe bom de acordo com as indicações da literatura clássica. Lembremos que a indicação de outros planetas na oitava indica sofrimento.

E também temos o fenômeno do benéfico Vênus na décima segunda casa. A lógica não é muito complicada. A décima segunda casa representa a cama, sono, sonhos e *shayana shuka*, que é, digamos, os prazeres noturnos. Vênus é a estrela do pôr do sol (e a estrela da manhã), sendo o planeta indicador do amor com todas as suas facetas e do prazer marital. Não é preciso dizer que Vênus nessa casa trabalha bem para os prazeres do amor e confortos, sendo muito feliz ali!

Contudo, como essa casa é naturalmente uma casa negativa, o nativo do mapa terá uma tendência a ser enganado pelo sexo oposto e até dominado por mulheres, até onde a influência venusiana abarcar. Também há uma tendência a gastos com caridade, dependendo do mapa. O nativo tende a gastar bastante em geral.

Seguindo comentários de Dr. Raman no livro *Hindu Predictive Astrology*, sobre Vênus na décima segunda casa: "Afim de prazeres sexuais e mulheres baixas, casos amorosos infelizes, licencioso, sem princípios, sombrio, olhos fracos, esperto e presunçoso." A escolha da palavra "sombrio" não surpreende. A décima segunda é uma casa da perda em relação ao ascendente. Então, como alguém poderia se tornar "excepcional" se estiver sob a influência de um planeta na casa da perda? Vênus tende a tornar alguém sombrio, em outras palavras, não notável, tendo pouca autoridade.

O *Chamatkar Chintamani* nos diz que amigos se tornam inimigos, que há rixas com amigos e com pessoas em geral devido a Vênus nessa casa (quando Câncer ocupa o ascendente, Vênus rege a décima primeira, que é a casa da amizade. Especificamente significa amigos

mais velhos e que vivem à esquerda da casa do nativo. Também representa irmãos mais velhos). A partir da décima segunda, Vênus tem uma presença na sexta (casa de inimigos) a partir do aspecto. Então, esses relacionamentos tendem a ganhar o aspecto de inimizade em relação ao nativo.

Apesar de ter inimigos e *status* sombrio, lemos no capítulo 20 do *Brihat Jataka* que Vênus na décima segunda indica fortuna. Isso ocorre especialmente quando Vênus ocupa seu signo de exaltação, Peixes (em horóscopos que têm Áries como ascendente) e em Gêmeos (quando com Câncer como ascendente). Os comentários no *Bhavarta Ratnakara*, de Sri Ramanuja Acharya, servem como referência nesse caso. No capítulo que lida sobre Câncer como ascendente, verso 3, Sri Ramanuja afirma: "Vênus causa *yoga* quando está ou na décima segunda ou na segunda casa; em outras não produz nenhum *yoga*." Aqui, o termo "*yoga*" significa que Vênus combina sua regência com outras casas, e sua casa de ocupação na décima segunda com Gêmeos, de tal forma que produz fortuna. O *Jataka Chandrika* faz uma afirmação parecida sobre Vênus na décima segunda com Câncer como ascendente.

Assim sendo, as vicissitudes da vida são indicadas por Vênus nessa posição, mas ao menos haverá fortuna.

À guisa de conclusão, vimos que, embora as casas maléficas – a sexta, oitava e décima segunda – sejam negativas para um planeta, há exceções para maléficos na sexta, para Mercúrio na oitava e para Vênus na décima segunda, especialmente quando Câncer e Áries forem os ascendentes.

- CAPÍTULO DEZESSETE -

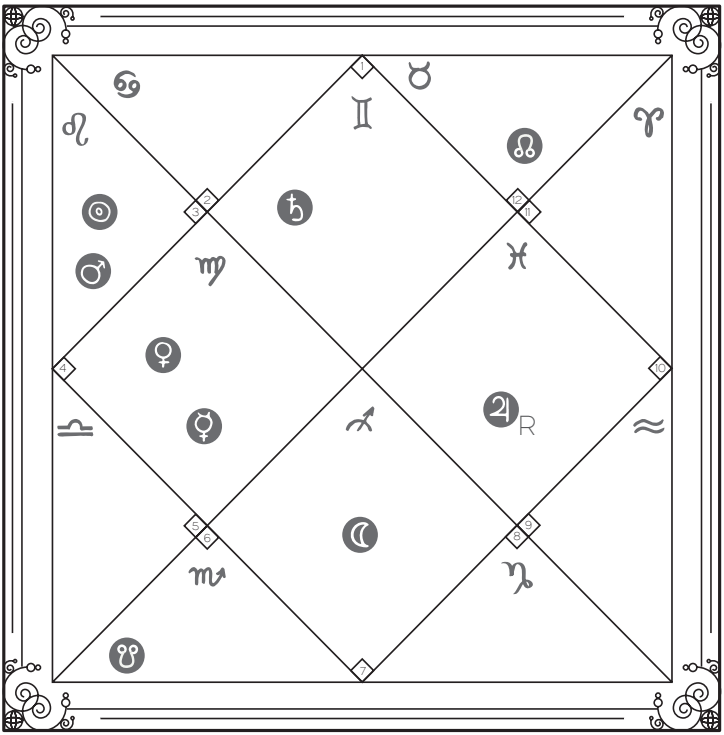
AUTORES DE HORROR E TERROR

Este capítulo apareceu no formato de artigo no ano de 2019 na revista Modern Astrology.

Talvez os leitores deste livro se perguntem qual a minha motivação para escrever um capítulo inteiro sobre horror e o lado sombrio das coisas. Bem, os demônios e tendências demoníacas fazem parte da vida, e é esse o meu motivo! A astrologia abarca todos os aspectos da vida, não se limitando a um tipo específico de indivíduo. O que é interessante é que Sri Krishna dedicou um capítulo da *Bhagavad-gita* a elucidar naturezas divinas e demoníacas, trazendo um destaque especial às descrições dos demônios. Não quero indagar sobre os motivos do Ser Supremo – quem sou eu para tal –, mas acredito que Sua linha de pensamento para dedicar uma parte tão grande do capítulo ao tema foi por haver um desequilíbrio. Digo isso porque os seguidores do *dharma* védico já devem estar familiarizados com sua própria cultura védica e suas raízes celestiais. Até possuem informações dos *Puranas* sobre o começo do universo, indo tão longe que é difícil até conceber. Mas não sabemos muito sobre a cultura demoníaca, suas histórias e caminhos – especialmente sobre suas sabotagens nos tempos atuais. Talvez este capítulo sirva para elucidar algumas coisas em uma área da análise astrológica que não é tão comum. Especialmente através de horóscopos reais cujas combinações trazem uma expressão demoníaca.

Mary Shelley

30 de agosto de 1797. 23h19. Londres.
Longitude: 07*05′ Oeste. Latitude: 51*30′ Norte
Classificação Rodden: AA



Mary Shelley é talvez a melhor, ou pior, escritora de horror e do lado sombrio. Ela é creditada como a escritora do primeiro livro de ficção científica, uma das melhores obras de literatura de todos os tempos: *Frankenstein*. No lado positivo das coisas, seu livro é uma obra prima de escrita; nada que dissermos aqui fará jus. Ela está no mesmo nível que Miguel de Cervantes (*Dom Quixote*) e Charles Dickens (*Oliver Twist* e *David Copperfield*).

Sendo uma escritora de temas demoníacos, ela foi uma pessoa que impactou grandemente a história do mundo e era adepta da filosofia do ateísmo. Ela alcançou isso através de implicações indiretas. Seu livro aproveita-se da simpatia do leitor, posicionando-o do lado da criatura, um monstro criado e costurado a partir dos furtos de ladrões de cadáveres, e trazido à vida através de eletricidade captada de uma tempestade de raios (para trazer um escopo geral, Percy Shelley, o homem com quem ela se casou e amou, foi expulso em 1811 de Oxford por distribuir folhetos sobre ateísmo).

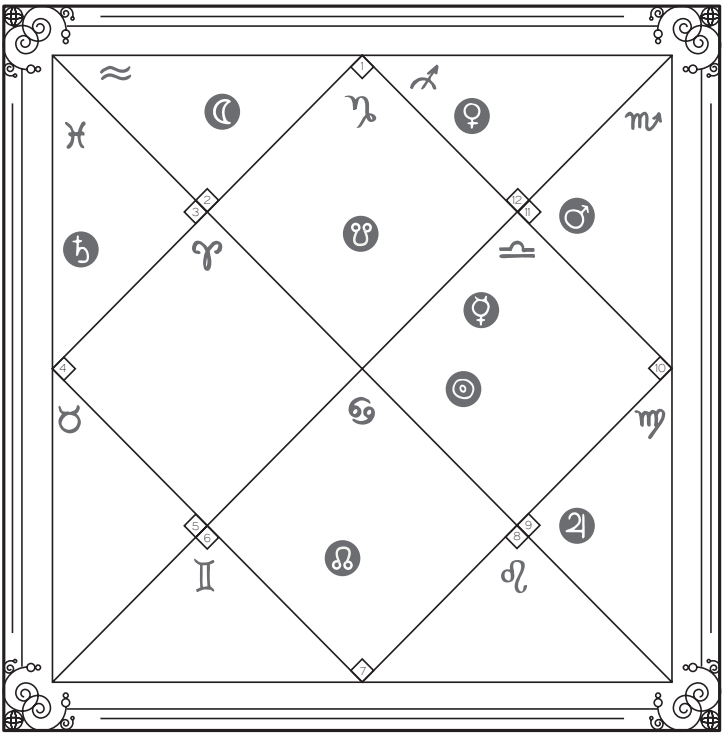
Saturno é o planeta de tudo que envolve a temática sombria e de horror por natureza. Ele representa criaturas demoníacas de todos os tipos. No "horroróscopo" da Shelley, Saturno está localizado no ascendente em *Aridra*, um asterismo representado pelo feroz Rudra e sua comitiva demoníaca de monstros, duendes e espíritos malignos. *Aridra* é um asterismo analítico que foca em elementos de composição e lógica pura. Esse posicionamento é a base de seu tema em *Frankenstein*, que emerge na forma de uma combinação ateia de elementos materiais, energizada artificialmente e animada por eletricidade. Saturno aspecta o regente da casa da escrita, o Sol, que ocupa seu próprio signo na casa da escrita, a terceira. A influência solar nessa casa forneceu-lhe criatividade e originalidade como escritora.

Ela escreveu *Frankenstein* quando tinha 18 anos em seu período planetário de Vênus-Saturno. Durante Vênus-Mercúrio, ela aperfeiçoou a escrita e publicou o livro quando tinha vinte e um. Mercúrio formava *raj-yoga*, uma combinação poderosa, com Vênus em uma casa cardinal, a quarta.

Notem que Saturno e a Lua estão opostos em seu horóscopo. Sua Lua, o indicador da mente e emoções, ocupa a sétima em Sagitário no asterismo *Mula*. Este asterismo pertence à categoria *Rakshasha*, é *ugra*, ou medonha, e sua casta é a dos açougueiros. O modo como os corpos são roubados de suas tumbas, sendo cortados, e recombinados no livro para criar a criatura nos remete a essa casta. O *adi-devata* (divindade símbolo) de *Mula* é Niritti, a deusa das calamidades, que reside no mundo dos mortos. Geograficamente, *Mula* tem muito a ver com os mundos internos sob a crosta terrestre, os lares de demônios e serpentes. Com tais influências em sua mente, não surpreende que ela tenha escrito um livro que idealiza e romantiza tal criação ateia.

Robert Louis Stevenson

13 de novembro de 1850. 13h30. Edimburgo, Escócia.
Longitude: 03*11′ Oeste. Latitude: 55*57′ Norte.
Classificação Rodden: AA



Robert Louis Stevenson nasceu sob o signo mutável e versátil de Capricórnio no ascendente. O asterismo ascendente era *Shravana*, que certamente abençoou sua escrita através da deusa Sarasvati, uma divindade de *Shravana*.

Seu indicador mental, a Lua, estava em Aquário, um signo místico e que tem muito a ver com o senhor Shiva, o deus da destruição, que possui uma comitiva de carniçais, monstros e outras entidades similares. O asterismo lunar é *Shatabhish*, a Estrela Velada,

um asterismo cru, franco e discreto. Ele se relaciona a pessoas solitárias e introvertidas. *Shatabhish* é um asterismo *rakshasha*/demoníaco da casta de açougueiros que se relaciona ao tema horror.

Em outras palavras, tanto o ascendente quanto a Lua ocupam signos de Saturno, um planeta que se volta com frequência a propósitos malignos, aprisionamento, roubos, crueldade, assombrações e espécies demoníacas da vida.

Porém, a escrita desse autor não era tão afeita a esses temas. O planeta *deva* Júpiter aspecta o ascendente a partir de um trígono, a nona, e a partir de um signo feminino de benevolência e instintos maternais, Virgem. Júpiter indica não apenas uma melhora geral através de sua influência no horóscopo, mas sim especialmente na casa da escrita por conta de sua escrita, a terceira casa, em seu próprio signo, Peixes, onde também está o regente do ascendente Saturno. Esse aspecto que Saturno na terceira recebe de Júpiter sugere uma perspectiva filosófica (Saturno) imbuída de sabedoria (Júpiter). O eixo de Saturno em Peixes e do *brahmana* Júpiter em Virgem indica que o ponto-chave em sua vida era escrever com uma orientação saturnina e filosófica, e que suas histórias tinham lições morais como objetivo.

O livro *A Ilha do Tesouro* é um exemplo perfeito disso. Foi escrito por Stevenson nos períodos Saturno-Vênus e Saturno-Sol, mas só foi publicado em Saturno-Marte. A intenção era a de fazer um livro de aventura para garotos pequenos, que envolvesse piratas e tesouros enterrados, sendo inspirada e escrita com carinho para seu filho adotado Lloyd. É uma característica maternal, virginiana, que Júpiter absorveu no mapa. A obra demonstra uma clara luta entre o mal óbvio e o bem óbvio; piratas maus no caso:

> Quinze homens em cima do baú do morto — Yo ho ho, e uma garrafa de rum!
>
> Bebam, pois o Diabo já acabou com tudo — Yo ho ho e uma garrafa de rum.
>
> (trecho de uma canção pirata do livro)

O que nos leva a outro livro dele: *Jardim de Versos de uma Criança*. Os poemas foram escritos e acumulados ao longo da maior parte do período de Saturno e, mais uma vez, a influência de Júpiter como indicador das crianças com o lado maternal de Virgem apareceu em destaque. "*My Shadow*" ("*Minha Sombra*") é um dos poemas que combina as influências do bom Júpiter com o tema saturnino da escuridão, por ele representar as sombras. Stevenson é muito famoso por este poema, que retrata a curiosidade com um toque de inocência infantil. Assim como acontece em *A Ilha do Tesouro*, há conflito entre o bem e o mal, e esse poema justapõe a luz e a escuridão. Ouso dizer que ele começa a fazer com que uma criança reflita sobre os temas da luz e escuridão sem ao menos perceber:

> Tenho uma pequena sombra que caminha comigo pra todo lado,
>
> E pra quê ela serve é mais profundo do que tenho contemplado.

Talvez *O Médico e o Monstro* esteja mais encaixado com o tema do horror e do lado sombrio, já que o Sr. Hyde claramente tinha um lado desses. Depois de ler o livro, percebemos que provavelmente nós também o temos!

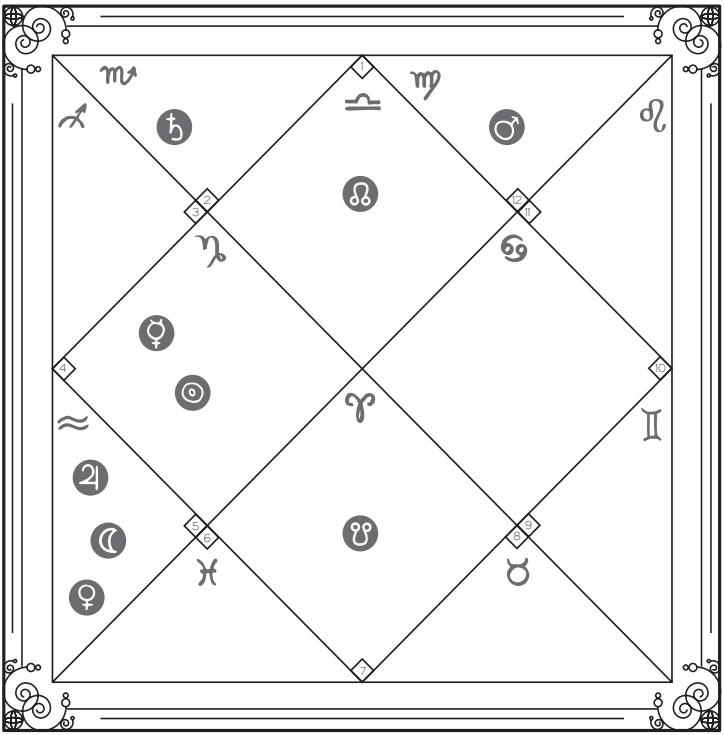
Este livro foi escrito durante o período Saturno-Rahu (o demoníaco Rahu aspectando Saturno na casa da escrita). Estranhamente, ele foi inspirado por um sonho que o autor teve uma noite: seu pesadelo foi testemunhado por sua esposa, que o acordou. Ela o fez bem no meio da cena de transformação, que acabou sendo transportada para o livro. Definitivamente, um sonho inspirado por Rahu, estranho, pervertido e bizarro, da mesma forma que Rahu. Isso nos leva a refletir sobre Rahu, que é um planeta que tem características de cobra, e que ocupa o asterismo *Ashlesha*, quem também tem essa característica e é um asterismo *rakshasha*. A cobra é uma criatura que troca de pele para se renovar, o que acontece também com Dr. Jerkyll quando confronta seu mal interior, Sr. Hyde, e que mal ele encontra! O planeta do sono e dos sonhos, a Lua, ocupava o gélido, cru, discreto e recluso asterismo *Shatabhish*. E se repararem, esses adjetivos que acabei de usar também podem ser usados para descrever a personalidade do Sr. Hyde!

Reparem que *Buddha Aditya Yoga* é formado na décima casa em Libra, combinando as habilidades literárias de Mercúrio com a originalidade do Sol na casa da profissão. Mercúrio ocupa *Vishaka*, um asterismo de personalidades duplas, bipolares, esquizofrênicas. Preciso dizer mais alguma coisa?

O impacto dos livros de Stevenson é tão duradouro quanto extenso. *A Ilha do Tesouro* foi adaptada diversas vezes desde a era do cinema mudo. Já foi até adaptada para animação. E a expressão de dupla personalidade que vem com "Dr. Jekyll e Sr. Hyde" já é lugar comum. E tudo isso nós devemos ao Robert Louis Stevenson... e ao *Shatabhish*... e *Ashlesha*... e *Vishaka*... todos eles asterismos *rakshashas*!

Edgar Allan Poe

19 de janeiro de 1809. 1h00. Boston, Massachusetts.
Longitude: 71*03' Oeste. Latitude: 42*22' Norte.
Classificação Rodden: C



Edgar Allan Poe foi um escritor de contos sobre o macabro, mistério e ficção científica de grande impacto. Seu poema "O Corvo" geralmente é ressaltado por seu ritmo, estilo e ambientação sobrenatural. Até hoje, é um dos poemas mais famosos já escritos. O eu lírico do poema experimenta um conflito perverso entre o desejo de esquecer e o de lembrar; essa faceta dupla, a natureza dual de *Purvabhadra*, aparece em sua escrito, e logo mais explico o porquê.

A história em "O Corvo" nos fala de um corvo falante e sua misteriosa visita a um amante desolado, retratando um homem que mergulha no delírio. Ao final do poema, o corvo grita: "Nunca mais"! E o poema se encerra assim:

> "E o Corvo, nunca mudando, ainda sentado, *ainda* sentado,
>
> No pálido busto de Pallas logo acima da minha porta,
>
> Seus olhos tais quais os de um demônio, que tem sonhado,
>
> E a luminária logo acima o sombreia com sua luz torta,
>
> E minh'alma emerge pra longe daquela sombra que sobre o chão tem flutuado
>
> Será alçada — nunca mais!"

Em outras palavras, o corvo foi o arauto da morte do homem, justamente por sua alma ter flutuado pela sombra do corvo no chão. Claro, este poema foi apenas um dentre seus vários textos.

Júpiter, o regente da terceira casa, estava na benéfica quinta, junto à Lua e o regente ascendente Vênus – grandes fatores para essa autorrepresentação, especialmente a nível emocional – que se comunicou intensamente com a escrita de Poe.

E que escrita! Ela era incomum, para dizer o mínimo. E por quê?

Poe tinha a Lua e Vênus em *Shatabhish*, um asterismo *rakshasha*. Esse asterismo é velado, discreto, recluso, desconfiado, introvertido e tão analítico quanto lógico. Júpiter, o regente da casa da escrita e publicações, ocupa *Purvabhadra*, um asterismo terreno, mas *ugra*, severo. *Purvabhadra* é completamente diabólico, lida com o lado sombrio das coisas e tem uma qualidade dual à lá Dr. Jekyll e Sr. Hyde. Seu símbolo é um homem com duas faces. Além disso, Júpiter está em Aquário, um signo de misticismo sombrio. Esses três foram as maiores influências no tom da escrita de Poe. Um elemento recorrente dele era de abrir a história com temas comuns e circunstâncias

normais, então algo macabro e secreto era revelado seguindo uma lógica, com um desfecho trágico, e às vezes demoníaco.

A casta de *Purvabhadra* é a *brahmana*, e, ao ler a obra de Poe, é fácil perceber a ausência de aprovação, adulação ou vínculo emocional aos temas demoníacos; ele não era como Mary Shelley. Era como se as intenções fossem mais para a linha de informar, aconselhar ou mesmo de alertar o leitor sobre o lado sombrio. *Brahmanas* são conselheiros ou professores. Sua intenção era de nos trazer conhecimento...

Note que havia um terceiro planeta em um asterismo *rakshasha*, Marte em *Chitra*, no signo literário de Virgem.

Grande parte de suas escritas mais místicas parecem ter ocorrido em grande parte durante o período de Saturno. Saturno representa a escuridão e o macabro, e ocupa o signo místico e assassino de Escorpião, embora a partir do asterismo de *Anuradha* (seu propósito era bom). Repare que Saturno influencia, por aspecto, um exemplo notável de *Buddha Aditya Yoga*.

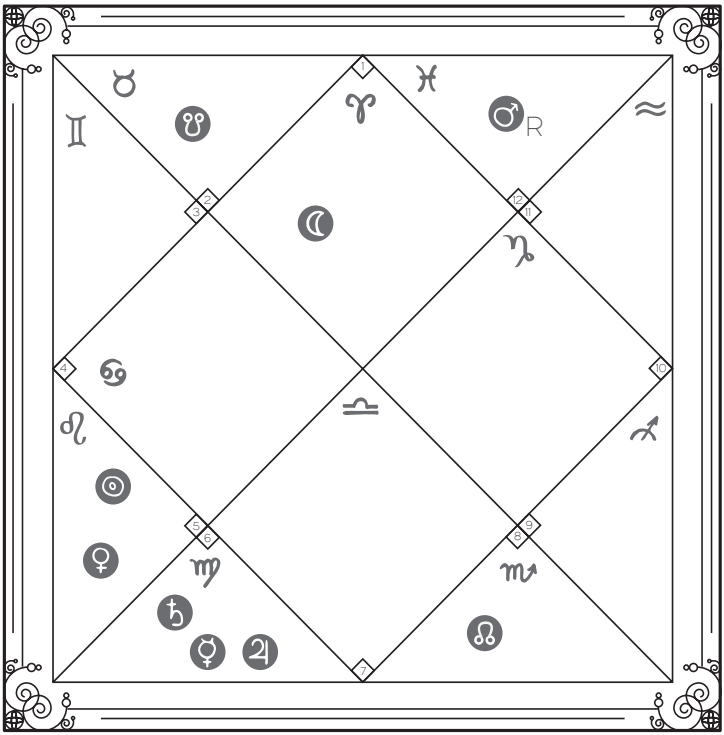
Sim, o sombrio Saturno que aspecta o indicador planetário da escrita, Mercúrio, está em uma casa cardinal, a quarta, junto ao Sol, o orbe da originalidade. Essa combinação contribuiu e muito para sua habilidade de criar obras singulares. Assim, esse *Buddha Aditya Yoga* percorreu um longo caminho para indicar o grande sucesso que ele alcançaria.

Embora envolvido com o macabro, Poe não era um assassino, nem devoto do Diabo, nem se envolveu com sacrifícios humanos! Há outras combinações planetárias em seu mapa que amenizaram características e possibilitaram que ele apresentasse sua compreensão do demoníaco com boas intenções.

O elemento *yoga-karaka* de Saturno aspecta a oitava, e isso é, em grande parte, o responsável por seu legado perene e sua fama. A oitava representa fama após a morte.

O. Henry

11 de setembro de 1862. 21h00. Greensboro, Carolina do Norte.
Longitude: 79*45′ Oeste. Latitude: 36*03′ Norte.
Classificação Rodden: AA



O. Henry era o pseudônimo de William Sidney Porter. Ele foi um contista estadunidense. Seu estilo de escrita empregava humor sombrio e irônico, sempre com finais surpreendentes. Ele não se encaixa completamente em nossa categoria de escritores de horror – não chegava a isso, pois seu horóscopo não contém um desfile de planetas em asterismos *rakshasha*/demoníacos.

Ele compôs vários contos memoráveis que o fariam ser lembrado como um escritor de segunda, não um dos grandes, como Poe.

Porém, ele escreveu *The Caballero's Way*, conhecido como Cisco Kid! Antes de prosseguirmos, gostaria de mencionar que o Cisco Kid não é exatamente o mesmo personagem que aparece no início do cinema mudo, no filme *The Caballero's Way*, de 1914, nem o personagem homônimo dos programas de rádio dos anos de 1930 e 1940, nem o mesmo da série de televisão que foi exibida no fim dos anos de 1950. Ele foi adaptado para o gosto popular em cada uma dessas mídias. E por adaptado, digo que sua personalidade foi mudada em 180 graus. O Cisco Kid presente nas adaptações tinha um coração de ouro e era extrovertido enquanto viajava pelas trilhas de gado no Texas, em meados de 1800, fazendo boas ações, resgatando donzelas em perigo, e assim por diante. O Cisco Kid do conto de O. Henry também era um *cowboy* que viajava pelas mesmas trilhas, mas era um assassino psicopata. Sua história destoava das outras do autor, que geralmente eram ambientadas em Nova Iorque, cheias da ironia e fins surpreendentes que demonstravam as vicissitudes do cotidiano urbano.

Para trazer um escopo maior para o leitor, há algumas palavras na introdução do conto:

> Cisco Kid matou seis homens em escaramuças mais ou menos justas. Já tinha assassinado o dobro disso (em sua maioria mexicanos), e havia ferido um número tão grande que até modestamente perdera a conta. [...] Ele matava por amor à arte de matar, pois era uma pessoa de temperamento quente; para evitar uma prisão; para se entreter; qualquer motivo que sequer passasse por sua cabeça era o suficiente.

Conforme a história segue, sua namorada se revolta com seu comportamento assassino. Ela tenta entregá-lo a um xerife local, por quem ela acaba se apaixonando. Esse xerife cria um plano que envolvia fazer uma tocaia na noite em que Cisco fosse sair da cidade (ele ficava pouco com a namorada), e o xerife ficaria no galpão próximo à casa e armaria a emboscada (Cisco não merecia nada mais justo do que isso). Só que Cisco descobre o plano e obriga sua namorada a trocar de lugar consigo na hora de sair. Ele usaria as roupas dela enquanto ela ficaria parada com as roupas dele na frente da casa, a fim de confundir quem quer que estivesse vigiando. Ela explica o novo plano para o xerife. Na derradeira noite, Cisco

novamente inverte tudo e a obriga a ficar em casa enquanto ele iria embora de cavalo usando as próprias roupas. Ela não tinha escolha. O xerife vê quando o cavaleiro vai embora, sai do galpão e atira na mulher cinco vezes, pensando que era Cisco vestido com as roupas dela! Quando ele percebe seu erro, é tarde demais. Ele grita em terror, enquanto Cisco cavalga para longe entoando uma canção boba e sarcástica de *cowboy*.

É fato que o conto é muito mais dramático, mas o ponto aqui é: Se O. Henry não tinha o tal desfile planetário em asterismos *rakshasha* como os outros, o que o teria feito escrever dessa forma?

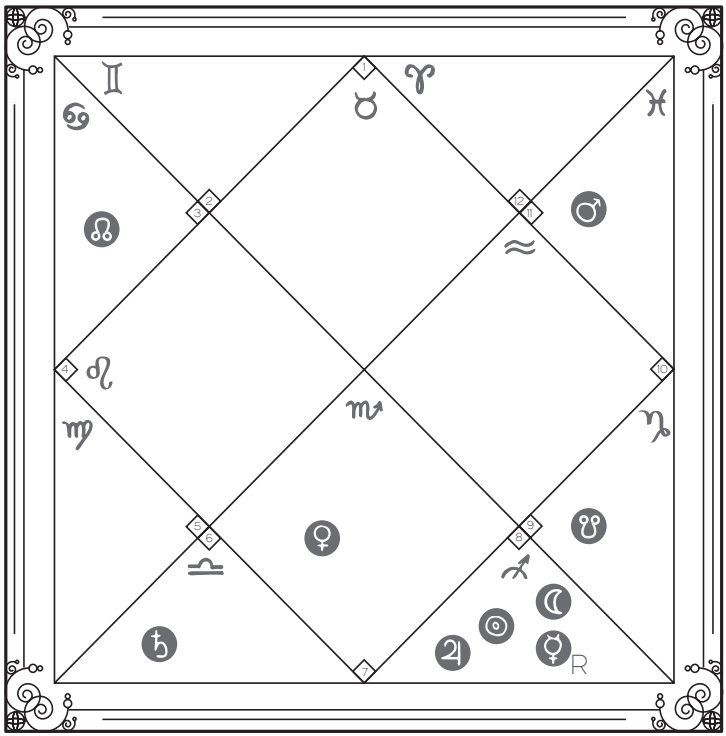
Bem, comecemos pelo fato de que o autor realmente tinha *Bharani* no horizonte, e, embora não seja *rakshasha*, mas sim um asterismo *manushya*, mesmo assim nos serve ao propósito! *Bharani* é um asterismo da restrição: sua tendência é a de controlar, limitar e subjugar outros. Sua casta é a dos intocáveis/*mleccha*, que não reconhece limites, não segue normas de comportamento nem tabus. Então, O. Henry tinha as bases para sua personalidade ser capaz de escrever histórias tão horrendas, protagonizadas por um *cowboy* assassino repleto de inocência burra para suas maquinações. Aqueles que possuem *Bharani* proeminente veem a crueldade, e até tortura, sob um olhar inocente, com uma visão pueril maravilhada, essa inocência infantil como se suas experiências de vida houvessem sido limitadas e imaturas. Assim é o jeito *Bharani* de ser! E a reação de Cisco Kid ao maquinar o plano de assassinar uma mulher desarmada se assemelha bastante a *Bharani*, não? Ele não apenas galopou rapidamente em direção à liberdade, mas galopou sem preocupações, cantando uma canção boba como se estivesse na lida do gado, inocente às implicações do assassinato que causou.

A *Brihat Samhita* diz o seguinte sobre *Bharani*: "Bharani rege aqueles que se alimentam de sangue e carne, homens cruéis, que se envolvem em atividades de assassinar, aprisionar e espancar outros [...]". Realmente, O. Henry possuía esse ar descrito graças a *Bharani* estar no ascendente. Reparem que a Lua no ascendente estava em Áries, em *Ashvini*, os cavaleiros. Essa história sobre um *cowboy*, Cisco Kid, é a mais associada a O. Henry, e foi o motivo de sua fama ter perdurado, muito condizente com a Lua no asterismo de cavalos e cavaleiros no ascendente.

Como Mercúrio é o regente da casa da escrita a partir do ascendente e da Lua, bem como um indicador natural da escrita e expressão, ele se torna o único indicador da escrita do autor. Ele ocupa a sexta casa, uma casa maléfica, com Saturno e Júpiter, enquanto é aspectado por Marte a partir de outra casa maléfica. A influência maléfica dupla, de casas e planetas, indica que o modo de pensar de O. Henry possuía uma faceta terrível o suficiente para dar à luz um trabalho como esse.

Rod Serling

25 de dezembro de 1924. 15h15. Syracuse, Nova Iorque.
Longitude: 76*09′ Oeste. Latitude: 43*05′ Norte.
Classificação Rodden: AA



O horóscopo de Rod Serling possui *Rohini* em Touro no ascendente com Vênus em Escorpião. Acompanhando a influência de *Rohini* e Vênus, sua personalidade era suave e gentil, falava facilmente em frente às câmeras e, como apresentador de seu programa, era sempre muito polido e educado.

A grande fonte de força no horóscopo é o aspecto venusiano ao seu próprio signo no ascendente. A partir de *Anuradha*, Vênus forma um bom exemplo de *malavya-yoga* (quando Vênus na casa cardinal tem influência ao seu próprio signo). Reunir outros é o tema central de *Anuradha*, e era basicamente o que Serling fazia sempre que introduzia um episódio. Ele chamava a atenção de toda a América do Norte ao mundo do outro lado, ao mundo etéreo e místico. Os telespectadores sentiam como se ele falasse diretamente com eles.

Ele foi um roteirista, em sua maioria para televisão, durante os anos de 1950 e 1960. Foi o criador e apresentador da série de televisão *Além da Imaginação* (*The Twilight Zone*). Essa série apresentava o sobrenatural: fantasmas e assombrações, abduções alienígenas, sexto sentido, reencarnação, bonecas e manequins que ganhavam vida e falavam, possessões por espíritos, bruxaria, assassinato e até viagem no tempo. Seu programa abriu os horizontes de sua audiência em uma época na qual seus telespectadores não tinham muita familiaridade com nenhum desses temas. Ele escreveu mais de 90 dos 156 episódios originais.

Se não por seu legado, ele também pode ser lembrado pelo fato de que o nome do programa (em inglês) seja usado como uma expressão idiomática que significa quanto alguém está confuso ou surpreso, por exemplo, "essa situação está além da imaginação!" Ademais, foi coautor do roteiro para o filme *O Planeta dos Macacos* (1968).

Sempre que abria os episódios, fazia uma transição, indo para dentro do cenário, e sempre adotava uma postura analítica, curiosa e focada – um clima que combinava muito bem com seu Sol, Lua e Júpiter no asterismo *Mula*. O instinto-chave de *Mula* é a curiosidade, especificamente a busca por verdades encobertas, aquelas que ficam logo abaixo da superfície e requerem certo esforço para entender. É um asterismo discreto e desconfiado, e relaciona-se com magia sombria, realizar feitiços, exorcismos, punições e assassinato.

Essa colocação de Júpiter, junto com um quarto planeta, Mercúrio em *Purvashada*, ocupa a oitava casa, a casa do misticismo e do desconhecido. E Saturno, outro elemento alinhado à temática, aspecta essa oitava casa também.

Quando lembramos que Mercúrio é o indicador da escrita, e juntamos ao fato de que a Lua rege a *casa* da escrita, então tudo começa a fazer sentido. Rod Serling era alguém de boas intenções e que levava a mensagem para outros, um homem extremamente curioso, que se interessava por misticismo e o sobrenatural, e um ótimo roteirista!

Infelizmente, ele faleceu em 1975 durante uma operação cardíaca. Mas talvez ele ainda esteja por aí, olhando-nos do lado de lá, de um lugar... Além da Imaginação!

Espero que este capítulo dedicado ao horror e ao lado sombrio tenha tanto servido de entretenimento para o leitor quanto sido elucidativo. Como sempre, meu objetivo aqui é a satisfação do leitor.

- CAPÍTULO DEZOITO -

DEBILITAÇÃO E CANCELAMENTO

Debilitação – *nicha*, em sânscrito – refere-se a um estado planetário obtido quando um planeta ocupa o signo mais desfavorável para si mesmo no zodíaco. Há signos amigáveis para um planeta, aqueles não amigáveis, aqueles que são considerados a própria casa de um planeta, signo de exaltação e um de debilitação. Quando um planeta ocupa este último, ele se torna fraco para fins de produzir bons resultados, tanto que resultados negativos acabam se manifestando.

Dentro de um signo de debilitação de um planeta, há graus específicos nos quais ela é mais forte. Esses pontos são conhecidos como *dinavastha* e são os seguintes:

Sol: 10° de Libra
Lua: 3° de Escorpião
Marte: 28° de Câncer
Mercúrio: 15° de Peixes
Júpiter: 5° de Capricórnio
Vênus: 27° de Virgem
Saturno: 20° de Áries

Configurações que contribuem ao cancelamento das debilitações são encontradas na literatura clássica. Podemos nos referir a uma grande quantidade de versos advindos dos clássicos para defini-las, e até analisar algumas palavras em sânscrito para explicá-las. Essas definições já são bem conhecidas e estão presentes em várias publicações.

Vou trazer neste capítulo alguns trechos pertinentes de uma apresentação de Dr. B.V. Raman. Seu avô foi o primeiro a difundir os tesouros astrológicos indianos, tornando-os largamente disponíveis através da revista *The Astrological Magazine*, publicada em inglês, e um dos primeiros a publicar os livros clássicos de astrologia em inglês. Dr. Raman deu continuidade ao seu trabalho até sua morte, em 1997, e foi um dos que popularizou a astrologia védica no ocidente através do idioma inglês. Dr. Raman certamente foi um grande professor *brahmana* e um grande comunicador astrológico para o mundo.

Há um pouco de confusão no que se refere à compreensão de quais combinações realmente cancelam a debilitação, mas a revista de Dr. Raman nos fornece respostas ótimas para refletir sobre a essência do que elas envolvem.

Na edição de sua revista de setembro de 1979, em um artigo intitulado "*Some Conundrums in Predictive Astrology*" ("Alguns Dilemas na Astrologia de Previsão"), ele indica as seguintes combinações que cancelam a debilitação. Confiamos cegamente nessa seleção! Os comentários em colchetes são nossos:

> Se o planeta que fica exaltado no signo no qual este planeta [específico] estiver debilitado, e em uma casa cardinal a partir da Lua ou do ascendente [então se alcança o cancelamento].

Ao que se refere ao trecho anterior, Dr. Raman menciona que essa definição se origina de um verso presente no *Jataka Parijata*, e que também é citado no clássico *Phaladeepika*. Ele traduz o último par de versos da seguinte maneira:

> [...] se o planeta que estiver exaltado [no signo de debilitação] ocupar uma casa cardinal a partir da Lua ou do ascendente, então a pessoa se torna um governante justo.

Não é preciso dizer que, se uma pessoa se tornar um governante justo sob uma influência de um planeta debilitado, isso indica que a influência debilitante foi anulada. Mas é difícil imaginar que o mero cancelamento da debilitação possa transformar alguém em um governante.

Dr. Raman segue com sua explicação, dizendo que alguns astrólogos compreendem esse verso erroneamente, pensando que também se refere ao signo de exaltação do planeta debilitado, o que não ocorre. Ele invoca a autoridade de seu avô, o professor Bangalore Suryanarayana Rao, que dizia que esse verso se refere ao signo no qual o planeta é debilitado; se o planeta puder se tornar exaltado e estiver naquele signo de maneira forte em uma casa cardinal, então esta debilitação pode ser cancelada. Traremos um exemplo.

Suponhamos que Marte ocupa seu signo de debilitação, Câncer. Até aí tudo certo. Câncer certamente debilita Marte. Mesmo assim, Câncer é o signo de exaltação para Júpiter. Se, acompanhando o comentário anterior sobre o verso, for Júpiter que se torna exaltado em Câncer, e ocupa uma casa cardinal a partir da Lua no ascendente, então essa debilitação é cancelada. Assim sendo, se Marte estiver debilitado em Câncer, Júpiter bem posicionado como regente exaltado pode tirar Marte dessa debilitação.

Podemos confiar nas palavras de ambos, Dr. Raman e seu avô, B. Suryanarayana Rao, justamente por serem *Jatakas Vipras* (*brahmanas* especializados em astrologia) do sul da Índia. Essa região ficou livre das imposições que vieram com as invasões muçulmanas, e considera-se que a astrologia por lá ainda está bem conservada, mantendo sua pureza.

Continuando com os comentários de Dr. Raman:

> Se o regente do signo ocupado por um planeta debilitado estiver em uma casa cardinal a partir do ascendente ou da Lua.

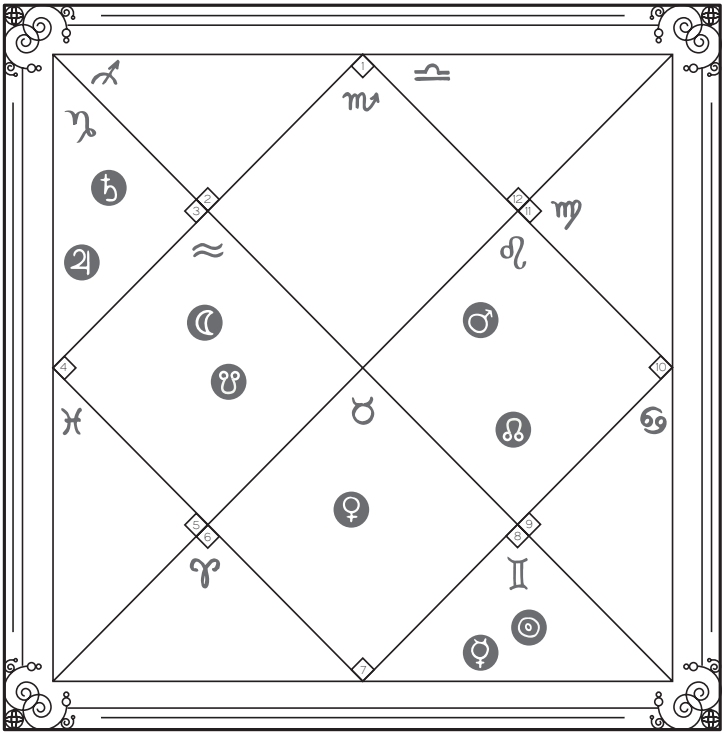
Este caso anterior é semelhante ao mencionado previamente e o explicaremos também com um exemplo similar. Se Marte ocupa Câncer, ele se torna debilitado, já que é seu signo de debilitação. A Lua é a regente de Câncer. Se a Lua estiver bem posicionada em uma casa cardinal a partir do ascendente, então ela livra Marte da debilitação no grau em que a Lua estará bem posicionada. Neste caso, todavia, trata-se do signo de debilitação.

> Se um planeta debilitado estiver exaltado no *navamsha*, o nono mapa divisional do horóscopo. [Felizmente, o planeta ocupará uma casa positiva também no *navamsha*.]
>
> Se o regente do *navamsha*, o nono mapa divisional, de um planeta debilitado ocupar uma casa cardinal ou trígono.
>
> Se o planeta debilitado for aspectado pelo regente do signo da debilitação, o regente estando posicionado em uma casa auspiciosa.

Essas combinações citadas pelo autor são a base para os momentos de força o suficiente para tirar um planeta da debilitação. Esses exemplos não esgotam todas as combinações que fortalecem um planeta suficientemente para que saia, mas são umas das mais importantes. A ideia é não se aprofundar demais em uma ou outra combinação, mas sim focar no fato de que, quando um planeta tem força o suficiente, da fonte que for, isso auxilia para que saia da debilitação. E se, em último caso, um planeta adquirir força o suficiente, ele se torna livre dos impactos do estado de debilitação. No artigo de Dr. Raman, ele nos adverte para que sejamos cautelosos em nossas conclusões, incluindo sempre todas as fontes de força e fraqueza nas análises.

E por quê? A bem da verdade, não é sempre que um planeta recebe um cancelamento absoluto no qual não haverá nenhum resíduo de debilitação.

Neste assunto, vejamos o horóscopo da princesa Diana:



No momento de sua morte, o maior período e subperíodo planetário em ação era o de Júpiter-Rahu. O período seguinte, de Saturno, começaria dali a um ou dois meses, mas não estava em ação ainda, obviamente, já que Saturno não teria indicadores nem qualidades para causar a morte dela. Comecemos com o fato de que ela morreu antes do início do grande período de Saturno, ainda em Júpiter-Rahu.

Rahu indica sua morte, pois está posicionado muito próximo ao regente Marte em um signo inimigo de Rahu (Leão), e muito próximo ao regente do ascendente, Marte. Rahu e Marte são inimigos mútuos. Rahu tem a qualidade de eclipsar. Indicando que teria também o poder para eclipsar a vida dela, como regente do subperíodo.

O regente do maior período, Júpiter, ocupava seu signo de debilitação, mas, de acordo com duas condições, tecnicamente falando, há dois motivos para o cancelamento:

> Se o regente do *navamsha*, o nono mapa divisional, de um planeta debilitado ocupar uma casa cardinal ou trígono.

Reparem que o regente do signo *navamsha* de Júpiter, Marte, ocupa uma casa cardinal, o que seria suficiente para causar um cancelamento (saibam que o mapa *navamsha* não aparece, mas o regente do *navamsha* de Júpiter é Marte).

> Se o planeta debilitado for aspectado pelo regente do signo da debilitação, o regente estando posicionando em uma casa auspiciosa.

Seguindo este segundo caso, o regente do signo de debilitação ocupa este signo junto ao planeta debilitado, que é quase a mesma coisa de aspectar este signo, mas ainda melhor. Esse signo regente, Saturno, é o melhor indicador planetário de longevidade posicionado. Então, mais uma condição foi atingida, o que também causaria o cancelamento.

Mesmo assim, ela morreu de maneira violenta enquanto esse período planetário de Júpiter estava em ação (em seu final). E por quê? Júpiter havia ficado debilitado no signo de Capricórnio, junto ao regente de Capricórnio, Saturno. Este fato deu força e gerou cancelamento suficiente para alongar a duração da vida de Diana até o final do período planetário de Júpiter. E apenas isso.

E o primeiro método, envolvendo uma posição *navamsha*, é fraco para cancelar, pois, no fim das contas, o *navamsha* é secundário. Assim, a terceira casa não garante força suficiente para levantar Júpiter completamente para fora dessa debilitação, pois é *upachaya*.

Então, apesar de ambas as condições para o cancelamento da debilitação de Júpiter estarem presentes, *elas não tiveram efeito no fim das contas!*

Para interpretar os cancelamentos no horóscopo, é preciso buscar por fatores que não estejam obstruídos e talvez dois ou três que reforcem nossas conclusões.

Finalizando, na mesma edição da revista, p. 684, um artigo de B. Suryanarayana Rao, B.S.c, BL, sobre esse assunto foi publicado (não confundam o nome desse autor com o do avô de Dr. Raman). Ali, consta o seguinte:

> Há algumas teorias favoritas que são sempre encontradas nas colunas de *The Astrological Magazine*. Alguns autores dizem que, se um planeta estiver debilitado, mas retrógado, isso equivaleria a estar exaltado. Contudo, depois de avaliar várias obras da literatura clássica, não encontrei até hoje nada que corrobore essa ideia.
>
> Por outro lado, uma obra clássica diz que, referenciando Júpiter especificamente, que Júpiter é poderoso quando retrógrado, desde que não esteja ocupando seu signo de debilitação. Esse cerne pode ser estendido para os outros planetas. Isso também anula a hipótese anterior (de que um planeta debilitado, caso esteja retrógrado, equivalerá a estar exaltado).

Assim, frisamos que essa ideia de que um planeta retrógrado, e debilitado, cause não somente o cancelamento dessa debilitação, mas também *traz exaltação* em seu lugar, não tem nenhum respaldo na literatura clássica.

- CAPÍTULO DEZENOVE -

PLANETAS RETRÓGRADOS

Um planeta estar retrógrado sugere que seu movimento está invertido, mas é óbvio que isso é impossível. Quando falamos sobre astronomia, existe o movimento aparente, o que é um jargão astronômico. Por exemplo, o curso norte e sul do Sol é definido de acordo com a estação. Obviamente, o Sol não se move em relação a nós, mas percebemos seu movimento aparente; é o planeta Terra que tem inclinações. As estrelas também possuem um movimento aparente, cruzando a noite, embora saibamos que suas posições são fixas, para fins práticos. Os movimentos estelares que ocorrem de fato são observados apenas ao longo de séculos e séculos, pois se movimentam muito sutilmente para nós.

Então, a que o termo movimento retrógrado se refere? Há uma analogia básica que pode nos auxiliar. Imagine dois trens um ao lado do outro, em trilhos separados, na estação. Suponhamos que o trem A fique parado enquanto o B comece a se mover. Os passageiros do trem A vão sentir como se estivessem andando para trás, embora seja apenas uma sensação. O trem A continua parado.

Para entender como isso se dá, precisamos compreender o cenário. Planetas viajam por suas órbitas dentro dos limites do zodíaco, e o zodíaco se move de maneira circular, mas os planetas não! Isso causa o que chamamos de "movimento retrógrado". Existe também um termo que podemos chamar de movimento retrógado *relativo* – relativo, nesse caso, ao zodíaco –, mas não é como se os planetas pisassem bruscamente no freio, engatassem a ré, e começassem a andar para trás!

O ponto-chave que nos ajuda a compreender este fenômeno está no fato de que planetas têm órbitas parabólicas ou ovais, não circulares. Então, enquanto o zodíaco sempre segue em frente através de um percurso fixo e circular, os planetas viajam meio *de lado*, em um ângulo parabólico relativo ao círculo perfeito zodiacal. O efeito disso é que todos os graus do zodíaco aceleram em relação aos planetas, cuja posição fica para trás, justamente por estarem viajando nessa angulação mais lateral. O fato de parecer que é um movimento retrógrado é que o planeta pode por vezes ficar tão para trás no percurso que aparenta estar indo na direção do signo anterior. Não quer dizer que ele realmente esteja andando para trás; é só devido à diferença de velocidade do movimento do zodíaco. Nesse sentido, o movimento retrógrado é apenas *aparente*.

Na astrologia clássica, notou-se também que planetas que exibem o movimento aparente retrógrado impactam de maneira diferente que planetas que acompanham o zodíaco de maneira mais conjunta. Certo, e de que forma isso ocorre?

O clássico *Jataka Parijata* menciona de passagem – e somos reféns do tradutor de sânscrito – que planetas retrógrados se tornam fortes. Os clássicos *Saravali*, de Kalyan Varma, e *Jataka Tattva*, de Mahadeva, vão para o caminho oposto, dizendo que apenas os planetas benéficos que estejam retrógrados trarão resultados positivos; os maléficos, não.

Todos esses comentários, e as observações astrológicas típicas de intérpretes podem alcançar um consenso se compreendermos que significam que os planetas retrógrados têm seus efeitos naturais *intensificados*, explicando assim o fato de ficarem mais fortes, de maneira mais intensa, mas também explicando que suas qualidades naturais se intensificam e ficam exageradas. O *Phaladeepika* comenta que planetas retrógrados se tornam tão fortes quanto planetas que estejam em seu signo de exaltação. A palavra "forte", neste caso, foi escolhida pelo tradutor direto do sânscrito, já que é uma língua praticamente morta. Sabemos que há nuances na escolha de palavras, e que a original poderia ter significados diferentes nos tempos antigos, mas a experiência nos diz que o efeito de planetas retrógrados tem a ver, sim, com a intensidade e exagero dos efeitos. Só que analisar cruamente tudo isso como bom ou ruim é um erro crasso. Se o leitor

mantiver em mente que o estado retrógrado ocorre quando um planeta está bem próximo da Terra, então a ideia de que seus efeitos se intensificam faz ainda mais sentido.

Trarei alguns exemplos para esclarecer melhor. Imagine que uma jovem tenha Júpiter retrógrado no ascendente. Então, suponhamos que sua família possua uma mercearia de esquina. Júpiter é um planeta positivo de bom humor e bondade, de tal forma que, dado a intensificação de seus efeitos por estar retrógrado, ela acaba levando a loja à falência por vender fiado para todos os clientes que estivessem passando por dificuldades e lhe contassem uma história triste!

Suponhamos agora que ela tenha Júpiter retrógrado na segunda casa, a casa da fala. Então, essa jovem tem problemas com ser sincera demais. Ela fala a verdade adicionando detalhes desnecessários, tipicamente se machucando no processo. Em outras palavras, ela é direta demais. Essas seriam manifestações típicas de benéficos que estejam retrógrados. Se Mercúrio estiver retrógrado na casa da fala, sugere-se uma pessoa que fala demais, tanto que chega a incomodar as pessoas, por exemplo!

Dizer que um planeta está retrógrado é dizer que está alcançando seu ponto mais próximo da Terra. É por isso que suas qualidades influenciam de maneira mais intensa neste estado. A taxa desse movimento de estar retrógrado também diz muito em relação à sua intensidade.

E sempre que um planeta está retrógrado, a sugestão é a de voltar e revisar, rever tudo, reorganizar, refazer.

E quando um planeta maléfico está assim? Marte ou Saturno retrógrados proeminentemente posicionados podem fazer com que o nativo do horóscopo seja extremamente agressivo ou combativo, ou extremamente frio e mordaz, respectivamente. Isso é bom ou ruim? Tais influências no horóscopo seriam ótimas no caso de um guerreiro, mas trariam muita dificuldade na vida de uma esposa que tivesse um marido com tais indicadores.

À guisa de conclusão, repito aqui as palavras finais do capítulo dezoito:

Finalizando, na mesma edição da revista, p. 684, um artigo de B. Suryanarayana Rao, B.S.c, BL, sobre esse assunto foi publicado (não confundam o nome desse autor com o do avô de Dr. Raman). Ali, consta o seguinte:

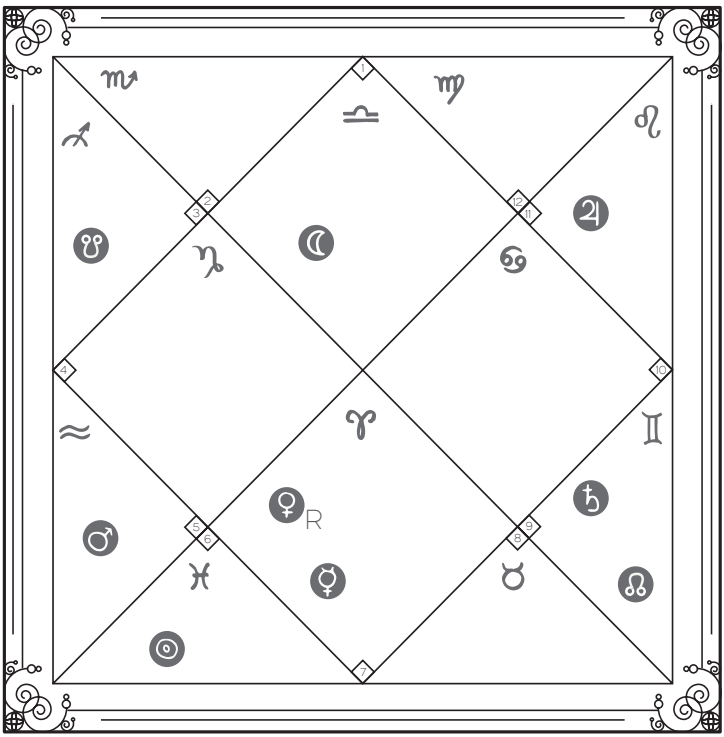
> *Há algumas teorias favoritas que são sempre encontradas nas colunas de The Astrological Magazine. Alguns autores dizem que, se um planeta estiver debilitado, mas retrógado, isso equivaleria a estar exaltado. Contudo, depois de avaliar várias obras da literatura clássica, não encontrei até hoje nada que corrobore essa ideia.*
>
> *Por outro lado, uma obra clássica diz que, referenciando Júpiter especificamente, que Júpiter é poderoso quando retrógrado, desde que não esteja ocupando seu signo de debilitação. Esse cerne pode ser estendido para os outros planetas. Isso também anula a hipótese anterior (de que um planeta debilitado, caso esteja retrógrado, equivalerá a estar exaltado).*

Assim, frisamos que essa ideia de que um planeta retrógrado, e debilitado, cause o cancelamento dessa debilitação não tem nenhum respaldo na literatura clássica.

- CAPÍTULO VINTE -

ANULAÇÃO REALIZADA POR SHATABHISH

O senhor Shiva é um grande representante de Aquário, e *Shatabhish* está exatamente no meio de Aquário, sendo seu principal asterismo. Assim sendo, *Shatabhish* também é diretamente relacionado ao senhor Shiva. O senhor Shiva governa a destruição do universo, e, por extensão, *Shatabhish* também tem uma tendência grande a anular coisas.

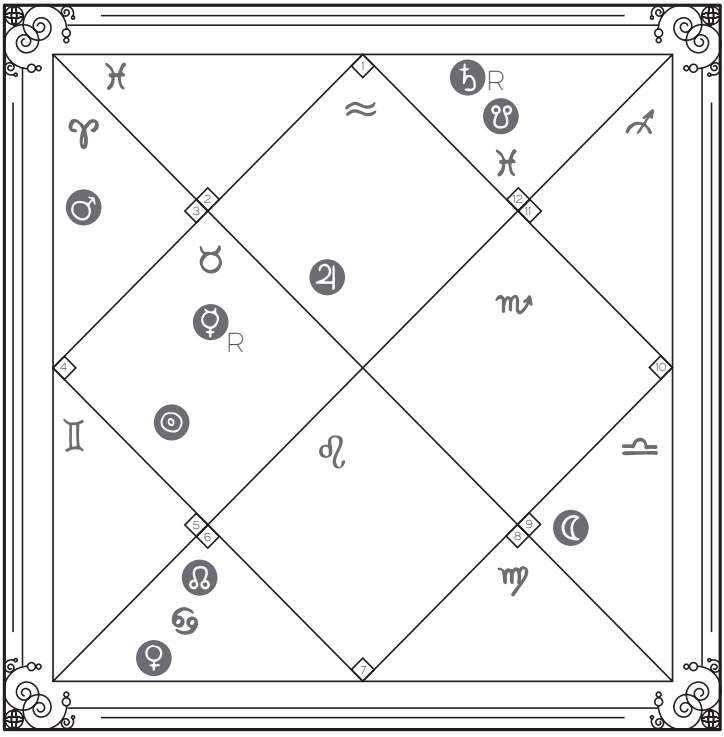


Trazendo um exemplo desafortunado, o horóscopo de Eric Clapton tem Marte na casa de filhos em *Shatabhish*. O fato de que Clapton teve um filho chamado Conor nos leva a pensar que *Shatabhish* teria falhado na anulação da casa, mas, em 31 de março de 1991, o garoto de 4 anos e meio caiu de uma janela aberta do 53º andar do prédio em que moravam e faleceu. O que mostra que a quinta casa teve, sim, seu efeito anulado devido à influência de *Shatabhish*.

O período planetário de Marte não estava em ação no esquema *Vimshottari* de períodos *planetários*, nem no esquema *Yogini* de períodos *planetários*. Mas é suficiente dizer que o principal período e subperíodo planetários de Saturno-Júpiter estava em ação, e Júpiter é o indicador natural de filhos, aspectado completamente por Marte a partir de *Shatabhish* na casa dos filhos. Mais uma prova da influência de *Shatabhish.*

Poderíamos continuar a análise de outros elementos referentes ao acidente, mas, por ser um assunto sensível, pararemos por aqui. O fato é que *Shatabhish* tende a reduzir os indicadores onde os planetas estão, até zero, e isso se confirma neste caso.

O horóscopo seguinte é o de uma brasileira que já passou dos 50 anos. Ela nunca teve filhos e ela não tem nenhum motivo biológico para servir de respaldo para tal; ela apenas nunca os teve por não querer, nunca tendo abortado também.



Repare que Júpiter, o indicador natural de filhos, ocupa o asterismo *Shatabhish* no ascendente. Também ocupa um local central e influente a partir da Lua. Júpiter ocupa a quinta, a casa dos filhos.

A partir do ascendente, Mercúrio, regente da quinta, ocupa a quarta, uma casa cardinal, no signo de um amigo e junto ao Sol, regente do trígono, que é bastante favorável. O Sol e Mercúrio não estão tão próximos de modo a entrarem em combustão.

Apesar da boa localização de Mercúrio, o mero fato de Júpiter ocupar *Shatabhish*, como demonstrado, negou filhos à mulher.

Assim, podemos ter certeza de que o asterismo *Shatabhish* anula, trazendo a zero, através de sua influência.

- CAPÍTULO VINTE E UM -

DEPOSITANTES NA ASTROLOGIA VÉDICA

O que é um depositante? Na astrologia, trata-se do regente de um signo ocupado por um planeta. No clássico *Sarvartha Chintamani*, versículo 22, capítulo 2, com as palavras *Tat Isha* aparece a palavra *Isha*, ou controlador, usado para referir-se ao depositante. A seguir, discorro mais sobre esta palavra.

Sobre o depositante, suponhamos que Marte ocupa Leão no ascendente. O Sol se torna o regente do ascendente, pois seu signo está ali. Agora, suponhamos que o Sol esteja em Sagitário na quinta casa. É um bom lugar, pois a casa é um trígono. Mas aí o regente de Sagitário, Júpiter, torna-se o regente do Sol.

Suponhamos agora que Júpiter esteja na oitava casa. É uma casa maléfica, e seu resultado, para regências planetárias, é que a ação de Marte no ascendente seria reduzida. Em outras palavras, se o regente do ascendente estiver bem posicionado (Sol), mas o depositante dele não (Júpiter), então a força e a bondade do Sol não serão tão brilhantes.

Caso *ambos*, o regente do ascendente, Sol, e seu depositante, Júpiter, estiverem em casas maléficas, então a ação de Marte e do ascendente seriam duplamente reduzidas. O ascendente representa o nativo do horóscopo em geral, e Marte é um planeta de fogo cheio de energia, vontade de lutar e resistência. Tudo isso sofre em algum grau quando Júpiter, o depositante do Sol, ocupa a oitava casa (exemplo prático: a pessoa luta durante um combate cheia de energia, com espírito forte e resistência, mas perde mesmo assim, isso pois a oitava casa é negativa).

Assim está escrito no clássico *Jataka Parijata*! É possível ler isso no capítulo 11, verso 35, dessa obra para corroborar essa conclusão. Segue trecho do próprio *Jataka Parijata* (Ranjan Publications), traduzido para o inglês por V. Subramanya Sastri:

> Se o regente (depositante) do regente do ascendente estiver na oitava casa a partir do ascendente, essa pessoa será fraca. Casas geralmente se tornam fracas quando seus regentes estão em signos cujos depositantes se tornam mal posicionados.

Reiterando, esse caso mencionado no verso se refere ao *regente* do regente do ascendente, mas também podemos chamá-lo de *depositante*. Não é um caso em que o regente do ascendente vá automaticamente para a oitava casa.

Entendam que, naquele caso, o que ocorre é que o depositante do regente do ascendente, o Sol, atua em benefício do ascendente; mesmo quando for o segundo planeta removido (Sol, Júpiter). O regente do ascendente Sol ocupa o signo de Júpiter, daí Júpiter se tornar o depositante.

De acordo com o verso 156 do capítulo 7 do *Jataka Parijata*:

> Encontre primeiro o signo zodiacal ocupado pelo regente do ascendente, então encontre o local no qual o regente daquele signo (o depositante) esteja. Se o regente do segundo signo (depositante) verificado, ou o regente do *navamsha* (depositante *navamsha*), estiver em uma casa cardinal, ou trígono ou em seu signo de exaltação, a combinação resultante se chama *Parijata*.

O autor do *Jataka Parijata* afirma que o nativo do horóscopo que possuir a combinação *Parijata* será muito respeitado e obedecido, afeito à competição, terá veículos, será zeloso com suas obrigações e deveres e será uma pessoa compassiva.

No fim das contas, a ideia é que, se o regente do signo do regente do ascendente, o depositante, ocupar uma casa maléfica, o mal retorna para o ascendente. E se o regente do ascendente, e seu depositante, ocuparem uma casa positiva ou seu signo de exaltação, o bem retorna para o ascendente.

No entanto, essa técnica da análise do depositante não se aplica somente em relação ao ascendente e planetas que lá estejam. Ela também se aplica à análise de qualquer casa, ou, melhor dizendo, à análise da força de qualquer planeta em qualquer casa. A questão é que os resultados dessa análise começam no ascendente e têm impactos no horóscopo inteiro, tornando-se um exemplo importante.

Expliquei anteriormente que o que ocorre é que o depositante (Júpiter) do regente do ascendente, Sol, atua em benefício do ascendente. Vou expandir um pouco mais esse assunto usando um verso ou dois do clássico *Sarvartha Chintamani*, escrito por Vyankatesh Sharma, publicado pela Sagar Publications of New Delhi, e traduzido para o inglês por J.N. Bhasin. No capítulo 2, verso 21, intitulado "*Lagna Phal Vichar*", declara-se:

> Se a segunda casa estiver ocupada por um planeta maléfico; no período planetário daquele planeta maléfico, no período planetário do regente da segunda casa e no período planetário do *depositante* do regente da segunda casa, haverá perda de fortuna [...].

Não se comenta sobre a posição do regente da segunda, nem do depositante. O que ocorre aqui é simplesmente o fato de que o mal começa no planeta na segunda casa e viaja até o regente da segunda e, então, para o depositante, que é o regente do regente da segunda. Nos comentários da tradução para o inglês, J.N. Bhasin comenta: "As palavras Tat Isha na abertura do verso 21 mostram que o (depositante) do signo ocupado pelo regente de qualquer casa assume o papel dele e age como ele."

Em suma, isso significa que *o depositante age de maneira parecida com o planeta que ocupa o signo do depositante.* E se o planeta que o ocupa for o regente do ascendente, então o depositante representará e abarcará elementos da disposição do próprio ascendente. Saibam também que o depositante recebe influência de qualquer casa regida pelo planeta que ocupar seu signo.

Note que começamos falando que a influência do depositante retorna para o signo original. Agora adicionamos que a influência de um planeta no signo original também passa para o depositante!

Também adiciono o que se diz no clássico *Saravali*, publicado pela Ranjan Publications, capítulo 11, versos 11 e 12:

> Mesmo que a Lua esteja em uma casa regida por um maléfico, ou em signos maléficos e subdivisões maléficas dos signos, ela não se torna maléfica se for aspectada por seu depositante. Isso se compara a um avarento que protege suas posses. Se o depositante da Lua for aspectado por benéficos ou planetas benéficos, então a própria Lua não será capaz de fazer o mal. Isso se compara a uma pessoa tímida que não consegue ferir outros mesmo quando essa pessoa tímida se encontrar no meio de um campo de batalha.

O tradutor para o inglês, R. Santhanam, comenta:

> Um planeta se comporta de maneira favorável mesmo se estiver ocupando signos maléficos e subdivisões maléficas de signos caso seja aspectado por seu depositante.

No início deste capítulo, citamos o capítulo 11, verso 35, do *Jataka Parijata* para demonstrar como o depositante funciona. O verso se referia a regentes de casas e regentes de signos.

Mas e as posições *navamsha* (*navamsha* se refere a divisões de um signo em nove partes)? O capítulo 4 de *Sarvartha Chintamani*, intitulado "Resultados da Terceira e Quarta Casa", p. 104, verso 12, esclarece muito. É dito:

> Estabeleça o signo *navamsha* ocupado pelo regente da terceira casa. Então, encontre o signo *navamsha* no qual aquele regente do *navamsha* estabelecido esteja. Se o regente deste signo *navamsha* estiver em seu signo de debilitação, eclipsado ou em um signo inimigo, haverá a destruição de irmãos.

Em outras palavras, este verso instrui os leitores a encontrarem o signo *navamsha* do regente da casa de irmãos, a terceira, e, em seguida, procurar o regente deste signo *navamsha*, que é o depositante *navamsha*. Então, temos o regente da terceira casa em um *navamsha*, e o depositante *navamsha* em outro *navamsha*. Esse depositante *navamsha* "secundário" indica boa ou má sorte à segunda casa.

Há ainda outro verso no mesmo capítulo que confirma a importância do depositante *navamsha*, que é o verso 63:

> A casa (propriedade [da pessoa]) também é destruída quando o regente do *navamsha* (o depositante *navamsha*) ocupado pelo regente da quarta casa estiver na oitava casa." [a oitava é uma casa maléfica]

O importante a ser absorvido com este capítulo é que as influências que o depositante recebe voltam para o signo original e modificam o signo original. Outra consideração é que um planeta em um signo influencia diretamente o regente daquele signo, comunicando qualidades ao regente daquele signo e modificando-o; impactando também os resultados dados pelo regente daquele signo.

- CAPÍTULO VINTE E DOIS -

O EIXO RAHU-KETU REFLETIVO E SEUS RESULTADOS

Este capítulo apareceu no formato de artigo na edição de setembro de 1994 da revista The Astrological Magazine, com o título "The Reflective Factor of the Nodes" ("Os Fatores Refletivos dos Nodos")

No capítulo 34, verso 16, do *Brihat Parashara Hora Shastra*, Maharishi Parashara descreve os efeitos base dos nodos. Ali, o Rishi afirma que Rahu e Ketu refletem os efeitos predominantemente devido à conjunção deles com um regente de uma casa ou devido à casa e o signo que ocupam.

Isso é porque são *Chaya Grahas*, planetas sombrios. Por definição, uma sombra reflete a realidade de outra, embora não seja um reflexo completamente idêntico. Uma sombra tem existência própria, mesmo que seja através de uma reprodução.

Essa natureza refletiva dos nodos, além do já descrito por Parashara, encontra respaldo nos *Puranas*. A história diz que os semideuses se retiraram até o salão do rei Indra para partilhar do néctar da imortalidade. E isso foi feito depois da batedura com a montanha Mandara, de onde o néctar veio.

Naqueles tempos, Daitya Rahu se disfarçou de um dos semideuses para provar do néctar. Ele foi descoberto pelo Sol e pela Lua, que o denunciaram a Vishnu. Vishnu, então, decepou a cabeça de Rahu, formando assim o eixo Rahu-Ketu. Depois, Ketu foi presenteado por Vishnu com a cabeça de uma serpente de face vermelha.

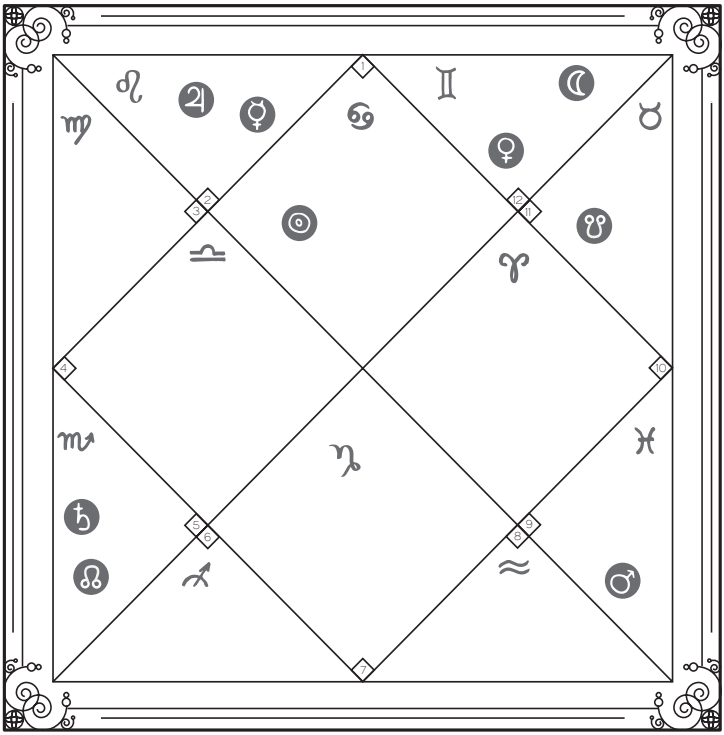
O que importa para nós é que, quando estava no salão dos deuses, Rahu se tornou um deles. Em outras palavras, ele refletiu o *status* ao seu redor. Na astrologia preditiva, o eixo Rahu-Ketu também reflete a influência de seu signo regente, sua associação planetária e quaisquer aspectos que eles recebam.

Além disso, Rahu e Ketu também têm seus próprios resultados que independem de sua natureza refletiva. Isso é corroborado pelo verso de Parashara citado anteriormente, já que o Rishi afirma que Rahu-Ketu é um eixo de natureza predominantemente refletiva. O autor não afirma que o eixo é um camaleão completo ou completamente translúcido. Ele ainda tem sua própria existência particular.

O dilema está em estabelecer quanto de cada elemento ele tem. Em outras palavras, fatores múltiplos complicam a interpretação. A importância recai em se perguntar qual indicador é mais intenso, o refletivo ou o individual.

A premissa básica desse capítulo será comentar que Rahu-Ketu majoritariamente refletem os resultados de seu signo regente mais do que aos planetas que estão associados; eles refletem os indicadores do seu signo regente mais do que quaisquer aspectos que receberem; e que o eixo indica seus próprios resultados em relação à posição do signo também.

Mapa A: Nascimento em 4 de agosto de 1956, às 6h31 em Washington, D.C.



O Mapa A ilustra um ponto muito importante, que Rahu reflete os resultados de seu signo regente em preferência aos resultados de associações planetárias ou aspectos. Assim que Saturno *Dasha* começa, a educação do nativo é interrompida prematuramente. Isso faz sentido, pois Saturno é um planeta da escuridão e um regente negativo, aspectando *vidya-karaka* e *jnana-karaka*, Júpiter e Mercúrio, respectivamente.

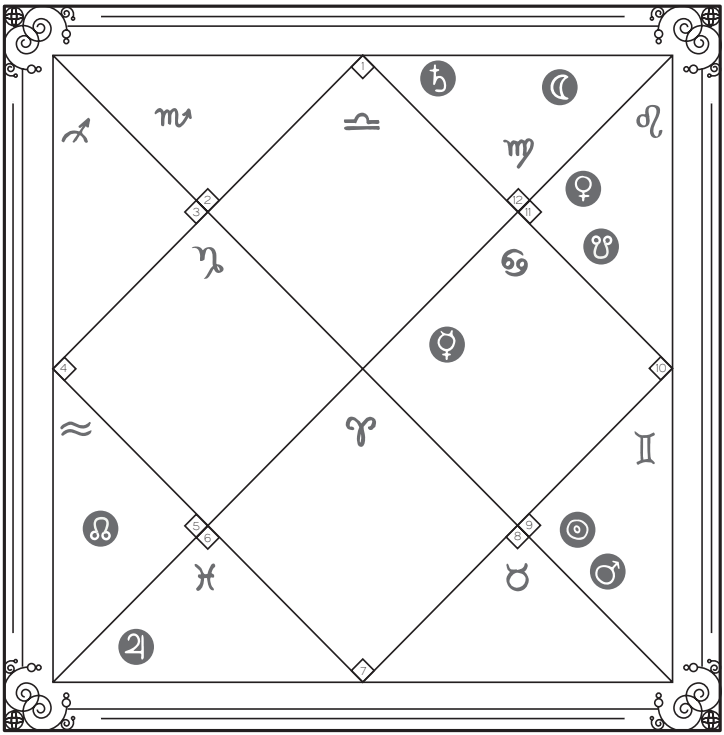
No entanto, no *Bhukti* marciano de Saturno, o nativo voltou aos estudos como aluno de uma faculdade em tempo integral. É compreensível, pois Marte *yoga-karaka* aspecta o regente da quarta e a própria quarta, ela sendo uma casa da educação formal. O mais

interessante é o fato de que o nativo passou o subperíodo inteiro de Rahu em uma faculdade de administração extremamente exigente enquanto manteve uma média de notas muito boa!

Rahu é associado a Saturno e, caso ele fosse apenas imitar os resultados deste planeta, ele teria interrompido os estudos da mesma forma que o fez nos períodos e subperíodos de Saturno. Ao invés disso, Rahu refletiu os resultados do regente de seu signo, Marte. Os dois resultados se contradizem, e o fato de que o nativo alcançou um bom nível de conquistas acadêmicas prova que Rahu favoreceu os resultados do regente de seu signo acima dos planetas com os quais era associado. Repare que esses resultados foram refletidos por Rahu mesmo durante o Saturno *Dasha*, este planeta sendo tóxico para a educação em seu mapa.

Ele também demonstra que Rahu favorecerá seus próprios resultados em termos de ocupação mesmo se forem contraditórios àqueles de seu signo regente. Rahu trouxe divórcio e um relacionamento à distância, que quase culminou em separação, para o filho do nativo. Rahu debilitado na quinta já indicava isso, enquanto Marte, regente da quinta na nona, só mostrava indicações positivas. Isso reforça o fato de que Rahu prioriza seus resultados em termos de ocupação de casa acima dos que o regente de seu signo indica.

Mapa B: Nascimento em 10 de julho de 1951



O Mapa B nos mostra que Rahu reflete os indicadores de seu signo regente em preferência aos aspectos que receber. Durante a maior parte do período de Rahu, o nativo deste mapa viveu como um monge celibatário. Ele se absteve de relacionar-se com mulheres e vivia em uma rotina de renúncia. Isso se deve a Saturno estar associado à Lua em um signo benéfico na casa da renúncia. Rahu refletiu essa combinação já que estava em Aquário, um signo saturnino.

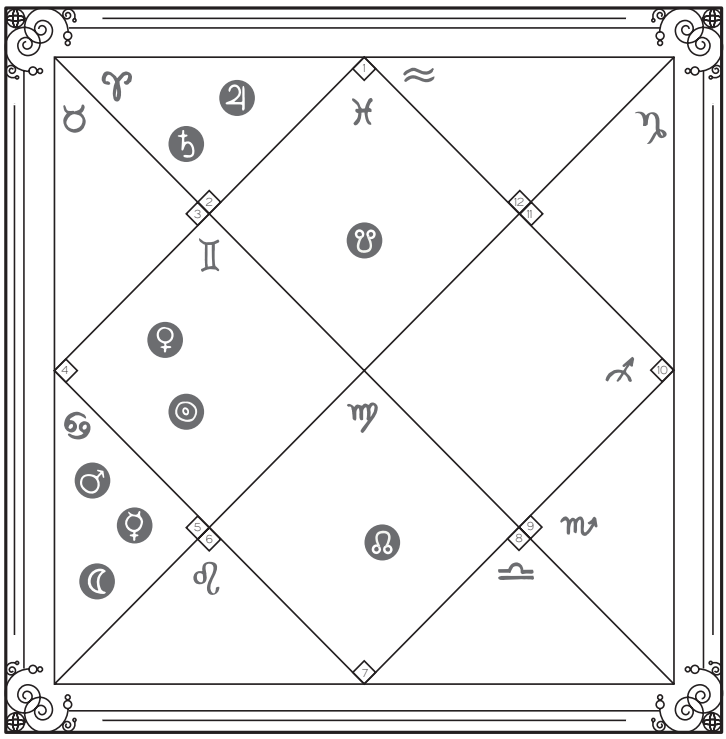
Se Rahu tivesse dado preferência ao aspecto de Vênus, isso não ocorreria. Notem que Vênus ocupa o melhor *upachaya,* a melhor casa do horóscopo para ser ocupada, e que seu depositante ocupa Gêmeos, um signo que representa conjunção sexual. Contudo, o

fato de que Rahu refletiu a renúncia prova que o seu signo regente influenciou mais do que o aspecto Vênus, gerando renúncia.

Júpiter ocupa a sétima, a casa do matrimônio, em seu próprio signo e, no fim do período principal, ele havia estabelecido um relacionamento conjugal, havia abdicado de seu voto de celibato.

Saturno na décima segunda deve trabalhar para gradualmente desintegrar esse relacionamento durante seu período principal, culminando com seu fim.

Mapa C: Nascimento em 7 de julho de 1940



O horóscopo de Ringo Starr nos mostra que o eixo Rahu-Ketu tem seus próprios resultados em termos da ocupação de signos e asterismos (*nakshatra*).

Ringo experimentou uma vida no anonimato até alcançar a fama mundial e a fortuna como baterista da banda *Os Beatles*, logo no começo do período planetário de Rahu. É bem verdade que Júpiter, o regente do signo que Ketu ocupa, ocupava a segunda casa num lugar relativamente bom, mas não há sugestão do *status* exaltado de Ringo no mundo a partir de Júpiter, mesmo que ele seja o regente do ascendente. Fosse apenas por Júpiter, outras combinações no mapa não teriam se manifestado tão intensamente.

O que forneceu força, no entanto, é que Ketu ocupa um signo que é afeito a estar em seu próprio signo (*swakshetra*) no ascendente, a base do horóscopo.

Também é bom notar o fato de Ketu ser tão refletivo de seu asterismo, em termos de qualidade. Ele ocupa o asterismo *Revati*, cujo símbolo é um tambor para contagem dos compassos de tempo. Preciso dizer mais? Considerem os seguintes comentários sobre a natureza do estilo de Ringo como músico:

> Ringo está sempre centrado, nunca toca em excesso. (Paul McCartney em uma entrevista de fevereiro de 1988 para a *Musician Magazine*)

> Eu estava tocando maracas ou algo assim logo atrás dele, ouvindo o que ele tocava. Eu juro que ele nunca saía do tempo. Ele tocava o compasso e nunca escorregava. Cara, não dava pra tirá-lo de lá nem com um guindaste. Foi incrível. Ele fazia uma tremenda base, cara, e é isso. (D.J. Fontana em uma entrevista para *The Big Beat by Max Weinberg*)

O que vimos no Mapa A foi que Rahu refletiu os resultados do regente do signo em preferência aos resultados de planetas próximos na mesma casa e signo. No Mapa B, vimos que Rahu reflete os resultados de seu signo regente em preferência àqueles de planetas que o aspectam. E, no Mapa C, vimos que Ketu demonstrou fornecer

seus próprios resultados relacionados à ocupação de signos, e que refletiu qualidades de onde ocupava no asterismo.

A tarefa de um astrólogo é mesclar apropriadamente essas indicações considerando seus pesos e proporções, e só então interpretar o horóscopo.

- CAPÍTULO VINTE E TRÊS -

O ASSASSINATO DE VILLEMIN E HORÓSCOPOS

Este capítulo apareceu no formato de artigo na edição de setembro de 2021 da revista Modern Astrology.

Grégory Villemin nasceu em 24 de agosto de 1980, em Lepanges-sur-Vologne, na França. Em 16 de outubro de 1984, seu corpo foi encontrado no rio Vologne, com braços e pés amarrados com cordas, e um gorro de lã cobrindo seu rosto. O caso ainda não foi desvendado, até hoje, 37 anos depois (na data em que este capítulo foi escrito).

No final da tarde do dia de sua morte, Grégory supostamente estava brincando no quintal enquanto sua mãe estava dentro de casa. Às cinco da tarde, ela disse que ele havia sumido, e, meia hora depois, o tio do garoto, Michel Villemin, ligou para a mãe de Grégory para dizer que havia recebido uma ligação informando que o garoto havia sido sequestrado, morto e jogado no rio.

No dia seguinte, dia 17, o pai e a mãe dele, Christine e Jean-Marie, receberam uma carta anônima que dizia: "Eu me vinguei."

A certa altura da investigação, o primo do pai de Grégory, Bernard Laroche, foi considerado suspeito do crime.

Em 15 de março de 1985, especialistas em caligrafia indicaram que a carta anônima havia sido escrita pela mãe do garoto, Christine.

Logo depois, em 29 de março do mesmo ano, Jean-Marie atirou e matou Bernard Laroche em uma suposta vingança pela morte

do filho. Na França, a punição para homicídio não precisa ser tão severa – e havia circunstâncias atenuantes –, e, no fim das contas, Jean-Marie cumpriu 4 anos de prisão. Na época, o que pareceu foi que, depois de cumprida a pena do pai, ele e sua esposa, Christine, haviam feito parecer que a morte do filho havia sido vingada, e que eles estariam livres. Mas talvez a verdade é que Bernard fosse revelar a autoria dos pais no crime, e foi silenciado.

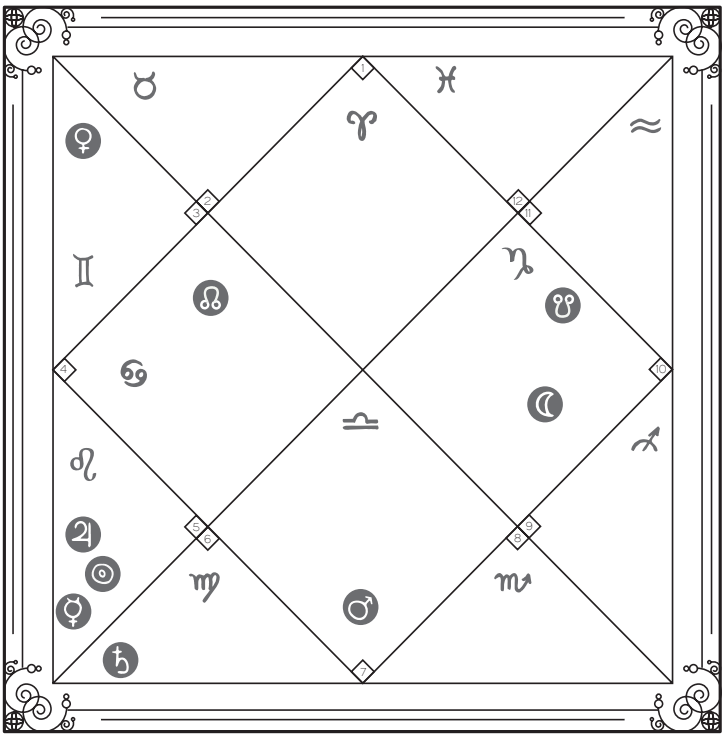
No entanto, o sistema legal francês também cogitou essa possibilidade, e investigaram a mãe logo após a morte de Bernard. Ela foi indiciada pelo assassinato do filho em julho de 1985, mas foi liberada das acusações em 2 de fevereiro de 1993.

O caso foi reaberto em 2000 para testes de DNA, e também 2008 e 2013, mas nenhum resultado foi conclusivo.

Em 2017, apareceram mais provas, e nem assim indicou-se um culpado.

Por fim, depois de 37 anos, ninguém conseguiu provar nenhuma teoria sobre este crime.

Nós analisaremos aqui os horóscopos. *Astrotheme*, um banco de dados de informações referentes a nascimentos, traz as informações de Grégory como tendo nascido em 24 de agosto de 1980, em Lepanges-sur-Vologne, França, às 22h50. Áries é o ascendente. Usamos a mesma fonte para os dados de nascimento dos pais do menino.



À primeira vista, parece que Marte aspecta seu próprio signo no ascendente, o que impediria uma morte precoce, mas olhemos mais de perto. Marte, regente do ascendente, ocupa uma casa *maraka*, que indica a fonte e natureza da morte, em um signo inimigo, Libra. O depositante de Marte, Vênus, ocupa a terceira casa, um local negativo para este último, que indica desperdício de energia. A terceira também pode ser considerada a oitava a partir da oitava, de tal forma que representa também a fonte e natureza da morte de acordo com o ditado *bhavat bhavam*. O depositante de Vênus, Mercúrio, sofre de uma combustão em Leão na quinta. A distância entre o Sol e Mercúrio é de 1*23′. Todas essas ocupações das casas causam desconfiança.

Júpiter se junta à combinação Sol-Mercúrio como regente da casa do pai, na qual está Sagitário, e como regente da última casa do horóscopo, na qual está Peixes, essa combinação é indicativa da morte do garoto. Além disso, este Júpiter aspecta o ascendente. Essas

regências e o aspecto de Júpiter sugerem que o pai poderia matar o filho.

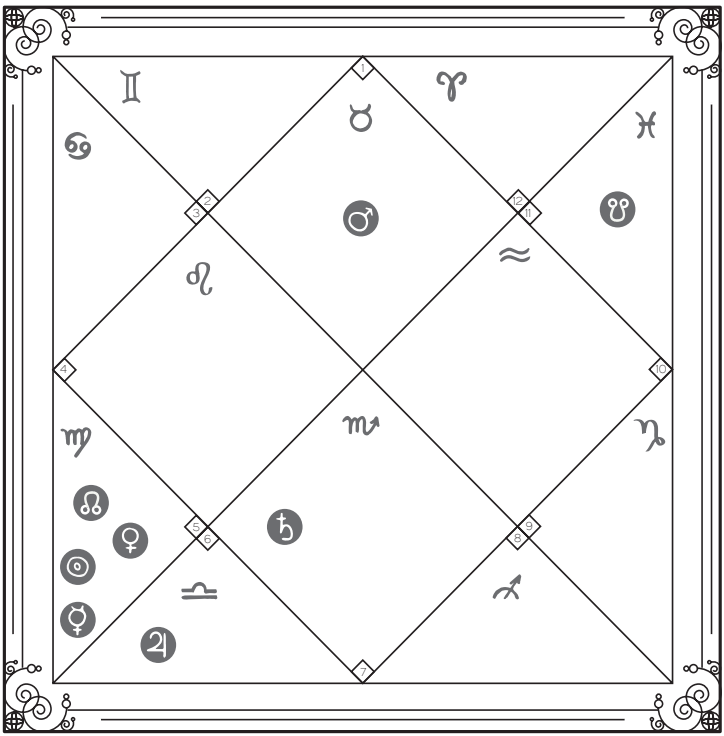
A Lua também tem muito a ver com *balarishta*, a morte de uma criança de até oito anos de idade, e reparem o seguinte: a Lua é o indicador da mãe, rege a casa da mãe, e ocupa uma casa cardinal, a décima, de onde aspecta a casa da mãe. Então, a Lua representa a mãe de Grégory no horóscopo dele por vários motivos. Notem que a Lua ocupa o depressivo Capricórnio com Ketu, com quase cinco graus de diferença. A sugestão astrológica é que a mente emocional materna, instável e apta a ataques de raiva, graças à proximidade com Ketu e Capricórnio, estava envolvida na morte do menino.

Sem dúvidas, o terceiro *drekkana* de Áries emerge no horóscopo de Grégory, de tal forma que o vigésimo segundo *drekkana* é regido pela Lua. Este *drekkana* também indica a fonte e a natureza da morte. No livro *Hindu Predictive Astrology*, capítulo XXXVI, Dr. B.V. Raman define este *drekkana*, o terceiro de Escorpião, da seguinte forma:

> Um leão de face similar à de uma tartaruga que aterroriza pequenos animais selvagens. Regente: a Lua; um *drekkana* quadrúpede e masculino.

Devido à sua regência lunar, o vigésimo segundo *drekkana* reforça nossa conclusão sobre a mãe descrita acima.

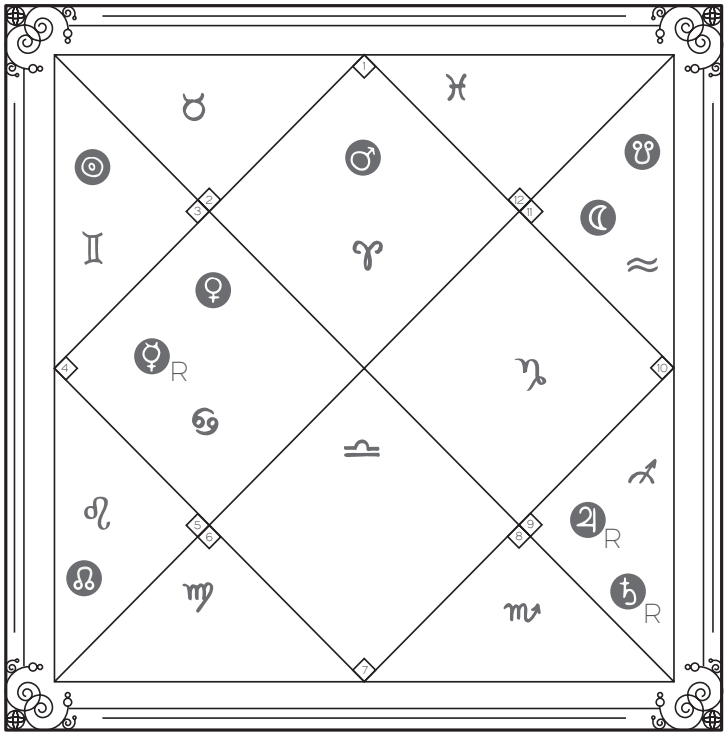
Consideremos agora o horóscopo do pai do menino, Jean-Marie Villemin. Ele nasceu em 30 de setembro de 1958, às 20h00, em Saint--Didier, França.



Touro aparece no ascendente de tal forma que a Lua rege a terceira. A terceira casa é a casa do valor, que naturalmente representa atletas, soldados e policiais. Em outras palavras, ela representa agressão. *Uttara Kalamrita* nos diz que a terceira casa representa luta. A Lua ocupa o violento Áries na casa da perda, a décima segunda, uma casa maligna. Em um lugar onde a Lua não funciona de maneira apropriada, há falta de controle emocional. Notem que a Lua aspecta o indicador de filhos, Júpiter. A morte dele ocorreu sob influência do período Lua-Júpiter no subperíodo do esquema *Vimshottari*. A astrologia sugere que o homem perdeu o controle de si e agrediu a criança por estar alterado.

O regente do ascendente Vênus, e o planeta da consciência, Sol, ocupam a casa de filhos com Rahu, o que sugere uma distorção de personalidade e de emoções profundas, a nível anímico.

A mãe de Grégory, Christine, nasceu em 13 de julho de 1960, 12h30, em Petitmont, França. Áries no ascendente.



A Lua ocupa a décima primeira casa em *Purvabhadra* em Aquário. Lua em Aquário indica uma personalidade destemperada e depressiva. *Purvabhadra* é um asterismo severo, *ugra*. No caso de Christine, Saturno aspecta a Lua, intensificando as tendências depressivas e indicando personalidade difícil e direta. Em Aquário, o símbolo de *Purvabhadra*, um homem de duas faces, indica um elemento de episódios que variam entre depressão e ataques de raiva. E vejam só! A Lua está a meros 42' de Ketu, reforçando a ideia de ataques violentos e emotivos, também indicados pela posição lunar em *Purvabhadra*. Essa Lua também aspecta a casa dos filhos, a quinta, de modo que suas implicações recaem diretamente sobre a criança.

O fato de que Marte ocupa Áries no ascendente também reforça tendências violentas.

Grégory faleceu durante o período Saturno-Rahu de sua mãe, de acordo com o esquema *Vimshottari*. Saturno é um maléfico difícil e, neste caso, causa efeitos morosos, pois limita a felicidade de Júpiter por associação. Saturno é um regente maligno sob o ascendente Áries, e aspecta a Lua instável de Christine, além de ocupar um signo de fogo junto com o indicador de filhos, com Júpiter aspectando o regente da casa de crianças, o Sol. Rahu ocupa um signo inimigo, Leão. Parece que tudo indica uma conclusão de culpa aqui.

Astrologicamente, tudo sugere que os pais conspiraram para assassinar seu filho e esconder as provas. Então, o que torna esse caso tão difícil de desvendar é a busca do motivo. Por quê? Não parece ter sido um assassinato feito no calor do momento; não parece resultado de uma explosão de raiva materna. A carta anônima com a ameaça foi postada no dia do assassinato. Se ele tivesse ocorrido sem premeditação, quem teria tido tempo de escrever uma carta tentando deixar diferente da grafia original de Christine, ir até os correios e enviá-la, tudo isso sem ser visto? Esse assassinato teve muita comoção nacional, tornando-se alvo de escrutínio público. Mas ninguém relatou a presença da mãe nos correios naquele dia. Isso não descarta a possibilidade de que tenham estabelecido uma estratégia para o envio dessa carta. O mesmo tipo de cordame com o qual o menino foi amarrado também foi encontrado no porão da casa dos Villemin, também denotando um planejamento extra. Assim, ao que tudo indica, o assassinato foi premeditado.

Lembremos que Rahu está associado com o Sol e regente do ascendente Vênus, o *Daitya Guru*, no horóscopo de Jean-Marie; que a Lua de Christine era bem próxima a Ketu. O que podemos concluir disso tudo é que espíritos malignos estavam tão entranhados em seus *chakras* e influenciaram suas mentes emocionais e sutis, indo até o nível mais profundo no qual a alma reside. Podemos imaginar que esses espíritos malignos os induziram a cometer o assassinato. Talvez isso seja geralmente o caso quando humanos cometem atos indizíveis, mas não percebamos.

Dr. B.V. Raman costumava nos lembrar em toda edição de *The Astrological Magazine*, que sua filha continua a editar na forma da *Modern Astrology*, que "aqueles entendidos de astrologia podem apenas dar indícios do que ocorrerá no futuro. Quem mais, além do criador, Brahma, pode ter certeza do que virá?" E isso nos serve de conclusão para este capítulo.

- CAPÍTULO VINTE E QUATRO -

COMBUSTÃO PLANETÁRIA

A combustão planetária ocorre quando um planeta fica próximo demais do Sol, de forma que sua influência fica reduzida. Dependendo da proximidade, o planeta pode até ficar sem força alguma. Combustão é uma aflição séria que pode sobrepujar qualquer influência positiva em termos de ocupação de casa, posição de signo, regência, aspecto etc.

As distâncias para que isso ocorra são as seguintes:

Lua: quando está a 12 graus ou mais próximo que isso do Sol.

Marte: quando está a 17 graus ou mais próximo que isso do Sol.

Mercúrio: quando está a 14 graus ou mais próximo que isso do Sol.

Júpiter: quando está a 11 graus ou mais próximo que isso do Sol.

Vênus: quando está a 10 graus ou mais próximo que isso do Sol.

Saturno: quando está a 15 graus ou mais próximo que isso do Sol.

No entanto, vários astrólogos indianos acreditam que a combustão não afete Mercúrio. Mas não há nada que corrobore essa visão na literatura clássica.

Por exemplo, o venerável Parashara Muni, no *Brihat Parashara Hora Shastra*, capítulo 54, versos 38-39, explica que resultados variados e

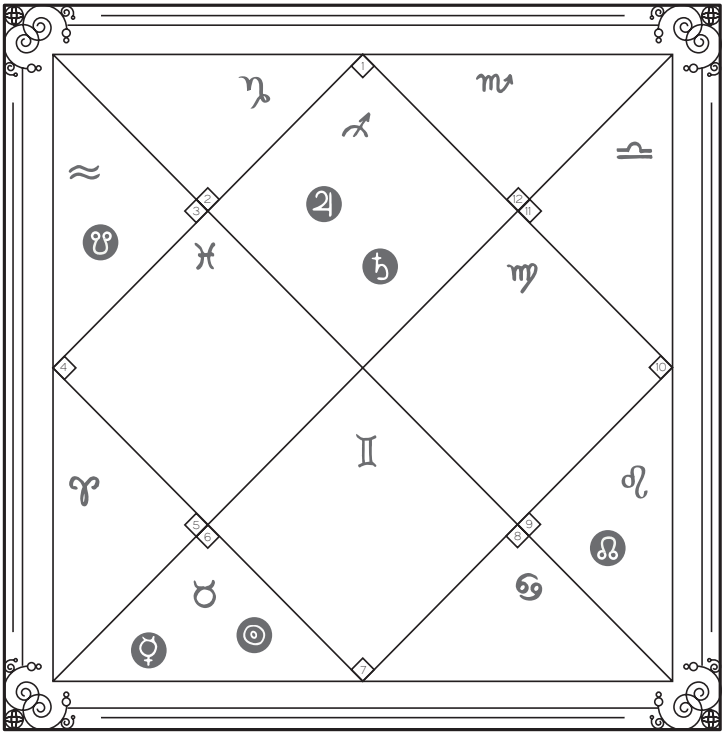
definitivamente desafortunados se manifestarão: "[...] caso Mercúrio esteja em seu signo de debilitação, em combustão, ou na 6ª, 8ª ou 12ª casa a partir do ascendente." Esse verso obviamente indica que Mercúrio é passível de estar no estado de combustão.

Em outros dos grandes clássicos, também aparecem referências similares. O *Jataka Parijata*, por exemplo, no capítulo 2, verso 64, menciona que Mercúrio pode ser "forte" quando em Gêmeos, Virgem ou Sagitário, caso não esteja "sob" a influência do Sol. O Sol, é claro, só teria uma influência negativa caso estivesse próximo, ou seja, causando combustão.

No clássico *Hora-sara*, capítulo 3, verso 10, confirma-se que Mercúrio é sujeito aos raios solares ao dizer: "Mercúrio recupera sua força assim que estiver longe da zona de combustão."

Já vi um horóscopo de uma mulher que tem Sagitário no ascendente. Mercúrio, é claro, torna-se regente da casa do casamento, a sétima, e está numa casa negativa, a sexta, com o Sol no mesmo grau!

Abaixo está o horóscopo em questão. Apenas alguns dos planetas em questão aparecem para proteger sua privacidade.



Agora, mesmo que haja uma conjunção de combustão do Sol e Mercúrio em uma casa negativa, o Sol como regente de um trígono normalmente ajudaria qualquer planeta. Todavia, como é um caso de combustão extrema, que ocorre no *mesmo grau*, o marido dessa mulher morreu cedo, e todas as tentativas subsequentes de casamento falharam, e nenhum relacionamento durou muito. Mercúrio se tornou tão aflito pela proximidade com o Sol que *não foi capaz de manter seu marido vivo* por muito tempo, o que dizer de seu marido se tornar alguém que atuasse como um provedor para a família e um companheiro de longa data. Até a data da escrita deste capítulo, ela é uma mulher na faixa dos 50 anos e que não teve nenhum casamento duradouro.

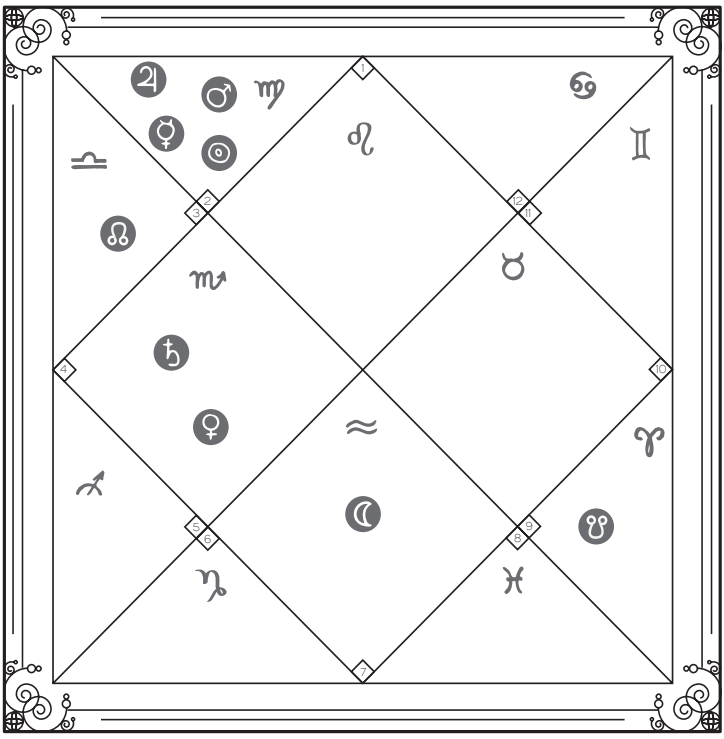
Embora não apareça, Vênus está estranhamente bem posicionado para um horóscopo que tenha Sagitário como ascendente, de

tal forma que não é parte do problema, nem poderia sobrepujar a aflição do regente da casa do casamento, Mercúrio.

Enquanto é verdade que há um Saturno muito negativo aspectando a casa do casamento, isso não seria suficiente para indicar a morte precoce do marido. Há muitas pessoas que nasceram sob Sagitário com o mesmo posicionamento de Saturno, mas não foram registradas a mesma quantidade de cônjuges mortos por conta de Saturno aspectar a casa do casamento sob Sagitário! Mas a conjunção de Mercúrio e do Sol no mesmo grau é praticamente um fenômeno momentâneo, e apenas pessoas muito específicas nasceram sob essa conjunção, de tal forma que resultados drásticos como esse devem ser fruto dessa conjunção de combustão.

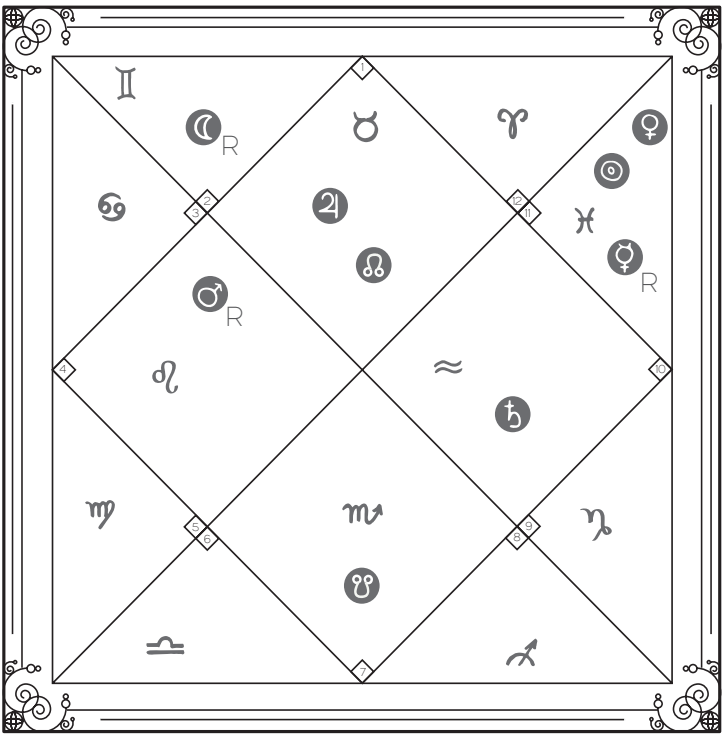
Assim, é verdade que Mercúrio também está sujeito à combustão pelos raios solares, tal qual todos os outros planetas.

Seguimos com o horóscopo de uma moça da América do Norte, uma pessoa muito conhecida pelo autor deste livro.



Entre 1981 e 1982, durante o principal período e subperíodo planetário de Júpiter-Sol, ela deu à luz uma criança. Júpiter é o regente da casa de filhos, a quinta. Pode parecer surpreendente, já que Júpiter está em estado de combustão extrema: o Sol e Júpiter estão a alguns minutos um do outro, muito menos de um grau. Um astrólogo poderia suspeitar de um aborto causado ou aborto espontâneo. Contudo, embora ela tenha dado à luz, ela entregou o bebê à adoção rapidamente. Havia uma aflição forte de Júpiter por conta da combustão, e ela de fato perdeu seu filho, mas não de uma forma ruim. Foi a melhor solução para o bebê.

Finalmente, trazemos o horóscopo de outra mulher da América do Norte.



Em seu horóscopo, a distância entre o Sol e Mercúrio é de meros vinte e três minutos, estando extremamente próximos. Mercúrio é o regente da casa dos filhos! A distância entre o Sol e Vênus é de cinquenta e dois minutos, ainda menos de um grau e muito próximo. Vênus é o regente da casa dos filhos a partir da Lua! Sim, ela sofreu um aborto quando era jovem, durante o principal período e subperíodo planetário de Saturno-Mercúrio.

O foco aqui é que, quando um planeta fica próximo demais do Sol, o que quer que esse planeta represente se tornará extremamente aflito, enfraquecendo-se o suficiente para não conseguir gerar resultados positivos. Isso ocorre especialmente quando a distância é de menos de um grau.

- CAPÍTULO VINTE E CINCO -

A REGÊNCIA DA DÉCIMA SEGUNDA CASA É NEUTRA

No *Bhavarta Ratnakara*, no capítulo que trata do ascendente em Virgem, páginas 33-34, há um fenômeno único no primeiro verso com referência à regência da décima segunda casa, ela sendo a casa da perda. Primeiro verso:

> Para uma pessoa nascida sob o ascendente em Virgem, se o Sol estiver relacionado a Vênus ou à Lua por conjunção mútua, aspecto etc., haverá acesso a fortunas durante o período principal do Sol.

Este fenômeno é um fato observável, mas, no *Brihat Parashara Hora Shastra*, há uma dica que provê a base para a compreensão dele, pois o grande Rishi nos diz que a regência da décima segunda casa é neutra. *A maioria dos planetas rege duas casas, de tal forma que favorecem os resultados da outra casa nessas situações* e não os resultados da décima segunda.

Lembrem, porém, que o Sol apenas rege um signo, Leão, e, assim, uma casa. Por esse motivo, o Sol é mais suscetível que outros planetas, especificamente a Vênus e à Lua. Dessa forma, temos uma base para entender o que Dr. B.V. Raman diz, em um comentário no livro, sobre o segundo verso:

> Enquanto o Sol for o regente da décima segunda para Virgem, ele não fornecerá resultados individuais. Ele compartilha uma porção dos resultados de planetas com os quais estiver em conjunção ou for aspectado.

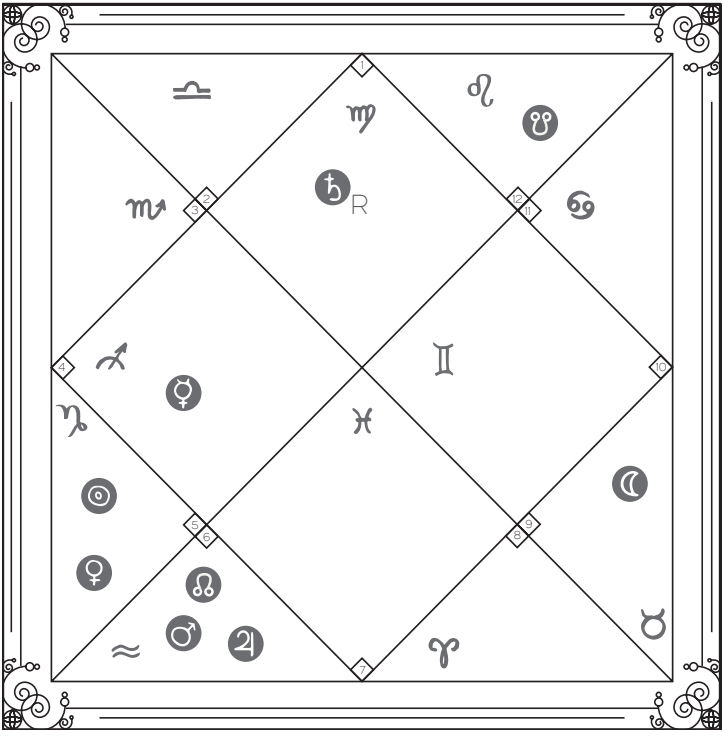
O resultado disso é que o Sol, ao ser regente da décima segunda, fica habilitado e passa os resultados de Vênus e da Lua.

O segundo verso segue com a descrição:

> A pessoa se torna desprovida de fortuna durante o principal período venusiano. Resultados misturados podem aparecer durante o principal período da Lua.

Aparentemente, os resultados de Vênus poderiam ser absorvidos pelo Sol, e não sobrará muito para Vênus entregar. Obviamente, a Lua permanece com um pouco mais.

A seguir, temos um exemplo de um horóscopo de uma mulher cuja conjunção Vênus-Sol mostra essa questão astrológica até um certo ponto.



Em 1984, essa mulher me disse que ela e seu marido haviam investido em ouro justamente antes do período e subperíodo de Júpiter-Vênus. Agora, ela havia estudado um pouco de astrologia e aprendera que Júpiter não estava em uma posição que indicasse bons resultados de investimentos, mas sentiam que Vênus, como regente do subperíodo, sendo um regente positivo de casas e ocupando a própria casa dos investimentos, daria alguns resultados positivos. Ela me disse, porém, que a *performance* de Vênus fora medíocre e decepcionante, mas que não perderam nada.

O próximo subperíodo era do Sol, Júpiter-Sol. A *performance* foi positiva – melhor do que esperavam do regente da décima segunda –, de modo que foi uma boa surpresa.

O texto do *Bhavarta Ratnakara* fala sobre os regentes dos principais períodos planetários. Porém, vemos que, mesmo a nível de subperíodos, algumas análises sobre a performance dessa regência da décima segunda podem ser vistos. Intérpretes de horóscopos devem manter esse fato em mente.

- CAPÍTULO VINTE E SEIS -

TEMPO E DIAS DO FUTURO, QUE JÁ SE PASSARAM

Este capítulo apareceu no formato de artigo na edição de março de 2010 da revista Modern Astrology.

Na *Bhagavad-gita*, capítulo 11, verso 32, Sri Krishna explica: "Eu sou o tempo, o grande destruidor dos mundos." (*kalo 'smi loka kshaya krit pravriddha*). Sri Krishna fala do Tempo na primeira pessoa. Em relação a Suas outras agências e energias, Ele nunca usa a mesma pessoa. Por exemplo, Ele Se refere à natureza material no capítulo 9 da *Bhagavad-gita* com o pronome possessivo: "Esta natureza material, que é uma de Minhas energias." (*mayadyakshena prakriti*) Mas Sri Krishna menciona o Tempo em primeira pessoa, indicando que Ele não é separado do Tempo. (No *Vishnu Purana*, capítulo 14, tradução de Horace Hayman Wilson, há respaldo para este conceito, referindo-se à "[...] Suprema Personalidade de Deus, que é una com o Tempo").

O papel do Tempo como início e fim é geralmente bem compreendido, mas, nos versos 33 e 34 (capítulo 11 da *Bhagavad-gita*), a natureza complexa do Tempo é aludida da seguinte forma:

> Vença seus inimigos e desfrute um reino próspero. *Por Meu arranjo, eles já estão mortos*, e você, ó Savyasachi, é apenas um instrumento na luta. Drona, Bhisma, Jayadratha, Karna e outros grandes guerreiros já foram destruídos por Mim. [grifo nosso]

Através dessa explicação, Sri Krishna aborda um aspecto intrínseco do Tempo e indica como o Tempo realiza sua função de trazer o destino. Como algo que ainda vai ocorrer pode já ter ocorrido?

Não é uma forma poética ou bonita de dizer que um resultado está garantido. Sri Krishna, ao comentar sobre o Tempo, introduz um conceito que a filosofia ocidental não foi capaz de compreender desde o início de sua existência. Quão inesperado é, então, quando alguns músicos dos anos de 1960, The Moody Blues – que eram bastante influenciados pelas linhas de pensamento orientais –, cantaram sobre o conceito de *"Days of the Future, Passed"* (Dias do Futuro, que Já se Passaram).

Para compreender melhor esse conceito, consideremos o exemplo de uma jovem que sonha com seu pai. Digamos que ela sonha que seu pai está no hospital após um ataque cardíaco e conectado a vários tubos e máquinas, cercado pela equipe médica que tenta salvar sua vida. Ela vê um quadro na parede e um vaso na cômoda. De repente, ela acorda e pensa: "Bem, não pode ser *meu* pai, já que *ele* está bem de saúde." Duas semanas depois, o pai dela sofre um ataque cardíaco e vai para o hospital. Ela recebe uma ligação, vai até lá e sente um *déjà vu*, vendo a mesma cena com a qual sonhara duas semanas antes. O que realmente aconteceu com essa moça?

Em seus sonhos, ela acessou reinos astrais e etéreos sutis, experenciando um evento antes que ocorresse no mundo físico. No livro *The Ultimate Reality*, Joseph H. Cater, explica "o como e o porquê" desses fenômenos (páginas 433-437).

> Alguém pode ter uma experiência realista de um evento futuro caso se sintonize com o que está planejado para o futuro.
>
> Esse tipo de experiência não engloba todos os casos de uma sensação de deslocamento temporal. Já que partículas da matéria em planos superiores são mais ativas do que as que estão nos inferiores, os eventos que ocorrem mais acima ocorrem em uma frequência de ondulação de partículas mais alta e também ocorrem mais rapidamente. Isso significa que pequenas unidades de tempo devem ser empregadas nos planos superiores. A consciência automaticamente se ajusta a essas mudanças, de tal forma que os habitantes desses planos não percebem. Relatos de seres que residem nos planos astrais e perderam seus corpos materiais recentemente corroboram esse fato. Um caso notável encontrado

pelo autor envolve uma pessoa que aparentemente passara muitos meses em um plano astral desde sua morte. A essa altura, ele foi informado, para sua surpresa, que alguns guias o levariam até o plano físico para que pudesse assistir a seu funeral. O funeral ocorreu três dias depois de sua partida, apesar do que ele achou que vários meses haviam transcorrido. O universo do misticismo é rodeado de casos parecidos, mas o motivo dessa anomalia sempre escapa daqueles que pesquisam esse assunto. É esperado que interpretações errôneas em relação às propriedades do tempo sejam sempre usadas na descrição desses incidentes. Uma das explicações mais populares é a conclusão de que o tempo não existe nos planos astrais!

Muitos eventos que acontecem nos planos intermediários entre o físico e o astral seguem padrões que posteriormente ocorrerão no plano físico, de acordo com o planejamento. Isso é similar a um ensaio antes da produção real, e segue o Segundo Axioma Hermético. Uma ideia ou plano geralmente precisa ser testado para se averiguar a coerência, e mudanças precisam ser feitas, antes de ser aplicado em grande escala. Várias das regiões nesses planos intermediários têm contrapartes no plano físico. Esses seres acima da maioria da humanidade, que têm papeis importantes a cumprir no drama da vida, também têm encarnações nos planos intermediários e nos físicos. Assim, alguns eventos projetados para ocorrer no plano físico já ocorreram em planos superiores. Isso e certos computadores cósmicos são responsáveis pela acuidade da visão de eventos futuros, transmitidas a profetas durante o curso da história. Alguns indivíduos talvez tenham sido transportados temporariamente para esses planos para ter vislumbres de algumas condições da Terra, que devem ocorrer em algum momento no futuro. Essas experiências supostamente incluem conversas com habitantes em alguns casos. Cada pessoa nesses casos pensou que era um viajante do tempo ou que havia passado por algum portal temporal para o futuro. [...]

Todos os paradoxos relativos a tempo e espaço estão dentro do escopo desse conceito. A criação de uma atividade em uma

> forma envolve o fluxo de energia e, consequentemente, o fluxo do tempo.
>
> O tempo é inseparável de tudo isso, assim sendo parte integral de tudo, inclusive da criação. Entende-se que tudo que é independente do tempo não é a criação. Espaço também entra nesta categoria! Ele é um vazio sem forma do infinito em três, e somente três, dimensões. É isso. Alguém fica ciente de sua existência através da criação ou do fluxo de energia, somente, o que só pode correr nessas três dimensões.
>
> O absurdo proposto com essa frase supostamente profunda, "além do tempo e do espaço", geralmente é usado por professores de metafísica e escritores, e esse absurdo deveria ter sido percebido há um tempo. Um ser vivo é dependente tanto de tempo quanto de espaço para existir. Seria uma conquista e tanto ir além do tempo e do espaço.

Em outras palavras, eventos no plano material são antecipados nos vários planos astrais e etéreos. Temos uma experiência pequena nesse assunto, no sentido de que podemos ver como os eventos ocorrem muito mais rapidamente no mundo astral dos sonhos do que no mundo físico, e como há menos inércia e gravidade nesses planos de existência. Por exemplo, em nossos sonhos, podemos pular até o pico de uma montanha, ou voar entre as nuvens. Outro assunto onírico é que só conectamos pedaços dos sonhos, pois os eventos ocorrem de maneira tão rápida que nosso cérebro físico não é capaz de acompanhar. "Partículas da matéria são muito mais ativas" do que no plano físico, pois há menos inércia e gravidade nos planos sutis do que no nosso denso plano físico. O tempo envolve a ocorrência de eventos anteriores nos planos superiores, sutis, astrais, etéreos, dos quais estamos cientes através de nossa consciência externa. Graças a Joseph H. Cater, nós temos agora uma explicação, uma justificativa, para essa questão revolucionária dos dias do futuro que já se passaram para compreender o tempo.

A origem dos eventos demonstrados nos nossos horóscopos deve advir de um estrato ainda mais sutil, ágil e etéreo que naquele mais lento dos nossos sonhos. Esse estrato mais rápido é onde os eventos principais de nossa vida já aconteceram antes de nosso

nascimento físico. Sim, eles já aconteceram antes de nascermos, nos rápidos planos etéreos! Em um contraste brusco, no estrato relativamente mais lento de nossos sonhos, eventos são experimentados semanas ou até dias antes de suas manifestações físicas. O estrato etéreo dos nossos sonhos, embora mais rápidos e sutis em comparação com nosso mundo físico, são lentos e grosseiros em comparação àquele no qual os principais eventos de nossa vida já ocorreram não somente semanas antes, mas sim anos antes de nosso nascimento. Daí a natureza multifacetada do conceito de dias do futuro que já se passaram.

Essa compreensão nos leva na direção da definição dos *karmas* dos nossos horóscopos. Eles são chamados de *prarabdha-karmas*, os *karmas* que estão se manifestando nos estratos sutis, mesmo que ainda não tenham se manifestado no mundo da nossa vida atual. Eles estão programados para se manifestar, e podemos dizer que eles ocorrerão, sem dúvida alguma, no nosso mundo físico, já que já ocorreram nos planos sutis. Esses *karmas* que vêm de reinos com frequências da matéria mais elevadas, mas que descendem até o plano físico, aparecem finalmente em nossos horóscopos, provêm os parâmetros dentro dos quais nosso livre-arbítrio opera (a oitava casa é diferente, ela representa principalmente os *sanchita/anurabda-karmas*, que estão no aguardo e não estão se manifestando ainda).

A bem da verdade, as indicações do horóscopo não são dependentes de *karma*. Podem ser indicações das vidas de almas libertas, devotos puros e *avataras*, que não possuem *karma* ao nascer. Isso é confirmado por A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, na explicação do capítulo 12, verso 12, do canto 1 do *Bhagavata Purana*:

> O destino de um homem, portanto, verifica-se de acordo com a conjunção de estrelas na hora do nascimento, e um horóscopo verdadeiro é feito por um astrólogo erudito. Essa é uma grande ciência, e o mau uso dessa ciência não a torna inútil. Maharaja Parikshit, ou mesmo a Personalidade de Deus, aparecem em determinadas conjunções de boas estrelas, e, desse modo, a influência é exercida sobre o corpo assim nascido num momento auspicioso. A mais auspiciosa conjunção de estrelas ocorre durante o aparecimento do Senhor neste mundo material, e é especificamente chamada de *jayanti*, uma palavra

> da qual não se deve abusar usando para outros propósitos. Maharaja Parikshit era não somente um grande imperador *kshatriya*, mas também um grande devoto do Senhor. Assim, ele não poderia nascer num momento inauspicioso. Assim como um lugar e tempo apropriados são selecionados para receber uma personalidade respeitável, da mesma forma, para receber uma personalidade como Maharaja Parikshit, que fora protegido especialmente pelo Senhor Supremo, escolhe-se um momento adequado, quando todas as boas estrelas se reúnem para exercer sua influência sobre o rei. Assim, ele nasceu apenas para ser conhecido como o grande herói do *Srimad-Bhagavatam*.

O Tempo não é uma agência do Senhor Supremo, mas, sim, uma de Suas formas. O estudo da astrologia é um estudo do Tempo e não somente *karmas*. O Tempo abarca o *karma*, mas a astrologia não se limita a eles, pois indica a livre vontade do Senhor (destino) em sua forma do Tempo, mesmo quando é o caso de almas puras que não carregam *karma* algum. O ponto-chave aqui é lembrar que a vontade de Vishnu/Krishna é indicada pelo fenômeno astrológico, ou seja, o estudo do Tempo.

Astrologia, assim, não deve ser considerada um poder separado da vontade de Deus. A ideia *não* é similar ao conceito cristão de Deus e do Diabo. De acordo com cristãos, o Diabo existe como uma forma separada de poder, alheia aos planos divinos. A astrologia não deve ser vista dessa forma. Sri Krishna diz: "Eu sou o Tempo"!

A influência do Tempo não é uma questão de energias impessoais que fluem de formas sugestivas. O Tempo é pessoal. Quando Sri Krishna menciona: "*Por Meu arranjo, eles já estão mortos*, e você, ó Savyasachi, é apenas um instrumento na luta. Drona, Bhisma, Jayadratha, Karna e os outros grandes guerreiros já foram destruídos por Mim", Seu comentário se refere a pessoas que Arjuna *conheceu* pessoalmente, pessoas com as quais ele havia *convivido,* que estavam na frente dele no campo de batalha de Kurukshetra. Não há nada impessoal sobre o Tempo, senão que é uma forma da Suprema Personalidade de Deus, e tem impacto infalível em cada entidade viva no mundo material.

Ele é representado por Kalarupa, a forma do Senhor como o Tempo, o Zodíaco. E uma vez que a Roda do Tempo, o Zodíaco, começa a girar, tudo que estava programado na encarnação de uma pessoa acontecerá. Nada pode pará-la, porque ela não é nada mais nada menos do que a forma do Senhor Supremo.

No tocante às entidades vivas que não são almas livres, Hridayananda Dasa Gosvami Acharyadeva fornece uma analogia apropriada, em seu comentário ao canto 12 do *Bhagavata Purana*, para descrever como as entidades vivas barganham seu livre-arbítrio e se atrelam ao *karma*. Ele escreve que é como embarcar em um avião. Quando alguém entra em um avião, aquela pessoa está atrelada àquela ação. Ela não pode decidir mudar seu destino e simplesmente sair do veículo em pleno voo. Ela está presa àquela decisão inicial e deve permanecer em voo por um tempo.

Além disso, Acharyadeva explica que essa decisão abre margem a uma miríade de escolhas. Por exemplo, ela pode ter inicialmente escolhido ir de classe econômica e, então, decidir subir para a primeira classe. Ou então assistir a um filme, ou ouvir música. O ponto é que esse exercício de livre-arbítrio nunca é negado, mas, sim, parcialmente tolhido pelos ambientes e parâmetros do *karma* e reações específicas. Há escolha, mas não tantas quanto podemos imaginar. Esses *karmas* já programados, já em andamento, são *prarabdha-karmas*, são absolutos para as almas terrenas e serão experienciados.

Os *karmas* que são como sementes, e que são adiados e passados para frente, digamos, de uma vida para a próxima, são os *karmas* de nome *sanchita/anurabda*. Esses *karmas* não são absolutos no sentido de que não começaram ainda a se manifestar, não estão programados no horóscopo e sua ocorrência não é iminente. É possível que sejam mitigados antes de sua irrevogável manifestação, provavelmente através da oração e outras formas de devoção.

Dessa forma, concluímos que o livre-arbítrio é limitado, embora o Tempo seja absoluto, já que representa a vontade do Senhor. Também concluímos que os *prarabdha-karmas* indicados pelo estudo do Tempo, o horóscopo, acontecerão, pois já tiveram início nos planos sutis da existência.

Igualmente importante é concluir que astrólogos precisam ter muito cuidado ao prescrever uma melhora do *karma* através de pedras preciosas e joias. É verdade que Parashara Rishi prescreve adoração a deidades planetárias, oração e caridade a *brahmanas* como maneiras de remediação. Ele explica que o criador (Brahma) instruiu as deidades que presidem os planetas a "fazerem o bem àqueles que os adorarem" (capítulo 84 do *Brihat Parashara Hora Shastra*). No entanto, ele não prescreve pedras, mas apenas *mantras* e adoração a deidades planetárias. A astrologia relacionada a pedras não aparece na literatura clássica. Quaisquer ideias de remediação de *karma* precisam compreender que os *prarabdha-karmas* indicados no horóscopo já possuem *momentum* iniciado em planos superiores, envolvendo nossas contrapartes etéreas, e se manifestarão de qualquer forma no plano físico. São dias que já se passaram!

- CAPÍTULO VINTE E SETE -

COMPATIBILIDADE DE CASAMENTO: É POSSÍVEL FORJAR UM DESTINO?

Astrólogos védicos realizam a compatibilidade *kuta*, uma análise da compatibilidade para o casamento, com tanta frequência que, no ocidente, já se considera parte do procedimento padrão védico. É possível encontrar isso tanto na Índia quanto no ocidente, e muitos astrólogos e leigos consideram que a análise dessa compatibilidade é o melhor caminho para construir um destino com um cônjuge.

Essa análise chamada compatibilidade *kuta* refere-se a um método de comparação das posições lunares em cada mapa dos pretendentes a noivo e noiva, especialmente a posição no asterismo. Esse método fornece um resultado numérico. Como a Lua é um indicador da mente e das emoções de alguém, essa linha de pensamento astrológica, incluindo *kuta*, é a linha de que é uma técnica relevante.

Porém, há um total de sete planetas principais, nove com Rahu e Ketu, mais o ascendente. Além disso, a casa do casamento deve ser considerada junto à casa do casamento a partir da Lua, regentes de ambas as casas, o *navamsha* (mapa divisional de nove partes) que se relaciona diretamente a casamento e o planeta Vênus. Então, essa compatibilidade numérica que advém da compatibilidade *kuta* não é tão abrangente, não sendo um indicativo por si só.

Se esses indicadores, como um todo, indicarem um destino infeliz ou turbulento para a vida marital, então nem toda a habilidade astrológica do mundo, por qualquer análise que seja, será capaz de impedir tal destino astrológico negativo de ocorrer. Para enfatizar: de que adiantará uma análise de compatibilidade se o destino prevê

uma vida marital turbulenta? Pode ser um fator para *reconhecer* um cônjuge destinado.

Mas, compatibilidades à parte, existem indicadores na literatura astrológica para construir um destino marital novo, ou qualquer um, que seja diferente do que aparece no mapa? O único comentário que conheço que segue esse caminho aparece no *Brihat Parashara Hora Shastra*, no qual Parashara Muni recomenda oração e adoração no altar como forma de amenização do *karma*.

Certamente, essas linhas que utilizam pedras não são práticas reconhecidas por Parashara para minimizar manchas astrológicas. Às vezes, *brahmanas* hindus modernos banham essas supostas pedras astrológicas em iogurte, e cantam *mantras* sobre elas, mas, de acordo com o *Rig-veda*, durante kali-yuga, esses *mantras* não serão eficazes, e, novamente, pedras de *brahmanas* durante Kali-yuga não são corroboradas por nenhuma base literária como uma proteção contra o destino.

E se a compatibilidade *kuta* for ótima, isso significa que seu *karma* de casamento inclui um parceiro compatível e uma vida tranquila? Não! *Um homem pode ser compatível com várias mulheres, mas acabar se casando com alguém não compatível,* e vice-versa. Essa é a realidade da vida, é o destino, e o destino é mostrado no horóscopo!

Quando analisamos a compatibilidade *kuta* sob essa luz, ela vira uma nota de rodapé, que fornece tudo aquilo que poderia ter sido, *mas não foi*, um vislumbre esperançoso. Novamente, é preciso analisar o horóscopo em si para entender o que irá se manifestar ao longo do tempo. Nenhum astrólogo que sonha que ele é o casamenteiro supremo pode mudar o destino de alguém por comparar mapas de compatibilidade ou prescrever pedras.

No assunto de *karma* nos horóscopos, lemos no *Srimad-Bhagavatam* acerca da visita do grande astrólogo Gargamuni ao lar de Nanda Maharaja quando o *avatara* Krishna nasceu. A parte difícil é entender o que lemos, e compreender o que está *descrito* e escrito.

No canto 10, capítulo 8, verso 5 do *Bhagavatam*, temos um trecho falado por Nanda Maharaja ao grande Gargamuni:

> Ó grande pessoa santa, compilaste o conhecimento astrológico pelo qual alguém pode compreender o passado e o presente de coisas não vistas. Pela força deste conhecimento, qualquer ser humano pode compreender o que fez em sua vida pregressa e como isso afeta a sua vida presente. Isso te é sabido.

Só que não há nenhum trecho referente à possibilidade de manejar ou contornar os *karmas* de uma pessoa para sobrepujar o destino através do conhecimento astrológico. Nanda Maharaja não requisita ao grande astrólogo que ajude seu filho a contornar as reações *kármicas* negativas através da astrologia. Tais pedidos dos requerentes aos astrólogos não aparecem na literatura védica. Apenas o *reconhecimento* aparece no verso, dizendo que alguém será capaz de *reconhecer* como as atuais circunstâncias se manifestaram através do *karma*, e reconhecer o que ocorrerá no futuro no plano físico, até *reconhecer* um cônjuge em potencial.

A ideia é que alguém nasce com *karmas*, incluindo os maritais, e que eles estão descritos no horóscopo, e acontecerão. Esses *karmas* são conhecidos como *prarabdha-karmas*, ou *karmas* que já estão se manifestando. Têm a mesma classificação que aqueles descritos no capítulo 11 da *Bhagavad-gita*, quando Arjuna testemunha os grandes guerreiros *já* nos dentes de Kalarupa, a Forma do Tempo, o Zodíaco. Sri Krishna explica que eles *já haviam sido mortos* por Sua Forma do Tempo e que Arjuna seria seu instrumento de execução no plano físico. As partículas se movem muito mais velozmente no plano etéreo do que no físico, e não é como se houvesse indicações no horóscopo de coisas que *podem acontecer,* mas sim a ideia de que *ainda* não ocorreram. Não havia opção de *mudança* quando na situação de Sri Krishna com Arjuna, então também não haveria para nós.

A Alma Suprema de Vishnu é perfeita e completa.

om purnam adah purnam idam
purnat purnam udacyate
purnasya purnam adaya
purnam evavashishyate

"Deus, a Pessoa Suprema, é perfeito e completo. Sendo completamente perfeito, tudo que emana dEle,

> como, por exemplo, este mundo fenomenal, é perfeitamente equipado como todos completos. Tudo o que é produzido pelo Todo Completo também é completo em si mesmo. Porque Ele é o Todo Completo, muito embora tantas unidades completas emanem dEle, Ele permanece o equilíbrio completo."

Como Deus é o Todo Completo, isso significa que todas as qualidades também estão presentes nEle. Assim, é natural que Deus seja imparcial. Se Ele permitir que a alma de uma pessoa específica seja liberta das reações *kármicas*, então Ele teria de fazê-lO para todas as outras almas. Caso contrário, Ele estaria sendo injusto. Então, não percamos tempo em apagar *karmas* de horóscopo que já estão se manifestando, *prarabdha*, ainda mais com pedras. O futuro já era uma realidade que possui a obrigação de se manifestar, independentemente de qualquer compatibilidade *kuta* ou pedras.

O conceito de *karma* nos horóscopos, que se manifestam sob a égide do tempo, são relevantes considerando que a astrologia é o estudo do tempo, e Sri Krishna nos diz que "Eu sou o tempo", na primeira pessoa. O Tempo não é algo que pertence a Sri Krishna, mas sim Ele mesmo; o Tempo é uma de Suas formas ativas.

O exemplo de um ventilador pode ser aplicado de maneira apropriada à natureza dos *prarabdha-karmas*. Quando tiramos o ventilador da tomada, suas hélices continuam a girar pela inércia, inércia essa que não precisa de estímulos extras. De maneira parecida, um praticante de *sadhana* (vida espiritual) pode evitar novos *karmas*, mas não será impedido de receber os *prarabdha-karmas* que já estavam em andamento nos planos astrais e etéreos. Mesmo que novos *karmas* sejam evitados, ainda assim se é responsável pelos *prarabdha--karmas* anteriores no horóscopo.

Especificamente no assunto casamentos, podemos analisar o canto 4, capítulo 13, verso 39 do *Bhagavata Purana*, em que A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada diz:

> Caso os cálculos astrológicos indiquem uma combinação perfeita, então o casamento acontece. [...] Às vezes, o Senhor arranja uma esposa lamentável para um devoto, de forma que,

> gradualmente, por motivos familiares, esse devoto se afasta da esposa e de sua família e acaba se desenvolvendo na vida espiritual.

Como um astrólogo poderia contradizer a intenção da Suprema Personalidade de Deus com pedras?

Um ponto mencionado aqui é que o Senhor realiza o que chamamos de "arranjos *kármicos*", por assim dizer, para seu devoto, arranjando assim seu nascimento. Neste sentido, em um trecho do canto 6, capítulo 1, verso 48, Srila Prabhupada diz:

> Não se deve considerar Yamaraja como um ser qualquer. [...] Ele teve completo apoio da Suprema Personalidade, que Se situa no coração de todos. [...] Yamaraja pode decidir, em consonância à Suprema Personalidade. [...] As decisões factuais relativas à próxima vida das entidades vivas são feitas pela Suprema Personalidade e executadas por Yamaraja.

Este verso menciona que Yamaraja pode observar as atividades de uma entidade viva a partir de sua própria morada ou a partir do coração de todos, da mesma forma que a Suprema Personalidade o faz, e que ele então compreende como cada uma delas agirá no futuro.

Agora, se tanto a Suprema Personalidade quanto Yamaraja decidem os eventos futuros na vida desse ser vivo, e que essas ações estão indicadas no horóscopo como já tendo acontecido, de acordo com nosso exemplo da *Bhagavad-gita*, os *prarabdha-karmas*, então o horóscopo deve ser visto como uma cronologia projetada pela Suprema Personalidade. Por esses motivos, o destino *prarabdha* do horóscopo não pode ser sobrepujado por nenhum astrólogo, usando nenhuma técnica, testes de compatibilidade ou através de pedras astrológicas. Quando Srila Prabhupada diz que "[caso] indiquem uma combinação perfeita, o casamento acontece", então precisamos entender que o significado deste trecho implica que o astrólogo apenas reconheceu o que já estava ali, *reconheceu* as peças já dispostas pela Suprema Personalidade, em Sua forma do Tempo. Um arranjo futuro que já estava indicado no firmamento superior, antes do nascimento da pessoa.

No caso de compatibilidade de casamentos, a Suprema Personalidade organiza para que uma moça, uma companheira, um indivíduo específico, apareça na vida de um homem ou vice-versa, e isso é demonstrado no horóscopo. O astrólogo não executa, nem é uma deidade terrestre que modifica os arranjos do destino já estipulados pela Suprema Personalidade. Aquele astrólogo que pensa assim já está fadado ao erro. Como prova, temos estas duas definições de Srila Prabhupada mencionadas anteriormente, indicando que os eventos na vida de alguém são definidos pela Suprema Personalidade de Deus.

Não é como se tivéssemos um estoque de *karma* impessoal que pode ser usado como combustível e distribuído conforme a vontade própria. O filósofo alinhado a Shankara pode retrucar dizendo que, depois da libertação, a perfeição existe em um contexto homogêneo, mas mesmo ele admitiria que, dentre a estrutura do mundo material, variedade e individualidade estão em todos os lugares, e que são a força que move todas as energias, desde o criador Brahma em diante. O destino se manifesta na forma das pessoas que encontramos enquanto viajamos na estrada eterna através do *samsara*, o ciclo de nascimentos e mortes, e esses arranjos que envolvem outras almas únicas e contextos foram organizados pela Personalidade Suprema, e não por um astrólogo que quer vender pedras como outros que também o fazem.

Especificamente, o episódio retratado no capítulo 11 da *Bhagavad-gita* nos ajuda a manter o elemento da individualidade em jogo, já que descreve pessoas específicas pelo nome, como Karna e Bhisma, que foram vistos por Arjuna ao serem devorados por Kalarupa, a Forma do Tempo, ou seja, o Zodíaco. Assim, o que está sendo descrito na *Gita* é um processo astrológico, no qual o Tempo se desenrola, em que pessoas/indivíduos experimentam o destino novamente como *prarabdha-karma* no plano terreno após nascerem. Isso nos foi mostrado na *Bhagavad-gita* para demonstrar como o Tempo funciona.

É natural que os indivíduos que Sri Krishna mencionou encontraram suas mortes no plano terreno; tal morte já havia sido prescrita por aquelas que ocorreram nos planos sutis, etéreos, na Kalarupa, o Zodíaco do Tempo. Seguindo essa lógica, **podemos concluir que uma pessoa casa com alguém em um plano etéreo, sutil,**

e então aquele destino manifesta-se no plano físico, isso exposto no firmamento, e no mapa do horóscopo. Nesse sentido, há como se fosse um elemento de reação em cadeia relacionado ao destino e indicações no horóscopo, desde o plano etéreo até o plano físico, mas tudo em um contexto pré-definido, de contatos entre pessoas e destinos.

Novamente, não parece que uma pessoa tenha um estoque de *karma* que é desenvolvido apenas por escolhas pessoais. Cada alma não escolhe seus pais, irmãos, filhos, local, data de nascimento etc. Já que o casamento com alguém ocorre no plano sutil, etéreo, antes mesmo que nasçamos, seria inocente demais dizer que o astrólogo forja um destino novo com a ajuda de intervenções astrológicas. O indivíduo pode apenas realizar o que sobra de seu livre-arbítrio dentro do contexto de um destino pré-traçado. O livre-arbítrio completo já foi barganhado em vidas pregressas, e há responsabilidades específicas a se aceitar por essas decisões.

É nesse contexto que o *prarabdha-karma* se manifesta, e é apenas além dele que existe de fato o livre-arbítrio de uma alma específica. Por exemplo, quando falamos de um relacionamento como o casamento, há uma quantidade momentânea de livre-arbítrio envolvida. Novamente, até onde estamos falando desse cônjuge, não é como se o nativo não tivesse livre-arbítrio nessa escolha; é só que essa escolha já foi realizada numa vida pregressa, e o destino indicado nos resultados do mapa astrológico.

Mesmo assim, a alma ainda acredita que tem controle sobre suas escolhas.

Na *Bhagavad-gita*, capítulo 3, verso 27, o Senhor diz a Arjuna:

prakriteh kriyamanani
gunaih karmani sarvashah
ahankara-vimudhatma
kartaham iti manyate

> "Confusa, a alma espiritual que está sob a influência do falso ego julga-se a autora das atividades que, de fato, são executadas pelos três modos da natureza material."

O leitor já deve saber que os planetas e o zodíaco representam esses modos da natureza material: bondade, paixão e ignorância, e suas misturas. Através da influência planetária e eletromagnetismo estelar, esses modos e suas ações concomitantes, comportamentos, destinos provocados, todos são impostos nos corpos físicos e sutis no nascimento. E aparecem no horóscopo como destino.

Em uma palestra gravada pela *The Bhaktivedanta Book Trust* do Mediterrâneo, A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada comenta sobre o destino e a futilidade de tentar melhorá-lo.

> Um homem vive numa favela, e outro em um grande palácio. Então, não é possível dizer que, por esforço, "eu poderei viver em um palácio, e deixarei essa casa pobre na favela", pois o destino existe. Assim, o corpo é feito de acordo com nosso último *karma*, e isso é o que se chama destino. A felicidade e o sofrimento correspondentes ao nosso corpo *já foram pré--definidos. Não é possível mudá-lo, nem para melhor nem para pior, além do que já foi estabelecido.*[1]

> Então, nossas vidas deveriam ser usadas para a compreensão da verdade absoluta, e não para desenvolvimento econômico. Não se pode aproveitar [o crescimento econômico] além do que já lhe foi destinado; não é possível melhorar tal fato. Já está estabelecido. *Você não pode melhorá-lo, nem para melhor, nem para pior, do que já foi estabelecido.*[2]

É senso comum que o horóscopo demonstra o destino.

A parcela de livre-arbítrio de um ser vivo já foi exercida e barganhada de maneira extensa antes do nascimento, e, por já ter esse vínculo, esse ser vivo não é exatamente livre para sair por aí e escolher sua companhia de casamento entre as pessoas disponíveis! Depois de estar envolvida no *karma*, esse ser vivo não consegue ser o agente *absoluto*, ou aquela que conquista suas coisas, senão que ele sempre *estará sujeito* ao *karma* e ao Tempo. Como é possível termos livre-arbítrio para casar-nos de acordo com nossas vontades,

1 – Gravação número PA 07-08A. Minuto 7:10.

2 – Gravação número PA 07-08A. Minuto 9:57.

ou mesmo para fazer qualquer outra coisa, se estamos sujeitos ao *karma* e ao Tempo? E se já estiver decidido por autoridades universais que duas pessoas têm um *karma* comum a resolver? As dívidas de *karma* e recompensas devem ser pagas. Então, como um astrólogo pode dizer que interfere nas decisões da Suprema Personalidade e Yamaraja através do uso de processos astrológicos que envolvem análise de compatibilidade e pedras? Essa análise simplista demais do livre-arbítrio não é correta. *Karma* não é uma questão que pode ser contrariada, que, com determinação, num bater de pés no chão e em uma decisão de última hora, pode ser superada através do livre-arbítrio. Ele já foi utilizado antes do nascimento atual, e, *nesta vida, só podemos exercer nosso livre-arbítrio dentro de um contexto kármico específico, que é o resultado de tudo.* Lembrem-se que estes *karmas* que estão se manifestando chamam-se *prarabdha-karmas*.

O que um astrólogo pode fazer é apenas reconhecer o futuro e interpretá-lo de forma passiva. A astrologia é um diagnóstico, não um corretivo. Parashara menciona que apenas os planetas teriam capacidade de minimizar os *karmas* daqueles que orassem e fossem devotos deles, não que mudariam os *prarabdha-karmas*. Os *agami-karmas*, gerados nesta vida, não modificam os *prarabdhas*, pois esses últimos já estão em progresso, iniciados pela roda do tempo, o Zodíaco do horóscopo, em planos sutis/astrais. Há outros seres vivos que já nasceram para resolver obrigações *kármicas* com o nativo do horóscopo e tudo já foi organizado pela Suprema Personalidade no coração de cada um. Tudo isso não para simplesmente porque um astrólogo comparou dois horóscopos e decidiu os resultados da compatibilidade *kuta* ou prescreveu uma suposta pedra astrológica! Por exemplo, como um cônjuge que já foi prescrito pela Suprema Personalidade e nasceu para tal destino mútuo poderia ser deixado de lado? Tendo seu nascimento inutilizado? Mudar o destino de alguém e seus *prarabdha-karmas* não é explicado desta maneira na literatura clássica.

Assim, baseando-nos nas escrituras, temos motivos o suficiente para acreditar que o cônjuge foi decidido pela Suprema Personalidade e especificamente demonstrado no horóscopo. É por isso que há uma casa específica para o cônjuge no horóscopo, a sétima. O *karma* de casamento é um *prarabdha-karma*, já se manifestou nos planos de existência etéreos, já está em vias de se manifestar no plano

físico. Assim, o dia do casamento de alguém na Terra é um dia futuro que já ocorreu antes mesmo do nascimento, envolvendo a existência etérea dessa pessoa (seguindo essa lógica, viajar para o futuro seria possível nos planos etéreos e astrais, pois ele já está ocorrendo nestes planos, ao contrário de viajar para o passado, pois o passado já se dissolveu).

O leitor já começa a compreender como o Tempo funciona? Sem essa compreensão do Tempo, a interpretação do horóscopo é simplesmente falha.

Digamos que, no máximo, esses testes *kuta*, análise dos asterismos, só nos auxiliam em analisar a compatibilidade, ou a falta dela. E então? O que isso realmente nos diz sobre o destino do casamento de alguém, da maneira como aparece no horóscopo, ou como ele se manifestará na vida de alguém de maneira inexorável? O que está descrito ali acontecerá de qualquer maneira, independentemente de compatibilidades *kuta* ou supostas intervenções astrológicas.

É bem verdade que esses testes de compatibilidade têm pouca importância e são apenas técnicas pontuais e incompletas que não indicam o *destino* do casamento de alguém. Não há nenhuma técnica na literatura clássica que permita *forjar o destino de alguém*. Não é essencial.

Para finalizar, os símbolos astrológicos indicam o destino de alguém como já definido por Yamaraja depois de consultar-se com a Suprema Personalidade. Isso não é algo que pode ser encarado de forma leviana ou sem a devida importância por astrólogos que buscam compatibilidade que não foram prescritas pela Suprema Personalidade. O necessário é que astrólogos busquem examinar o que existe no horóscopo, reconhecendo e confirmando o que ele diz referente ao casamento, e qual parceiro ou parceira propostos parece combinar com essas indicações existentes.

SOBRE O AUTOR

Dean Dominic De Lucia nasceu em Washington, D.C., E.U.A. Começou seus estudos sobre astrologia védica no final dos anos 70, realizando diversas viagens à Índia, onde aperfeiçoou toda a técnica pertencente àquela cultura, além de dominar o contexto religioso e cultural que a rodeia.

Desde então, o autor interpreta mapas através da astrologia indiana, o que lhe conferiu grande habilidade prática e maior ligação com esse sistema de predições. No mundo ocidental, Dean é um dos mais antigos praticantes dessa arte e, no Brasil, um de seus mais antigos praticantes.

O autor também é formado em Administração de Empresas pela Universidade de Baltimore, E.U.A., em Interpretação pela PUC - São Paulo e com diploma C-2 pela Universidade Pontifícia de Salamanca na Espanha. Desde 1992, publica artigos na Astrological Magazine e Modern Astrology, ambas revistas publicadas em Bangalore, Índia.

RELIGHARE